

ANNE RICE
De Amor e Maldade



ROCCO EDITORE



AS CANÇÕES DO SERAFIM

ANNE RICE

DE AMOR E MALDADE

TRADUÇÃO
ALEXANDRE D'ELIA

ROCCO ITALIA

Copyright © 2010 by Anne O'Brien Rice

Título original
OF LOVE AND EVIL
The Songs of the Seraphim

Todos os direitos reservados, incluindo o de reprodução no todo ou em parte sob qualquer forma. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora, foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, acontecimentos, ou localidades, é mera coincidência.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Conversão para E-book
Freitas Bastos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

R381d
Rice, Anne, 1941-
De amor e maldade [recurso eletrônico]/Anne Rice; tradução: Alexandre D'Elia. – Rio de Janeiro:
Rocco Digital, 2012.
recurso digital (As canções do Serafim)

Tradução de: Of love and evil
Formato: e-Pub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8122-014-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. D'Elia, Alexandre. II. Título. III. Série.

11-8406 CDD-813 CDU-821.111(73)-3

Para
meu filho,
Christopher Rice

e

Para
meu amigo
Gary Swafford

*Que você se torne meu ajudante. Que você se torne
meu instrumento humano para me ajudar
a fazer o que eu devo fazer na Terra.*

*Abandone essa vida vazia que você criou para si mesmo
e deposite em minhas mãos sua perspicácia,
sua coragem, sua sagacidade e sua rara beleza física.*

*Diga que está disposto, e que sua vida voltou
as costas para o mal. Confirme isso e você mergulhará
de imediato no perigo e no sofrimento de tentar fazer
o que é inquestionavelmente bom.*

O anjo Malchiah falando
a Toby O'Dare, em *Tempo dos anjos*

Deus aparece e Deus é luz amada
Para aqueles que na noite têm morada
E na forma humana se anuncia,
Para aqueles que vivem nas regiões do dia.
De Augúrios de inocência
– William Blake

Nós somos, cada um de nós, anjos com uma
única asa e só podemos voar abraçando-nos uns aos outros.
– Luciano de Crescenzo

CAPÍTULO UM

EU SONHEI COM ANJOS. EU OS VI E OS OUVI EM meio a uma maravilhosa e interminável noite galática. Eu vi as luzes que eram esses anjos, voando aqui e ali, em linhas de irresistível resplandecência, e alguns tão grandes quanto cometas que pareciam aproximar-se tanto, que tive a sensação de que o fogo me devoraria e, no entanto, não senti nenhum calor. Não senti nenhum medo. Não senti nenhum eu.

Eu senti amor ao meu redor nesse vasto e inconsútil domínio de som e luz. Eu me senti íntima e completamente conhecido. Eu me senti amado e amparado e parte de tudo o que via e ouvia. E, no entanto, sabia que não merecia nada daquilo, nada. E algo similar à tristeza tomou conta de mim e misturou a minha própria essência às vozes que cantavam, porque as vozes cantavam a meu respeito.

Eu ouvia a voz de Malchiah bem alta, brilhante e imensa dizendo que eu agora deveria pertencer a ele, que agora deveria ir com ele. Que ele me escolhera como seu companheiro e que eu deveria fazer o que me mandasse fazer. Como era forte e brilhante sua voz erguendo-se cada vez mais. No entanto, surgia contra ele uma voz menor, terna, lustrosa, que cantava acerca da minha vida na Terra e acerca do que eu deveria fazer; cantava acerca daqueles que necessitavam de mim e me amavam; cantava acerca de coisas comuns e sonhos comuns e se opunha a essas coisas que Malchiah desejava fazer com uma coragem irretocável.

Oh, que uma tal mistura de temas pudesse ser tão magnífica e que essa música me cercasse e me abraçasse como se fosse uma coisa palpável e adorável. Eu me encontro no colo dessa música e ouço Malchiah triunfando

ao chamar-me para si, ao declarar que eu lhe pertencia. A outra voz fraquejava, mas não desistia. A outra voz jamais desistiria. A outra voz possuía sua própria beleza e continuaria cantando para sempre, como cantava naquele momento.

Outras vozes se erguiam; ou estavam lá esse tempo todo. Outras vozes cantavam ao meu redor e acerca de mim, e essas vozes rivalizavam com as vozes angelicais como se estivessem respondendo a elas do outro lado de uma caixa-forte insondável. Formavam uma tecedura, essas vozes, as angelicais e as outras, e eu subitamente me dei conta de que pertenciam a pessoas que rezavam, que rezavam por mim. Eram pessoas que haviam rezado antes e que rezariam depois e num futuro distante e que rezariam sempre, e todas elas tinham a ver com o que eu talvez me tornasse, com o que talvez viesse a ser. Oh, triste alma diminuta que eu era, e como era grandioso esse mundo flamejante no qual eu me encontrava, um mundo que faz com que o próprio mundo em si pareça insignificante quando todos os limites e todas as medidas desaparecem.

Ocorreu-me a percepção sagrada de que todas as almas vivas eram objeto dessa celebração, desse infinito e incessante coro, de que todas as almas eram amadas como eu era amado, agora conhecidas da mesma maneira com que eu próprio era conhecido.

E como poderia ser de outra maneira? Como poderia eu, com todas as minhas falhas, todas as minhas amargas perdas, ser o único? Oh, não, o universo estava cheio de almas entretecidas nessa triunfante e gloriosa canção.

E todas eram conhecidas e amadas como eu era conhecido e amado. Todas eram conhecidas, e inclusive as pessoas que por mim rezavam tornavam-se parte de seu próprio glorioso desvelar no interior daquela interminável e dourada tecedura.

– Não me tire daqui. Não me mande de volta. Mas, se tiver de fazer isso, deixe-me fazer a Sua Vontade, deixe-me fazer isso com todo o meu coração – eu rezei e ouvi minhas próprias palavras tornarem-se tão fluidas quanto a música que me cercava e me sustentava. Ouvi minha própria voz particular e

determinada: – Eu Te amo. Eu Te amo, Você que fez todas as coisas e nos deu todas as coisas, e para Você eu farei qualquer coisa, eu farei o que quer que queira que eu faça. Malchiah, leve-me. Leve-me para Ele. Deixe-me fazer a vontade d’Ele!

Nem uma única palavra foi desperdiçada nesse grande útero de amor que me cercava, nessa vasta noite tão brilhante quanto o dia. Pois nem o dia nem a noite importavam aqui, e ambos estavam misturados e tudo estava perfeito, e as pessoas que rezavam erguendo-se e sobrepondo-se umas às outras, e os anjos que chamavam eram um único firmamento ao qual eu me rendia inteiramente, ao qual eu pertencia inteiramente.

Algo mudou. Mas, ainda assim, eu ouvia a voz chorosa daquele anjo implorando para mim, lembrando a Malchiah tudo o que eu deveria fazer. E eu ouvi a delicada admoestação de Malchiah e posterior insistência, e ouvi as rezas tão fervorosas, densas e esplêndidas, que tive a impressão de que jamais precisaria novamente de um corpo para viver ou para amar ou para pensar ou para sentir.

No entanto, algo mudara. A cena era outra.

Eu vi a grande elevação da Terra abaixo de mim e vaguei para baixo sentindo um calafrio lento, porém certo e doloroso. *Deixe-me ficar*, eu queria implorar, mas eu não merecia ficar. Não era o meu tempo de ficar, e eu tinha de sentir essa inevitável separação. No entanto, o que se abria agora para mim não era a Terra de minhas expectativas, mas vastos campos de trigo soprando dourados sob um céu tão vívido ao sol brilhante como eu jamais testemunhara antes. Em todas as direções, eu vi as flores silvestres, “os lírios do campo”, e eu vi sua delicadeza e sua resiliência com a força da brisa curvando-as para um lado e para o outro. Essa era a riqueza da Terra, a riqueza das árvores ao vento, a riqueza das nuvens juntando-se umas às outras.

– Querido Deus, jamais ficarei longe de Você, jamais Lhe desobedecerei, jamais O trairei – sussurrei –, pois isso aqui, tudo isso aqui Você me deu, tudo isso aqui Você nos deu a todos.

E, ao meu sussurro, seguiu-se um abraço tão íntimo, tão total, que eu chorei com toda a minha alma.

Os campos ficaram vagos e imensos, e um dourado vazio envelopou o mundo e eu senti o amor me abraçando, me tomando para si, como se eu estivesse sendo recebido em seu colo, e as flores mudaram e transformaram-se em massas de cores que eu não conseguia descrever. A própria presença de cores a nós desconhecidas tocou-me bem fundo e me deixou desamparado. *Querido Deus, como nos ama com tanta intensidade!*

Formas não mais existiam. Cores haviam se soltado sem esforço algum das formas, e a luz em si estava agora rolando como se fosse uma fumaça suave que se autoconsumia.

Apareceu um corredor e eu tive a impressão distinta, em palavras, de que havia passado por ele. E agora, ao longo do comprido corredor, vinha até mim a esguia figura de Malchiah, vestido como sempre, uma figura graciosa, como a de um jovem.

Eu vi seus cabelos escuros e macios, seu rosto oval. Eu vi seu terno escuro simples com linhas estreitas.

Eu vi seus olhos amáveis, e então seu lento e fluido sorriso. Eu o vi aproximar-se de mim com os dois braços.

– Amado – sussurrou ele –, preciso mais uma vez de você. Precisarei de você incontáveis vezes. Precisarei de você até o fim dos tempos.

A mim me pareceu, naquele momento, que as outras vozes começaram a cantar de seus corações, em protesto, em louvor, eu não sabia ao certo.

Eu queria abraçá-lo. Queria lhe implorar que me deixasse ficar um pouco mais com ele ali. Que me levasse novamente para os domínios das luzes celestiais. Eu queria chorar. Eu nunca soube chorar quando era pequeno. E agora, na condição de adulto, eu o fazia repetidamente, desperto e em sonhos.

Malchiah chegou com firmeza, como se a distância entre nós fosse bem maior do que eu supusera.

– Você tem apenas duas horas até eles aparecerem – disse ele – e vai querer estar preparado.

Eu estava acordado.

O sol da manhã inundava as janelas.

O ruído do trânsito vinha das ruas.

Eu estava na Suíte Amistad, no Mission Inn, recostado num ninho de travesseiros, e Malchiah estava sentado, tranquilo e calmo, numa das cadeiras com asas perto da lareira de pedra e me disse novamente que Liona e meu filho logo chegariam.

CAPÍTULO DOIS

UM CARRO OS PEGARIA NO AEROPORTO DE LOS ANGELES e os levaria diretamente para o Mission Inn. Eu dissera a ela que nós nos encontraríamos embaixo do campanário, que eu teria uma suíte para ela e para Toby – esse era o nome de meu filho – e que eu cuidaria de tudo.

Mas eu ainda não acreditava que ela viria realmente. Como é que poderia vir?

Eu desaparecera da vida dela, em Nova Orleans, dez anos atrás, deixando-a com dezessete anos e grávida, e agora eu estava de volta através de um telefonema da Costa Oeste, e quando eu descobrira que ela não era casada, nem mesmo comprometida, não estava sequer vivendo com alguém, quando eu descobrira isso, eu quase desmaiara no ato.

É claro que não podia contar a ela que um anjo chamado Malchiah me dissera que eu tinha um filho. Eu não podia contar a ela o que eu fazia, não só antes como também depois de conhecer esse anjo, nem quando ou como eu talvez pudesse voltar a vê-la.

Tampouco podia explicar que o anjo estava me dando um tempo para vê-la agora, antes de eu partir para mais uma missão para ele, e, quando ela concordou em voar até aqui para me ver, em trazer consigo o meu filho, Toby, bom, eu ficara num estado suspenso de júbilo e descrença.

– Olha, pelo que o meu pai acha de você – dissera ela –, é mais fácil tomar um avião e me encontrar com você na Costa Oeste. E é claro que vou levar o seu filho pra você conhecer. Você não acha que ele quer saber quem é o pai dele?

Ela ainda estava morando com o pai aparentemente, o velho dr. Carpenter, como eu me referia a ele naquela época, e não me surpreendia nem um pouco saber que ele passara a nutrir desprezo e desdém por mim. Eu entrara sorrateiramente com a filha dele em sua casa de hóspedes, e jamais sonhara durante todos esses anos que ela tivesse tido um filho em decorrência disso.

A questão é a seguinte: eles estavam vindo.

Malchiah desceu comigo até a calçada da frente. Era absolutamente óbvio para mim que outras pessoas podiam vê-lo, mas ele parecia totalmente normal, como sempre, um homem da minha altura e vestido com um terno de três peças bastante parecido com o que eu mesmo usava. A única diferença é que o dele era cinza e o meu, cáqui. Sua camisa era brilhante, ao passo que a minha era uma camisa azul de trabalhador, engomada, passada e combinando com uma gravata azul escura.

A mim, ele parecia um ser humano perfeito, seus olhos cheios de admiração vagando pelas flores e pelas altas palmeiras emolduradas pelo céu como se ele estivesse saboreando tudo. Ele parecia até estar sentindo a brisa e regozijando-se um pouco nela.

– Você está uma hora adiantado – disse ele.

– Eu sei. Eu não estou conseguindo ficar parado. Sinto-me melhor esperando aqui mesmo.

Ele fez que sim com a cabeça, como se isso fosse algo perfeitamente razoável quando, na realidade, era ridículo.

– Ela vai perguntar o que eu andei fazendo esse tempo todo – eu disse. – O que eu digo a ela?

– Você vai dizer apenas o que for bom para ela e para o filho de vocês – respondeu ele. – Você sabe disso.

– Sim, eu sei – concordei.

– Lá em cima, no seu computador – disse ele –, tem um documento longo que você escreveu chamado “Tempo dos Anjos”.

– Eu sei. Bom, eu escrevi aquilo enquanto esperava você voltar para mim de novo. Eu escrevi tudo que aconteceu na minha primeira missão.

– Isso foi bom – disse ele. – Uma forma de meditação, e funcionou muito bem. Mas, Toby, ninguém deve ler aquele documento, não agora, e, quem sabe, jamais.

Eu deveria ter imaginado isso. Eu me senti um pouco deprimido, mas compreendi. Com embaraço, pensei em como ficara orgulhoso em contar a minha primeira missão para os anjos. Eu me gabara para o Homem Certo, meu ex-chefe, que mudara de vida, que estava escrevendo sobre isso, que talvez algum dia ele encontrasse meu verdadeiro nome nas livrarias. Como se ele se importasse com isso, o homem que me enviara, sob a alcunha de Lucky, a Raposa, para matar diversas pessoas. Ah, que orgulho. Mas também, durante toda a minha vida adulta, eu jamais fizera nada antes que pudesse me dar orgulho. E o Homem Certo era a única pessoa nesse mundo com quem eu mantinha conversas regulares. Quer dizer, até eu conhecer Malchiah.

– Crianças dos Anjos vêm e vão assim como nós – disse Malchiah –, vistas somente por uns poucos, invisíveis e imperceptíveis para os outros.

Eu assenti.

– É isso o que sou agora? Uma Criança dos Anjos?

– Sim – disse ele, sorrindo. – Isso é o que você é agora. Lembre-se disso. Com isso, ele partiu.

E eu fiquei para trás, percebendo que tinha uns cinquenta minutos de espera até Liona chegar.

Talvez eu desse um passeio, tomasse um refrigerante no bar, sei lá. Eu sabia apenas que, de um momento para o outro, estava feliz, e estava mesmo.

Enquanto pensava nisso, girei o corpo e olhei na direção das portas do saguão, mas por nenhum motivo em especial. Vi uma figura lá, ao lado de uma das portas, que estava em pé de braços cruzados, encostada na parede, me encarando. Ele era tão vívido quanto qualquer pessoa ao redor dele, um homem alto como Malchiah, só que com cabelos arruivados e olhos azuis maiores, e vestia um terno cáqui idêntico ao meu. Dei-lhe as costas para evitar seu olhar fixo, e então percebi o quanto era improvável o cara estar

usando um terno exatamente igual ao meu, e me encarando daquela maneira, com uma expressão que beirava a raiva. Não, não era raiva.

Eu me virei. Ele ainda estava encarando. Era preocupação, não raiva.

Você é o meu anjo da guarda!

Ele fez que sim com a cabeça de modo quase imperceptível.

Uma incrível sensação de bem-estar instalou-se em mim. Minha ansiedade dissolveu-se. *Eu ouvi sua voz! Eu ouvi você com os outros anjos.* Eu estava fascinado e estranhamente reconfortado, e tudo isso numa fração de segundo.

Uma pequena multidão de hóspedes atravessou as portas do saguão, passando em frente a essa figura e obscurecendo-a. E, assim que eles viraram à esquerda para seguir por uma outra trilha, percebi que ele havia desaparecido.

Meu coração estava dando pulos. Será que eu vira tudo isso de maneira correta? Será que ele estivera de fato me encarando e mexera a cabeça para mim?

Meu retrato mental do evento estava sumindo rapidamente. Alguém estivera em pé ali, sim, era evidente, mas agora não havia como verificar o que acontecera; não havia como submeter a coisa a qualquer tipo de análise.

Tirei o ocorrido da cabeça. Se ele era o meu guardião, só podia estar me guardando. E se não era, se fora alguma outra pessoa, bom, o que isso me dizia respeito? Minha lembrança do evento estava ficando cada vez mais embaçada. E, é claro, eu discutiria todo o acontecimento com Malchiah mais tarde. Malchiah saberia de quem ele se tratava. Malchiah estava comigo. *Oh, nós somos criaturas com tão pouca fé.*

Uma alegria extraordinária subitamente tomou conta de mim. Você é uma Criança dos Anjos, eu pensei, e os anjos estão trazendo Liona e o filho dela, seu filho, para você.

Dei uma longa caminhada ao redor do Mission Inn, pensando em como aquele era um dia fresco, perfeitamente californiano, passando por todas as minhas fontes prediletas, pelas portas das capelas, pelos pátios e por todas

as curiosidades e tantas outras coisas, e já estava mais do que na hora de ela ter chegado.

Voltei para a extremidade da trilha, perto das portas que dão no saguão, e esperei que duas pessoas plausíveis comessem a percorrer o caminho e, em seguida, fizessem uma pausa sob o campanário com a arcada baixa e seus muitos sinos.

Não mais do que cinco minutos depois de eu me postar lá, andando rápido, olhando ao redor, verificando as horas e entrando e saindo do saguão de tempos em tempos, percebi subitamente que, em meio a um fluxo constante de pés caminhando ao longo da trilha, havia duas pessoas em pé logo abaixo dos sinos, exatamente como eu pedira que aquelas duas pessoas fizessem.

Por um momento, pensei que meu coração fosse parar de bater.

Eu esperara reencontrá-la bonita porque tinha sido bonita quando jovem, mas aquilo fora apenas o botão dessa flor radiante que eu tinha diante de meus olhos, e eu não queria fazer mais nada além de olhar intensamente para ela, de absorver a mulher na qual se transformara.

Ela estava apenas com vinte e sete anos. Mesmo eu, com meus vinte e oito, sabia que isso está longe de ser uma idade avançada, mas ela possuía um jeito de mulher feita e vestia-se da forma mais decente e digna possível.

Usava um *tailleur* vermelho, justo na cintura e solto em cima dos quadris estreitos, com uma saia curta rodada cobrindo-lhe os joelhos. Sua blusa cor-de-rosa estava aberta no pescoço, e ela usava um simples colar de pérolas. Havia a pontinha de um lenço cor-de-rosa no bolso da frente, e sua bolsa era de couro legítimo, assim como os graciosos sapatos de salto alto.

Que imagem era ela naquelas roupas!

Os cabelos pretos e compridos estavam soltos acima dos ombros, apenas uns poucos fios sobre a testa límpida, e presos com um pregador, do jeito como costumava fazer quando criança.

Tive a nítida sensação de que me lembraria dela daquela maneira para sempre. Pouco importava o que poderia acontecer depois, ou daquele momento em diante. Eu simplesmente jamais me esqueceria de como ela

estava agora, absolutamente encantadora de vermelho, com os fartos cabelos pretos que lhe davam um jeito de menina.

Na verdade, uma passagem de um filme me veio à mente, um filme que muitas pessoas adoram: *Cidadão Kane*. A cena em que um homem idoso chamado Bernstein reflete sobre a memória e sobre como determinadas coisas que vemos por meros segundos podem nos arrebatam. No caso dele, está descrevendo uma jovem que avistara numa balsa que passava. “Ela estava usando um vestido branco”, diz ele, “e levava uma sombrinha branca. Eu só a vi por um segundo e ela não me viu, mas aposto que não passou um mês sequer em minha vida sem que eu tenha pensado naquela garota.”

Bom, eu sabia que sempre me lembraria de Liona daquela mesma maneira em relação a como estava vestida agora. Ela olhava ao redor e exprimia a autoconfiança e o autocontrole de que eu me lembrava muito bem, e também a pura e descomplicada coragem que sempre associei aos seus gestos e palavras mais simples.

Eu não conseguia acreditar no quanto estava adorável. Eu não conseguia acreditar no quanto se tornara simplesmente, inevitavelmente adorável.

Mas bem ao lado dela estava o menino de dez anos de idade que era meu filho, e, quando o vi, eu vi meu irmão Jacob que morrera com essa mesma idade e senti um nó na garganta, as lágrimas se formando em meus olhos. *Esse é o meu filho.*

Bom, eu não vou me encontrar com eles chorando, pensei, mas, assim que tirei o lenço, ela me viu e sorriu para mim e, pegando a mão do menininho, ela o conduziu pela trilha até onde eu estava e disse com a mais confiante e efusiva das vozes:

– Toby, eu reconheceria você em qualquer lugar. Você não mudou nada.

O sorriso dela foi tão vibrante e tão generoso, que eu não consegui lhe responder. Eu não conseguia falar. Eu não conseguia dizer a ela o que significava vê-la, e, quando baixei os olhos para o menininho que olhava para mim, aquele menininho de cabelos e olhos escuros que era a imagem de meu irmão Jacob, havia muito tempo morto, aquele menininho de porte nobre e ombros retos, aquele menininho confiante e de olhar inteligente que

qualquer homem desejaria ter como filho, aquele belo e esplêndido menininho, bom, eu comecei a chorar.

– Se você não parar, eu também vou começar a chorar – disse Liona. Ela estendeu a mão e agarrou o meu braço.

Não havia nela qualquer sinal de hesitação nem reticência, e, quando refleti acerca disso, percebi que essas características jamais existiram nela. Ela era forte e confiante e possuía uma voz suave e profunda que sublinhava muito bem seu generoso caráter.

Generosidade, essa era a palavra que me veio à mente enquanto eu olhava bem fundo nos seus olhos, enquanto ela sorria para mim. Ela era generosa. Ela era generosa e amável e percorrera toda essa distância até aqui porque eu lhe pedira que fizesse isso, e eu me descobri dizendo isso em voz alta.

– Você veio. Você percorreu essa distância toda. Você veio. Até o último momento, eu imaginei que não fosse vir.

O menininho tirou alguma coisa do bolso da camisa e estendeu a mim.

Eu me curvei para ter uma visão melhor dele, peguei o que estava me entregando e vi que era uma pequena foto minha. Fora tirada de meu anuário escolar e estava com uma moldura de metal.

– Obrigado, Toby – eu disse.

– Ah, eu sempre levo ela comigo – disse ele de imediato. – Eu sempre falo pra todo mundo: “Esse aqui é o meu pai.”

Eu o beijei na testa. E então ele me surpreendeu. Abraçou-me, quase como se fosse o homem e eu, o menino. Abraçou-me e não me soltou. Eu lhe dei outro beijo na bochechinha macia. Ele olhou para mim com os olhos mais límpidos e simples do mundo e disse:

– Eu sempre soube que um dia você ia aparecer. Enfim, eu sabia que um dia eu ia te conhecer. – Ele disse isso tudo com a mesma simplicidade com que dissera as outras coisas.

Eu me levantei, engoli em seco e então olhei para ambos novamente e abracei os dois. Mantive-os junto a mim, grudados em mim, e percebi a suavidade dela, sua pura doçura, uma doçura feminina tão estranha a mim e

à vida que eu levara, e um encantador perfume floral que emanava de seus escuros cabelos sedosos.

– Vamos indo, o quarto está pronto – gaguejei, como se essas fossem palavras de grande importância. – Eu já fiz o *check-in* de vocês, vamos subir.

Percebi, então, que o carregador estivera em pé ali todo o tempo com o carrinho de bagagem. Dei-lhe uma nota de vinte dólares e disse a ele que as malas iriam para a Suíte do Proprietário e que nós nos encontraríamos com ele no andar de cima.

Por um momento, simplesmente olhei novamente para ela, e me veio à mente o que Malchiah dissera. O que você disser a ela, você dirá tendo em vista os interesses dela, não os seus.

Uma outra coisa também me atingiu em cheio enquanto eu olhava para ela, e era o quanto era séria, aquela seriedade era o outro lado da autoconfiança que demonstrava. Seriedade era o motivo pelo qual ela viera até aqui sem um momento de hesitação sequer e permitira que seu filho conhecesse o pai. E essa seriedade me fazia lembrar alguém que eu conhecera e amara em minhas aventuras com Malchiah, e percebi agora que, quando eu estive com essa pessoa – uma mulher de uma época muito antiga –, eu me lembrara, na ocasião, dessa bela, viva e pulsante mulher que estava em pé ao meu lado em minha própria época, nesse exato instante.

Essa é uma pessoa a ser amada. Essa é uma pessoa a ser amada de todo o seu coração, da mesma maneira com que você amou aquelas pessoas naquele momento, quando estava com os anjos, quando estava com pessoas que jamais poderia ter em seu coração. Durante todos esses dez anos, você viveu afastado de todos os seres vivos, mas essa é uma pessoa tão real quanto as pessoas de Malchiah eram, uma pessoa a quem você pode amar total e verdadeiramente. Pouco importa se você consegue que ela o ame ou não. Você pode amá-la. E esse menininho, você pode amá-lo.

Enquanto estávamos juntos no pequeno elevador lotado, Toby me mostrou outras fotos minhas do anuário escolar. Ele também as levava consigo havia muito tempo.

– Quer dizer então que você sempre soube como eu me chamava – eu disse a ele, sem saber exatamente o que dizer, mantendo-me assim nas coisas óbvias, e ele respondeu que sim, ele contava para todo mundo que o pai dele era Toby O’Dare.

– Fico feliz. Fico feliz por você ter feito isso. Eu nem sei como dizer o quanto estou orgulhoso de você.

– Por quê? – perguntou ele. – Você nem sabe como eu sou realmente. – Ele era pequeno o suficiente para sua voz ter aquele trinado característico das crianças menores, que as mais velhas já não possuem, e, quando disse aquilo, o som de suas palavras era límpido e brilhante. – Eu poderia ser um aluno ruim e você nem teria como saber.

– Ah, mas a sua mãe era uma aluna brilhante – eu disse.

– Eu sei, e ainda é. Ela faz cursos no Loyola. Ela não está satisfeita em dar aulas para o ensino fundamental. Ela só tira A.

– E você também não é? – perguntei.

Ele balançou a cabeça em concordância.

– Se eles deixassem, eu poderia até pular um ano. Eles acham que seria ruim para o meu desenvolvimento social, e o meu avô acha a mesma coisa.

Nós havíamos chegado ao terraço, e eu os conduzi ao redor das sacadas e ao longo da varanda de ladrilho vermelho. As suítes em que estavam ficavam no fim da varanda, próximas à minha.

Agora a Suíte do Proprietário no Mission Inn é a única realmente moderna e luxuosa, segundo os critérios dos hotéis cinco estrelas. Só está disponível quando os proprietários do hotel não estão presentes, de modo que eu me certifiquei de que poderia reservá-la nessa época do ano.

Eles ficaram apropriadamente impressionados com as três lareiras, a imensa banheira de mármore, a adorável varanda aberta e ainda mais impressionados quando descobriram que eu reservara a suíte adjacente para Toby, imaginando que, aos dez anos de idade, talvez ele quisesse ter seu próprio quarto e sua própria cama.

Em seguida, eu os levei para a Suíte Amistad, minha favorita, para mostrar a eles o belo domo pintado, a cama de baldaquim e a exótica lareira

que não funcionava, e eles repararam que era mesmo muito “parecido com Nova Orleans”, mas eu acho que ficaram encantados com a luxuosa residência de que dispunham, e a coisa toda foi como havia sido planejada.

Nós todos nos sentamos à mesa de ferro e vidro, e eu pedi vinho para Liona e uma Coca para Toby porque ele admitiu que, de vez em quando, mesmo não sendo muito bom, bebia uma.

Ele pegou seu iPhone da Apple e me mostrou todas as coisas que podia fazer com ele. Colocara no aparelho todas as minhas fotos e agora, se eu não me importasse, tiraria um montão de outras.

– Problema algum – eu disse, e ele virou instantaneamente o fotógrafo profissional, afastando-se, estendendo o telefone da mesma maneira como se um pintor antigo talvez estendesse o polegar, e nos fotografando de inúmeros ângulos, enquanto se movia ao redor da mesa.

Naquela altura, enquanto Toby tirava foto atrás de foto, eu me dei conta de algo e senti um calafrio percorrendo-me o corpo. Eu cometera um assassinato na Suíte Amistad. Cometera um assassinato aqui no Mission Inn e, no entanto, trouxera essas duas pessoas para cá como se isso jamais tivesse acontecido.

É claro que Malchiah aparecera para mim aqui, um Serafim que me perguntara por que, em nome de Deus, eu não me arrependia da vida miserável que levava. E eu me arrependera, e toda a minha existência fora alterada para sempre.

Ele me alçara para fora do século XXI e me enviara de volta no tempo para impedir que ocorresse um desastre numa comunidade medieval inglesa que estava em perigo. E, depois de finalizar essa primeira missão para meu novo chefe angelical, eu acordei aqui nesse local, no Mission Inn, e foi aqui que escrevi todo o meu relato dessa primeira missão no Tempo dos Anjos. O manuscrito estava no recinto. Estava em cima da escrivaninha onde eu matara minha última vítima com uma agulha no pescoço. E foi aqui que eu telefonei para meu ex-chefe, o Homem Certo, e lhe disse que jamais voltaria a matar para ele.

Ainda assim, eu cometera um assassinato aqui. E fora uma ação fria, um assassinato calculado, do tipo que angariara a Lucky, a Raposa, uma fama justificada. Estremeci internamente, murmurando uma oração em que prometia que nenhuma sombra daquele mal jamais chegaria a Liona nem a Toby, que nenhuma consequência daquele mal jamais os ameaçaria.

Esse lugar era o meu alívio antes desse assassinato. Era o único lugar onde eu me sentia tranquilo, e fora certamente por esse motivo que eu trouxera Liona e meu filho para esse mesmo local, essa mesma mesa onde Malchiah e eu havíamos conversado. Parecia natural eles estarem aqui, parecia natural eu experimentar essa nova alegria de tê-los aqui nesse local onde as minhas amargas e sarcásticas orações por redenção foram atendidas.

Tudo bem, o meu jeito fazia algum sentido para mim. E que local poderia ser mais seguro para Lucky, a Raposa, do que a cena de seu mais recente crime? Quem algum dia esperaria que um assassino de aluguel voltasse à cena do crime? Ninguém. Eu estava confiante nisso. Afinal, trabalhara como assassino de aluguel por dez anos e nunca voltara à cena de um único crime sequer, até agora.

Mas, tinha de admitir, eu trouxera esses adorados inocentes a um local de notável significância.

Eu merecia tão pouco o meu amor de tanto tempo atrás e meu filho recém-descoberto, merecia tão pouco e eles nem imaginavam isso.

E é melhor você garantir que eles jamais saibam, porque, se souberem quem você era e o que fazia, se alguma vez eles avistarem uma gotícula de sangue em suas mãos, você lhes terá feito o mais indescritível mal, e você sabe disso.

Eu senti ter ouvido uma voz baixinha, não muito distante, dizer com clareza:

– É isso mesmo. Nenhuma palavra que possa feri-los.

Ergui os olhos e vi o jovem andando por ali, ao longo da parede, passando pela porta da Suíte Amistad e saindo de meu ângulo de visão. Era o mesmo jovem que eu vira lá embaixo perto das portas do saguão, o

mesmo terno idêntico ao meu, os cabelos arruivados e os olhos urgentes e engajados.

Eu não vou feri-los!

– Você falou alguma coisa? – perguntou Liona.

– Não, me desculpa – sussurrei. – Eu estava falando sozinho, é isso. Desculpa.

Mirei a porta da Suíte Amistad. Eu queria tirar aquele assassinato da cabeça. A agulha no pescoço, o banqueiro morrendo como se tivesse tido um ataque cardíaco, uma execução levada a cabo de modo tão limpo, que ninguém jamais suspeitou de que algo mal-intencionado houvesse ocorrido.

Você é um homem frio, Toby O'Dare, pensei. Imaginar que poderia facilmente inaugurar uma nova fase de sua vida nas mesmas encruzilhadas onde destruiu a vida de uma outra pessoa com tamanho descaso.

– Você me deixou um pouco perdida agora – disse Liona, com delicadeza e um sorriso no rosto.

– Desculpa – eu disse. – São muitos pensamentos, muitas lembranças. – Olhei para ela e era como se eu a estivesse vendo pela primeira vez. Seu rosto era tão viçoso, tão confiante.

Antes que ela pudesse responder, nós fomos interrompidos.

Um dos guias viera atender uma solicitação minha, e eu lhe confiei Toby para que, juntos, fizessem uma turnê pelas “catacumbas” e por todas as outras maravilhas que o gigantesco hotel tinha a oferecer. Ele vibrou.

– Nós vamos almoçar quando você voltar – assegurei a ele. Embora, para eles, evidentemente a refeição pudesse ser encarada mais como uma ceia adiantada, já que haviam almoçado no avião.

Agora era o momento que eu abominara e ao mesmo tempo pelo que mais ansiara, porque Liona e eu estávamos a sós. Ela tirara o paletó vermelho e parecia estar em ótima forma na blusa cor-de-rosa, e eu senti um desejo enorme e assoberbante de estar com ela, e de não ter nada e ninguém ali para interferir, o que incluía também os anjos.

Eu estava com ciúmes de meu filho, temendo que ele pudesse voltar a qualquer momento. E estava tão ciente dos anjos me observando, que acho

que enrubesci.

– Como é que você pode me perdoar por eu ter sumido daquele jeito? – perguntei a ela de súbito.

Não havia nenhum turista vagando pela varanda. Nós estávamos ali sozinhos na mesa de vidro como eu estivera tão frequentemente no passado. Estávamos sentados entre os vasos com árvores frutíferas e os gerânios de lavanda, e ela era a mais bela de todas as flores.

– Ninguém culpou você por ter ido embora – disse ela. – Todo mundo sabia o que tinha acontecido.

– Sabiam? Como?

– Quando você não apareceu na minha formatura, eles imaginaram que estivesse em algum lugar, tocando para arrumar alguns trocados. E foi muito fácil descobrir que você tinha passado a noite toda tocando. Aí você chegou em casa de manhã e os encontrou lá daquele jeito. E, depois disso, bom, você simplesmente sumiu.

– Simplesmente sumi. Eu nem fui ao enterro deles.

– O seu tio Patrick cuidou de tudo. Eu acho que o Corpo de Bombeiros deve ter pago tudo, ou não, o seu pai era policial. Enfim, acho que eles pagaram. Não tenho muita certeza. Eu fui ao enterro. Todos os seus primos estavam lá. As pessoas pensaram que, de repente, você fosse aparecer, mas todo mundo entendeu quando viram que você não ia mesmo.

– Eu peguei um avião para Nova York. Peguei o meu alaúde, o dinheiro que tinha e alguns livros que adorava, entrei num avião e nunca mais pensei em olhar pra trás.

– Eu não o culpo por isso.

– Mas e você, Liona? Eu nunca dei um único telefonema para saber como você estava. Nem liguei jamais para dizer a você onde eu estava nem o que tinha feito.

– Toby, você sabe quando uma mulher perde a cabeça desse jeito, do jeito como a sua mãe perdeu, quando ela mata os filhos; enfim, quando uma mulher faz uma coisa dessas, ela também pode matar um menino da sua idade. Tinha uma arma no apartamento. Eles a acharam. Ela podia ter

atirado em você, Toby. Ela estava totalmente fora de si. Eu não estava pensando em mim, Toby. Eu só estava pensando em você.

Fiquei calado por um longo tempo. Então, finalmente disse:

– Eu não ligo mais para isso, Liona. O que me importa agora é você me perdoar por eu nunca ter-lhe dado um telefonema. Vou mandar um dinheiro para o meu tio Patrick. Vou pagar pelo enterro. Isso não é nenhum problema. Mas o que me importa é você. Eu me importo com você e com Toby, e me importo com, bem, com os homens na sua vida e o que tudo isso pode significar.

– Não tem nenhum homem na minha vida, Toby. Pelo menos, não tinha até você aparecer. E não pense que eu espero que você se case com a mãe do Toby. Eu o trouxe até aqui por você e por ele.

Casar com a mãe do Toby. Se eu achasse que conseguiria fazer uma coisa assim, eu me ajoelharia bem aqui nessa varanda e a pediria em casamento.

Mas eu não fiz isso. Eu estava olhando em outra direção e pensando nos dez anos de minha vida que eu passara trabalhando para a “agência”, ou para os “Caras Legais”, ou seja lá quem fosse a quem eu vendia minha alma de dezoito anos de idade de maneira tão entusiástica e exuberante.

– Toby, você não precisa me contar o que fez durante todo esse tempo – disse ela subitamente. – Você não precisa me explicar como era sua vida. Eu não tenho nenhum homem na minha vida porque não quero que o meu filho tenha um padrasto, e eu sempre estive bastante determinada a garantir que ele jamais tivesse um padrasto a cada mês.

Eu assenti. Estava mais grato por isso do que conseguia exprimir em palavras.

– Eu não tive nenhuma mulher, Liona. Ah, aqui e ali, só para provar que eu era homem, eu acho, houve um ou outro contato. Mas não passava disso: contato. Com dinheiro envolvido. Nunca foi uma coisa... íntima. Nunca foi nada que sequer se aproximasse disso.

– Você sempre foi um cavalheiro, Toby. Você era assim desde criança. Você sempre usa as palavras apropriadas para as coisas.

– Bom, isso não ocorreu com muita frequência, Liona. E palavras impróprias dariam uma coloração exuberante quando isso jamais existiu.

Ela riu.

– Ninguém fala do jeito com que você fala, Toby. Eu nunca conheci ninguém como você. Nunca conheci ninguém que pudesse ao menos remotamente me lembrar você. Senti saudades de *você*.

Percebi que enrubesci. Estava dolorosamente ciente da presença de Malchiah e de meu anjo da guarda, estivessem eles visíveis ou não.

E quanto ao anjo de Liona? Deus do céu. Por uma fração de segundo, eu imaginei um magistral ser alado atrás dela. Felizmente nenhuma criatura desse tipo materializou-se.

– Você ainda parece inocente – disse ela. – Ainda tem aquele mesmo olhar, como se tudo o que estivesse diante de seus olhos fosse um milagre.

Eu? Lucky, a Raposa, o assassino de aluguel?

– Você nunca vai saber – murmurei entre dentes. Eu lembrei que o Homem Certo me dissera na noite em que nos conhecemos que eu tinha os olhos mais frios que ele jamais vira na vida.

– Você está um pouquinho mais pesado – disse ela, como se houvesse acabado de perceber isso. – Mais musculoso, mas eu acho que isso é normal. Você era magro demais quando criança. Mas a sua cabeça ainda tem o mesmo formato, e os seus cabelos estão cheios como sempre foram. Eu podia jurar que você está mais louro; de repente, é o sol da Califórnia. E os seus olhos parecem quase azuis, às vezes. – Ela desviou o olhar e disse suavemente: – Você ainda é o meu menino dourado.

Eu sorri. Lembrei-me agora de como ela costumava me chamar dessa maneira, seu menino dourado. Ela dizia isso sussurrando.

Murmurei qualquer coisa suavemente sobre como eu não sabia lidar com os elogios de mulheres bonitas.

– Fala um pouco dos seus estudos – eu disse.

– Literatura inglesa. Eu quero dar aulas numa universidade. Quero dar aulas sobre Chaucer ou Shakespeare. Ainda não decidi qual. Eu me diverti muito dando aulas no ensino fundamental, me diverti muito mais do que

Toby gosta de admitir. Ele olha com desprezo para os garotos da idade dele. Ele é como você. Acha que já é adulto e conversa com adultos mais do que com as crianças. É a natureza dele, exatamente como a sua.

Nós rimos disso porque era verdade. Esse é o tipo mais simpático de riso suave, quando você ri como resposta, ou como pontuação, e as pessoas do sul fazem isso com facilidade e o tempo todo.

– Lembra quando a gente era criança e os dois queriam dar aulas em universidade? – disse ela. – Lembra que você disse que, se pudesse dar aulas numa universidade e possuir uma casa bonita na avenida Palmer, seria a pessoa mais feliz do mundo? Por falar nisso, Toby estuda na Newman, e, assim que você perguntar, ele vai lhe dizer que ela é a melhor escola da cidade.

– Sempre foi. A Jesuíta vem logo atrás no ensino médio.

– Bom, algumas pessoas discutiriam quem está em primeiro lugar segundo esse critério. Mas a questão é que Toby é judeu, então estuda na Newman. Minha vida tem sido feliz, Toby. Você não me deixou desamparada, você me deixou um tesouro. E é assim que eu sempre vi isso, e é assim que vejo isso agora. – Ela cruzou os braços e curvou-se sobre a mesa. Seu tom era sério e ao mesmo tempo objetivo. – Quando entrei naquele avião, pensei: eu vou mostrar a ele esse tesouro que ele deixou para mim. E vou mostrar a ele o que esse tesouro pode significar para ele.

Ela parou. Eu não disse nada. Não conseguia dizer nada. E ela percebeu isso. Percebeu pelas minhas lágrimas. Eu não conseguia exprimir em palavras toda a felicidade e todo o amor que estava sentindo.

Malchiah, posso me casar com ela? Eu tenho essa liberdade? E aquele outro anjo, ele está perto de mim? Ele quer que eu me aproxime dela e a abrace?

CAPÍTULO TRÊS

NAQUELA TARDE, FOMOS DE CARRO ATÉ A Missão de San Juan Capistrano.

Imaginei que existissem diversas coisas maravilhosas para um menininho da idade de Toby ver na Costa Oeste, Disneylândia, obviamente, o parque da Universal Studios e outros locais cujos nomes eu nem conhecia.

Mas o lugar aonde eu queria de fato levá-lo era a missão, e ele pareceu ter ficado completamente deliciado pela ideia. Embora eu tenha tido que providenciar bonés para ambos, tanto Liona quanto Toby gostaram bastante do Bentley conversível.

Quando chegamos à missão, eu os levei para dar um passeio nas cercanias, pelos jardins que adorava e ao redor da fonte koi, que deixou Toby maravilhado. Olhamos alguns dos objetos em exibição na missão, que têm a ver com a maneira como as pessoas faziam as coisas naquele tempo, mas foi a história do grande terremoto que destruiu a igreja o que mais fascinou Toby.

Ele estava se divertindo muito com a câmera de seu iPhone e tirou dezenas de fotos nossas em praticamente todos os locais imagináveis.

Em algum momento ou outro, quando estávamos dando uma olhada na lojinha, em meio aos rosários e às joias indígenas, perguntei a Liona se podia levar Toby até a capela para fazermos uma oração.

– Eu sei que ele é judeu – comentei.

– Tudo bem – respondeu ela. – Pode levar e conversar com ele sobre isso da maneira como você achar melhor.

Nós entramos na capela na pontinha dos pés porque o lugar estava escuro e quieto, e as poucas pessoas que rezavam no banco de madeira pareciam

estar bastante compenetradas, e as velas forneciam uma penumbra suave e reverente.

Eu o levei até a frente e nos ajoelhamos no par de genuflexórios que havia para acomodar os noivos e noivas nos casamentos.

Percebi quantas coisas tinham acontecido comigo junto de Malchiah desde que eu viera a essa capela e, quando olhei para o tabernáculo, quando olhei para a pequena casa de Deus no altar e para a luz do santuário ao lado dela, fui tomado por uma sensação de gratidão simplesmente por estar vivo, quanto mais por ter recebido uma chance na vida como a que havia recebido, quanto mais por ter recebido a dádiva de Toby, meu filho.

Curvei-me em direção a ele. Estava ajoelhado lá, com as mãos dobradas exatamente como estavam as minhas, e não parecia ter nenhuma objeção ao fato de aquela ser uma casa católica de orações.

– Quero dizer uma coisa pra você, uma coisa de que eu quero que se lembre para sempre – eu disse.

Ele balançou a cabeça em concordância.

– Acredito que Deus está presente aqui nessa casa. Mas eu sei que Ele também está em todos os lugares. Ele está em todas as moléculas de tudo o que existe. Tudo faz parte d’Ele, da criação d’Ele, e eu acredito n’Ele, em tudo o que Ele fez.

Ele ouvia minhas palavras sem olhar para mim, mantendo os olhos baixos. Ele apenas assentiu quando eu me calei.

– Eu não espero que você acredite n’Ele porque *eu* acredito – eu disse. – Mas quero que você saiba que eu acredito n’Ele, e, se eu não achasse que Ele me perdoaria por ter abandonado você e sua mãe, bom, eu não sei se algum dia teria a coragem de pegar aquele telefone e ligar para ela e dizer a ela onde eu estava. Mas realmente acredito que Ele me perdoou, e agora é minha tarefa fazer com que você me perdoe, e fazer com que ela me perdoe, e esse é exatamente o meu objetivo.

– Eu perdoo você – disse ele, baixinho. – Perdoo, perdoo e perdoo.

Eu sorri. Beije o alto da cabeça dele.

– Eu sei que perdoa. Soube disso assim que vi você pela primeira vez. Mas o perdão não acontece assim de imediato, e às vezes ele precisa se manter durante algum tempo, e eu estou preparado para fazer esse tipo de manutenção que será necessária. Mas... essa não é a única coisa que tenho a dizer a você. Eu preciso dizer uma outra coisa.

– Eu estou ouvindo.

– Lembre-se disso – eu disse. Eu hesitei. Eu não sabia muito bem como começar. – Converse com Deus. Não importa como você esteja se sentindo, não importa o que o esteja magoando, desapontando ou confundindo. Converse com Deus. E nunca pare de conversar com Ele. Está me entendendo? Converse com Ele. Entenda que, por mais que as coisas andem mal nesse mundo, ou andem bem, por mais que as coisas estejam fáceis ou difíceis, bom, isso não significa que Deus não esteja aqui. Eu não estou querendo dizer aqui nessa capela. Estou querendo dizer em todos os lugares. Converse com Ele. Não importa quantos anos passem, não importa o que aconteça, sempre converse com Ele. Você vai tentar se lembrar de fazer isso?

Ele assentiu com a cabeça.

– Quando é que eu começo?

Eu ri suavemente.

– Assim que você quiser. Você pode começar agora, com ou sem palavras, e simplesmente continue conversando e nunca deixe nada se colocar entre você e essa sua conversa com Deus.

Ele pensou sobre isso com muita gravidade e então assentiu com a cabeça.

– Eu vou conversar com Ele agora – disse. – De repente, é melhor você esperar lá fora.

Eu fiquei impressionado. Levantei-me, beijei-o novamente na testa e disse-lhe que ficaria esperando lá fora e que ele podia levar o tempo que bem entendesse.

Mais ou menos quinze minutos depois, ele saiu e nós começamos a percorrer a trilha do jardim juntos, e ele começou a tirar fotos e não falou

muita coisa. Mas andava bem perto de mim, ao meu lado, como se estivesse comigo, e, quando eu vi Liona sentada num banquinho e sorrindo para nós ao nos ver juntos, senti tamanha felicidade, que não fui capaz sequer de encontrar palavras que pudessem contê-la. E eu soube que jamais seria.

Nós voltamos, Toby e eu, para a gigantesca casca da igreja arruinada, a maior parte que havia sobrado do antigo terremoto.

Pela primeira vez, eu vi Malchiah ali por perto, encostado casualmente, apesar de suas roupas de boa qualidade, no empoeirado muro de tijolos.

– Olha lá ele de novo – disse Toby.

– Você está dizendo que já viu ele antes? – perguntei.

– Vi, sim, ele está observando a gente. Ele estava na capela quando a gente estava lá. Eu vi ele saindo quando a gente saiu.

– Bom, vamos dizer que eu trabalho para ele – eu disse. – E ele está meio que de olho em mim.

– Ele é jovem demais pra ser chefe de alguém – disse Toby.

– A aparência dele às vezes engana. Espera um minutinho. Eu acho que ele quer falar alguma coisa comigo, mas não quer nos interromper.

Atravessei o piso quebrado até me encontrar com Malchiah e me aproximei tanto, que nenhum dos turistas poderia ouvir o que eu tinha a dizer.

– Eu a amo – eu disse. – Isso é possível? É possível eu sentir amor por ela? Eu o amo também, ele é meu filho, e isso era o que eu queria fazer, e agradeço aos céus por ele, mas e ela? Há mundo e tempo suficientes pra eu amá-la?

– Mundo e tempos suficientes – repetiu ele, sorrindo. – Ah, que palavras mais lindas, e como você me deixa preocupado com o que eu te peço. Mundo e tempo suficientes é o que você tem de dar a mim – disse ele.

– Mas, e ela? – insisti.

– Só você sabe a resposta, Toby – disse ele. – Ou talvez eu devesse dizer que vocês dois sabem. Eu acho que ela também sabe.

Eu estava prestes a perguntar sobre o outro anjo, mas ele se foi.

O que os outros acharam disso eu não faço a menor ideia.

Encontrei meu filho ocupado na fonte koi com sua câmara, decidido a capturar um peixe que não queria ser capturado.

A tarde passou rapidamente.

Nós fizemos compras em San Juan Capistrano, e então eu os levei para um passeio de carro pelo litoral. Nenhum dos dois jamais tinha visto o Pacífico, e nós descobrimos alguns pontos deslumbrantes, e Toby quis tirar tantas fotos quanto era possível.

O jantar foi na atmosfera escura da casa de carnes Duane, no Mission Inn, e mãe e filho ficaram apropriadamente impressionados. Quando não havia ninguém olhando, Liona deixou Toby tomar um gole de seu vinho tinto.

Nós conversamos sobre como estava Nova Orleans nesses dias que se sucederam aos horrores do furacão Katrina e sobre como fora difícil a situação durante a tempestade. Ficou claro para mim que fora uma grande aventura para Toby, muito embora seu avô o tenha mandado fazer seus deveres de casa nos hotéis que eles foram obrigados a alugar durante as piores partes dos dias seguintes à catástrofe, e que, para Liona, algo da velha Nova Orleans ainda permanecia desaparecida.

– Você acha que algum dia ainda volta a morarem lá? – perguntou Toby.

– Não sei – respondi. – Eu sou uma criatura do litoral agora, eu acho, mas há motivos diferentes que levam as pessoas a morarem em lugares diferentes.

E muito rapidamente, com uma velocidade de cortar o coração, ele disse:

– Eu moraria tranquilamente aqui.

Uma dor súbita surgiu no rosto de Liona. Ela olhou para o outro lado e, em seguida, para mim. Eu mal podia disfarçar o que estava sentindo. Impulsos, esperanças, um repentino fluxo vulcânico de sonhos obliteraram meu pensamento. Havia uma característica de tragicidade em tudo aquilo. Um amargo pessimismo tomou conta de mim. *Nenhum direito a ela, nenhum direito a isso.*

Na penumbra nebulosa do restaurante, eu não via nada. E então percebi que estava olhando para uma dupla de homens na mesa mais próxima de nós. Malchiah e meu anjo da guarda. Eles estavam sentados, imóveis como

um quadro, olhando para mim da mesma maneira que figuras em um quadro normalmente olham, pelos cantos serenos dos olhos.

Engoli em seco. Sentia um desejo surgindo em mim. Eu não queria que eles soubessem disso.

Na porta de sua suíte, ela fez uma pausa. Todo orgulhoso, Toby correria em disparada para seu quarto, onde queria tomar banho.

Em algum ponto das sombras da varanda, aqueles dois estavam posicionados. Eu sabia disso. Eu os vi quando estávamos percorrendo a trilha. Ela não sabia. Talvez eles não estivessem visíveis para ela.

Fiquei parado, em silêncio, sem ousar me aproximar dela, nem tocar seus braços, nem me curvar para lhe dar o mais leve beijo que fosse. Eu estava destruído pelo desejo. Estava em agonia.

É possível que vocês dois entendam isso, que no momento em que eu tomar essa moça em meus braços, ela vai esperar mais de mim do que apenas um abraço fraternal? Que droga, essa seria a atitude de um cavalheiro, ao menos para dar a ela a chance de me dizer não!

Silêncio.

Será que não daria para eu persuadi-los a ir atrás de outra pessoa por algum tempo?

Ouvi o som de uma gargalhada com muita nitidez. Não era mal-intencionada nem debochada, apenas uma gargalhada.

Eu a beijei rapidamente no rosto e voltei para o meu quarto. Sabia que ficaria desapontada. Eu estava desapontado. Que inferno, eu estava furioso. Girei o corpo e me encostei na porta da Suíte Amistad. É claro que eles estavam sentados na mesa redonda. Malchiah exibia a mesma expressão serena e amável que sempre teve, mas meu anjo da guarda estava ansioso, se é que essa era a palavra correta, e me olhava como se estivesse ligeiramente amedrontado.

Uma torrente de palavras raivosas escapou-me da boca, mas a dupla sumiu num piscar de olhos.

Mais ou menos às 23h, levantei-me da cama e fui até a varanda. Não dormira nada.

Estava frio e úmido, como frequentemente ficava nas noites californianas, mesmo depois de um dia tépido. Deliberadamente permiti que meu corpo sofresse com o frio. Contemplei a possibilidade de bater na porta do quarto dela. Rezei. Fiquei preocupado. Vigiei. Se alguma vez na vida eu desejei algo mais do que estava desejando agora, não conseguia me lembrar. Simplesmente queria tê-la. Nada nesse mundo parecia mais real do que o corpo dela, dentro daquela suíte, deitado naquela cama.

Fiquei subitamente tomado de vergonha. Desde a primeira vez em que falara com ela ao telefone, eu a imaginara em meus braços. E eu sabia muito bem disso. Quem eu estava enganando com tudo isso, em relação a ela estar esperando alguma coisa e em relação a eu agir como um cavalheiro e, ah, a altivez do amor e estar reunido e toda essa coisa. Eu queria beijá-la e possuí-la. E por que não? E por acaso era certo eu ser torturado dessa maneira? Que inferno, eu a amava. Eu não tinha a menor dúvida de que a amava, do fundo do coração. Podia amá-la até o dia de minha morte. Eu não me importava com o que isso poderia significar, estava preparado para isso, para tudo isso.

Eu estava prestes a retornar ao meu quarto quando vi Malchiah em pé nas proximidades.

– Tudo bem, o que é? – perguntei, com raiva.

Isso o deixou visivelmente sobressaltado, mas ele se recuperou imediatamente. Pensei ter visto uma pontinha de decepção em seu rosto. Mas ele apenas sorria enquanto falava. Sua voz estava aconchegante como sempre, cheia de uma ternura reconfortante que fazia com que suas palavras penetrassem em meus ouvidos.

– Outros seres humanos dariam quase tudo para ver as provas da Providência que você viu – disse ele. – Mas você ainda é um ser humano.

– O que você poderia saber disso? – perguntei. – E o que faz você pensar que eu não sei tudo sobre isso?

– Você não está falando de coração – disse ele, de maneira tranquilizadora. Ele parecia bastante convincente.

– Você pode observar seres humanos desde os primórdios dos tempos – eu disse –, mas isso não significa que você saiba o que significa ser um.

Ele não respondeu. Sua expressão amável e paciente me deixou furioso.

– Você vai ficar comigo para sempre, até o dia em que eu bater as botas? – perguntei. – Eu nunca mais vou ficar sozinho com uma mulher sem que vocês dois estejam por perto, você e aquele anjo da guarda? Isso é o que ele é, certo? Meu anjo da guarda? Qual é o nome dele? Vocês dois vão ficar pairando em cima de mim para sempre? – Eu me virei e entortei o dedo na direção dele como se fosse o cano de um revólver. – Eu sou homem. Humano, homem! Eu não sou monge nem padre.

– Você certamente viveu como um quando era um assassino.

– O que você está querendo dizer com isso?

– Você negou a si mesmo o aconchego e o amor de uma mulher ano após ano. Você não achava que merecia isso. Você não conseguia suportar estar próximo da inocência das mulheres, ou do calor humano de uma mulher que pudesse vir a aceitá-lo. Você merece isso agora? Está pronto para isso?

– Eu não sei – murmurei.

– Você quer que eu vá embora? – perguntou ele.

Eu estava encharcado de suor, e meu coração estava a mil por hora.

– O mais simples desejo está me fazendo de bobo – sussurrei. Acho que eu estava implorando a ele. – Não, eu não quero que você vá embora – murmurei. – Eu não quero que você faça isso. – Balancei a cabeça, derrotado.

– Toby, os anjos sempre estiveram com você. Eles sempre viam tudo o que você fazia. Não há segredos no Céu. A única diferença é que agora você consegue nos ver. E isso deveria ser uma fonte de energia para você. Você sabe disso. O nome de seu anjo da guarda é Shmarya.

– Escuta aqui, eu quero estar cheio de admiração, de gratidão, de humildade, de sentimentos nobres! Que inferno, eu quero ser um santo! – gaguejei. – Mas eu não consigo, não consigo... Como é mesmo o nome dele?

– Não consegue o quê? – perguntou ele. – Não consegue viver com restrições? Não consegue negar a si mesmo a gratificação imediata de seus

desejos por essa mulher tendo estado com ela por menos de 24 horas? Não consegue impedir-se de ser rude em função da vulnerabilidade dela? Não consegue ser o homem honrado que talvez o seu filho espere que você seja?

Suas palavras não poderiam ter sido mais incisivas se fossem proferidas com raiva. A delicada voz persuasiva era fatal em relação a todas as mentiras que eu dissera a mim mesmo.

– Você acha que eu não entendo – disse ele calmamente. – Vou te dizer o que acho, que se você dominasse essa mulher agora, ela se odiaria por isso, e odiaria você também quando tivesse tempo para pensar no assunto. Por dez anos, aquela mulher viveu sozinha, por si mesma e pelo filho dela. Respeite-a. Ganhe a confiança dela. Isso leva tempo, não leva?

– Eu quero que ela saiba que eu a amo.

– Por acaso, eu disse que você não podia dizer isso a ela? Por acaso, eu disse que não podia ter demonstrado a ela uma pequena medida do que você tem mantido em estado de latência?

– Ah, conversa de anjo! – eu disse. Voltei a ficar furioso.

Mais uma vez, ele riu.

Por um longo momento, nós dois ficamos lá parados em silêncio. Eu estava envergonhado novamente, envergonhado por ter ficado com raiva.

– Eu não posso ficar com ela agora, posso? – perguntei. – Eu não estou falando de desejo. Estou falando de amor e companheirismo genuínos, e de aprender a amar tudo em relação a ela, de ser salvo todos os dias por ela. Você queria que eu conhecesse meu filho para o bem dele e dela. Mas eu não posso ter os dois, não como parte íntima da minha vida, posso?

– O seu tem sido um caminho escuro e perigoso, Toby.

– Eu não fui perdoado?

– Sim, você foi perdoado. Mas será que é uma postura sábia você se afastar do tipo de vida que levava, sem precipitar repercussões?

– Não. Eu penso nisso o tempo todo.

– Será que é correto você não fazer nenhuma reparação?

– Não. Eu devo fazer reparações.

– Será que é correto você romper sua promessa de trabalho comigo para fazer o bem nesse mundo em vez do mal?

– Não – respondi. – Eu nunca vou querer romper essa promessa, nunca. Tenho uma dívida esmagadora para com o mundo pelas coisas que fiz. Graças a Deus, você me mostrou uma forma de pagar essa dívida.

– E vou continuar mostrando. Enquanto isso, seja forte por ela, a mãe de seu filho, seja forte por ele e pelo homem que ele pode vir a se tornar. E não se iluda em relação às coisas que você já fez, a enormidade delas. Lembre-se de que aquela bela mulher possui um anjo também. Ela nem começou a adivinhar quem você foi durante todos esses anos. Se soubesse, talvez não permitisse que você se aproximasse daquela criança. Ou, pelo menos, foi assim que o anjo dela me informou.

Balancei a cabeça em concordância. Era doloroso demais pensar nisso, e óbvio demais para ser negado.

– Deixe-me lhe dizer uma coisa – disse ele. – Mesmo que eu te deixasse agora, se você jamais voltasse a me ver, se viesse a acreditar que minhas visitas foram um sonho, você jamais poderia dar início a uma vida doméstica sem que sua consciência o destruísse. Feitos extraordinários requerem retificações extraordinárias. Na realidade, a consciência pode exigir coisas de seres humanos que o Criador não exige, e que os anjos não sugerem, porque eles não têm necessidade de fazer isso. A consciência é parte do ser humano. E a sua consciência estava te destruindo antes de eu vir até você. Você jamais foi desprovido de consciência, Toby. Seu anjo da guarda, Shmarya, poderia lhe dizer isso.

– Eu sinto muito. Sinto muito por tudo isso. Eu falhei com você aqui, Malchiah, não me abandone.

Ele riu. Era um riso gentil e tranquilizador.

– Você não falhou comigo! – disse ele com delicadeza. – Milagres acontecem em seu devido tempo para os seres humanos. E não há mundo e tempo suficientes que façam com que os humanos se acostumem com eles. Eles nunca se acostumam. E eu tenho observado os humanos desde os primórdios dos tempos. E os humanos estão sempre me surpreendendo.

Eu sorri. Estava esgotado e longe de poder encarar com serenidade aquelas palavras, mas sabia que ele estava falando a verdade absoluta evidentemente. A raiva passara.

– Mais uma coisa – disse ele com ternura. Seu rosto estava suavizado por uma inegável compaixão. – Shmarya está insistindo para que eu diga isso – confessou ele, erguendo um pouco as sobrancelhas ao falar. – Ele está dizendo que, se você não consegue ser um santo, ou um monge ou um padre, então pense na possibilidade de ser um herói.

Eu ri.

– Isso é uma boa – eu disse. – Isso é ótimo. Shmarya sabe exatamente quais são os botões que ele tem de apertar, não sabe? – eu disse, rindo novamente. Eu não pude evitar. – Quando eu sentir vontade, vou poder falar com ele?

– Você tem falado com ele há anos – afirmou Malchiah. – E agora ele está falando com você. E quem sou eu para impedir uma conversa tão linda?

Eu estava sozinho na varanda.

Exatamente assim. Sozinho.

A noite estava vazia. Eu estava descalço e meus pés estavam gelados.

Na manhã seguinte, fui até a suíte deles tomar café da manhã.

Toby estava de pé, vestido com seu blazer azul e calças cáqui, e anunciou para mim que dormira em seu próprio quarto e em sua própria cama.

Eu assenti com a cabeça como se aquilo fosse o que o mundo esperava de jovens daquela idade, mesmo que suas mães possuíssem gigantescas camas *king-size* em suntuosas suítes de hotel.

E nós todos tomamos café da manhã juntos, numa elegante mesa repleta de prataria e com as tampas apropriadas para manter os pratos deliciosamente quentes.

Eu sentia que não conseguiria me separar deles.

Sentia que não conseguiria fazer uma coisa dessas, mas sabia muito bem que era exatamente isso o que deveria fazer.

Trouxera comigo a minha bolsa de couro e, depois do café da manhã, quando a mesa já havia sido tirada, peguei as duas pastas de dentro dela e as

coloquei nas mãos deles.

– O que é isso? – perguntou ela, naturalmente, e quando eu tentei explicar que poderia ler todo o material no avião, ela insistiu para que eu lhe explicasse naquele momento.

– Fundos de investimento, entre outras coisas, um para você e outro para ele, e uma renda anual a ser sacada mensalmente, uma quantia que não vai me fazer nenhuma falta e que deve dar conta de suprir todas as despesas de vocês dois. E isso é só o começo.

– Eu não pedi nada a você – lembrou-me ela sem pestanejar.

– Você não precisa me pedir. Isso é o que eu quero que vocês dois tenham. Aqui tem o suficiente para que ele estude no exterior, se você assim desejar. Ele pode ir para a Inglaterra, para a Suíça, para onde se puder obter o melhor ensino. Ele pode ir no verão, quem sabe, e passar o resto do ano com os estudos regulares. Eu não entendo muito bem desse tipo de coisa. Nunca entendi. Mas você entende. E o pessoal da Newman School também entende. E o seu pai também deve entender.

Ela ficou lá sentada, segurando aquelas pastas, sem abri-las, e então lágrimas começaram a escorrer pelo seu rosto.

Eu a beijei. Eu a abracei com toda a ternura do mundo.

– Tudo o que tenho agora está destinado a vocês dois. Vou lhe mandar mais informações assim que tiver. Os advogados estão sempre fazendo um monte de perguntas, e a coisa leva um pouco de tempo.

Hesitei, e então disse:

– Olha só, tem várias coisas que vão deixá-la um pouco confusa. O meu nome não aparece nesses documentos, mas pode ficar certa de que o nome que aparece é um nome que eu uso nos negócios o tempo todo. Justin Booth. Sempre usei para pagar passagens aéreas e fazer reservas nesse hotel. E pode dizer ao seu advogado que os impostos de doação foram totalmente pagos sobre toda a quantia transferida a você e ao pequeno Toby.

– Toby, eu nunca esperei nada disso – disse ela.

– Tem mais uma coisinha. Isso aqui é um celular pré-pago. Fique sempre com ele por perto. O “nome” e o *pin* estão atrás dele. Isso é tudo do que

precisa para renovar o serviço. Você pode fazer os pagamentos em diversos locais. É a coisa mais fácil do mundo. Vou ligar para você nesse telefone.

Ela assentiu seriamente. Havia algo profundamente cortês em Liona aceitar todas aquelas coisas, em não questionar o motivo do segredo, o motivo do codinome.

Novamente eu a beijei, beijei suas pálpebras, suas bochechas e depois sua boca. Ela estava terna e receptiva como sempre esteve. A fragrância de seus cabelos era a mesma de tantos anos atrás. Eu queria colocá-la no colo, levá-la para o quarto, possuí-la e grudá-la eternamente a mim.

Tarde demais. O carro já estava esperando lá embaixo. O pequeno Toby acabara de aparecer para dizer que já estava de malas prontas e preparado para pegar o avião. Acho que ele não gostou de eu ter beijado sua mãe. Postou-se ao lado dela, olhando para mim de maneira resoluta. E, quando o beijei, ele perguntou em tom de desconfiança:

– Quando é que a gente vai se ver novamente?

– Assim que der – respondi. Só Deus sabe quando isso será possível.

A descida até o térreo foi a caminhada mais longa que eu já fizera em toda a minha vida, embora Toby tivesse ficado maravilhado em subir e descer os cinco lances de escada na rotunda e em escutar sua voz ecoando nas paredes.

Ele perdia um pouquinho de suas maneiras cavalheirescas naqueles momentos.

Logo, logo chegamos à frente do hotel, e o carro estava lá esperando.

Mais um lindo dia de céu azul e clima ameno na Califórnia, todas as flores do local pareciam estar no auge da beleza e os pássaros cantavam suavemente nas árvores.

– Eu te ligo assim que der – disse a ela.

– Faz uma coisa por mim – disse ela baixinho.

– O que você quiser.

– Não diz que vai ligar se não for realmente ligar.

– Não, querida. Eu vou ligar. Eu vou te ligar de qualquer maneira. Eu só não sei exatamente quando vai ser. – Pensei por um instante e então disse: –

Me arranja mundo e tempo suficientes. Não se esqueça dessas palavras. Se eu demorar muito, lembre-se de falar essas palavras. Me arranja mundo e tempo suficientes.

Eu a abracei e dessa vez a beijei e não dei a mínima para quem pudesse ver, mesmo que fosse o pequeno Toby, e, quando a soltei, ela deu um passo para trás como se estivesse desequilibrada, como eu mesmo estava.

Levantei Toby no colo e olhei para ele. Então, beijei-o na testa e nas bochechas.

– Eu sabia que você ia ser assim – disse ele.

– Se eu tivesse dito a Deus em pessoa que queria um filho perfeito – eu disse – e tivesse tido a coragem de dizer a Deus como ele deveria ser feito, bom, Deus não poderia ter feito nada melhor, disso eu tenho certeza.

Então o carro partiu e eles se foram, e o belo e grandioso mundo do Mission Inn pareceu ter ficado vazio como jamais pareceu ter ficado antes.

CAPÍTULO QUATRO

CHEGUEI À MINHA SUÍTE E DESCOBRI QUE MALCHIAH estava lá esperando por mim. Estava sentado à mesa de ferro preto e chorava. Tinha os cotovelos em cima da mesa e as mãos no rosto.

– Qual é o problema? – perguntei. – O que está acontecendo? – Eu me sentei. – Isso é culpa minha? O que foi que eu fiz?

Ele endireitou o corpo na cadeira e sorriu lentamente para mim, o sorriso mais suave e triste que alguém poderia expressar.

– Você realmente ficou preocupado comigo? – perguntou.

– Bom, fiquei sim, você estava chorando. Parecia magoado.

– Eu não estou magoado. Mas acho que poderia ficar. Culpa minha por ouvir os acadêmicos – disse ele. Ele estava se referindo aos teólogos das universidades, homens como Santo Tomás de Aquino.

– Você está se referindo aos homens que dizem que você não tem coração.

– Vocês me fizeram chorar, vocês três – disse ele.

– Por quê?

Ele deu de ombros.

– No amor que vocês dois nutrem um pelo outro, eu ouvi o eco do firmamento.

– Agora é você que está me fazendo chorar – eu disse. Eu não conseguia parar de olhar para ele, para a profundidade de sua expressão. Eu queria abraçá-lo.

– Você não precisa me confortar – disse ele com um sorriso. – Mas fico emocionado por saber que tem essa intenção. Você não tem como saber o quanto é misteriosa para nós a maneira como os seres humanos se amam,

ansiando pela completude. Todos os anjos são completos. Homens e mulheres na Terra jamais o são, mas, quando alcançam essa completude no amor, eles alcançam o Céu.

– Por falar em mistérios – eu disse – , você parece um homem, tem voz de homem, mas não é homem.

– Não, certamente não sou.

– Como é a sua aparência quando está diante do Trono de Deus? – perguntei.

Ele riu daquele jeito suave e reprovador.

– Eu sou um espírito diante do Trono do Criador – disse ele suavemente.

– Sou um espírito que habita um corpo feito para esse mundo. Você sabe disso.

– Você nunca se sente solitário?

– O que você acha? – perguntou. – Eu tenho condições de ser solitário?

– Não – respondi. – Os anjos dos filmes de Hollywood são solitários.

– Verdade – disse ele com um sorriso amplo. – Até eu sinto pena deles. Chegará um momento em que você compreenderá o que eu sou, porque você será igual a mim, mas eu nunca saberei realmente como é ser como você agora. O máximo que consigo é ficar embevecido com isso.

– Eu nunca vou querer me separar deles – eu disse. – Minha mente está concentrada 24 horas por dia nisso. Se eu não puder estar com eles, eles vão ouvir a minha voz à distância com regularidade e frequência. Eles vão ter tudo o que eu puder dar a eles.

Uma aguda sensação de pânico me fez parar subitamente. O dinheiro que eu juntara durante todos esses anos era um dinheiro sujo de sangue. Mas era tudo o que eu tinha, e eu poderia utilizá-lo para eles, e ele poderia ser lavado dessa maneira, não poderia? Eu não tinha como pegar de volta os fundos de investimento que já havia criado. Rezei para que Malchiah não dissesse nada a esse respeito.

– Vocês pertencem um ao outro – disse ele.

– O que você está sugerindo? – perguntei. – Isso significa que algum dia, de uma forma ou de outra, pode ser que eu consiga viver com Liona e Toby

debaixo do mesmo teto?

Ele pareceu refletir por um momento e então disse:

– Reflita sobre o que já aconteceu. Pelo amor que vocês dois agora compartilham, você já se transformou. Olhe bem para você. E, nessa breve visita, você alterou o curso da vida de Liona e de Toby para sempre. Você jamais deixará passar um dia em sua vida sem saber que os possui, que eles necessitam de você, que você não deve desapontá-los. E eles jamais experimentarão um momento sem saber que têm o seu amor e o seu reconhecimento. Você não consegue identificar as mudanças que já estão ocorrendo? Viver debaixo do mesmo teto seria apenas um aspecto disso tudo.

– Essa é uma maneira anêmica de encarar a coisa – eu disse, antes de poder me corrigir. – Você não sabe o que significa para os humanos viver debaixo do mesmo teto.

– Eu sei, sim – afirmou ele.

Eu não respondi.

Ele esperou. Eu conseguia de fato enxergar a coisa. Enxergar a enormidade da situação, o que acontecera com Liona e com o pequeno Toby. Muito embora a gama das possibilidades infinitas que se apresentava a partir dos momentos que nós dois havíamos compartilhado não me impedisse de ansiar por muitas outras coisas mais, eu precisava confessar.

– Você sabe como amar – disse ele. – Essa é a chave. Você consegue amar não apenas aquelas pessoas que conhece na acolhedora iluminação do Tempo dos Anjos. Você consegue amar as pessoas em seu próprio tempo. A mulher e o menino não o assustaram. Seu coração bate com um amor novo e prático, que dois dias atrás era inimaginável a você.

Eu estava bastante abismado para responder. Visualizei-os de novo, Liona e o pequeno Toby, ao olharem para mim da primeira vez em que eu os vi.

– Não, eu não sabia que podia amar dessa forma – admiti.

– Eu sei que você não sabia – disse ele.

– E eu nunca vou decepcioná-los. Mas seja misericordioso, Malchiah. Diga para mim que talvez algum dia eu possa viver sob o mesmo teto em

que eles. Diga-me que isso é pelo menos concebível, merecendo eu ou não. Diga-me que talvez eu possa algum dia merecer isso. Diga que você vai me amparar nisso.

Ele ficou quieto por um momento. As lágrimas sumiram de seus olhos. Ele estava com a aparência plácida e maravilhada. Seus olhos me percorriam como se estivesse me estudando. Então olhou diretamente para mim.

– Talvez – disse ele – , talvez haja mundo e tempo suficientes para isso. Com o devido tempo. Mas você não deve pensar nisso agora. Porque agora é muito pouco provável que haja alguma possibilidade de isso vir a ocorrer. – Ele fez uma pausa como se estivesse disposto a falar mais alguma coisa, mas então mudou de ideia.

– Você pode errar? – perguntei. – Não que eu queira. Só quero saber. Você pode estar errado em relação a alguma coisa?

– Posso – respondeu ele. – Só o Criador conhece todas as coisas.

– Mas você não pode pecar.

– Não – disse ele simplesmente. – Muito tempo atrás, eu fiz a escolha pelo Criador.

– Deus do céu, você não pode me contar essa...

– Não agora, talvez jamais possa – disse ele. – Eu não estou aqui para contar a você a história do Criador e a de seus anjos, belo homem. Eu estou aqui para te conhecer, e para te guiar, e para pedir que você me preste seus mais devotos serviços. Agora deixe suas perguntas cósmicas para o Céu e vamos discutir o trabalho que você deve fazer.

– Ah, por que você não me dá mundo e tempo suficientes para compensar as coisas que eu fiz, e mundo e tempo suficientes...

– Certo, lembre-se dessas palavras – disse ele –, no local para onde eu estou te enviando, porque essa será uma complexa série de tarefas. Você não irá agora para a Inglaterra, nem para aquela época, mas sim para um outro mundo no qual a situação das crianças judias de Deus é ao mesmo tempo melhor e pior.

– Então nós vamos atender a preces de judeus?

– Sim – disse ele. – E dessa vez é um jovem chamado Vitale. Ele está rezando com desespero e com fé em busca de ajuda, e você irá até ele e encontrará uma complexa rede de mistérios que somente você poderá compreender. Mas venha. Está na hora de iniciarmos nossa pequena missão.

EM INSTANTES, NÓS DEIXAMOS A VARANDA PARA TRÁS.

Eu não sei o que outras pessoas viram, se é que viram alguma coisa.

Eu sabia apenas que nós havíamos deixado o sólido mundo do Mission Inn, e o sólido mundo de Liona e Toby, e estávamos mais uma vez no alto das nuvens. Se eu tinha uma forma, não conseguia vê-la nem senti-la. Tudo o que eu via era a umidade branca rodopiando ao meu redor, e aqui e ali o diminuto brilho de uma estrela.

Ansiei pela música celestial, mas ela não veio com tanta intensidade quanto as canções do vento, velozes e refrescantes e tirando de mim, ao que parece, todos os meus pensamentos do passado recente.

De repente, abaixo de mim, vi espalhar-se uma imensa e aparentemente interminável cidade, uma cidade de domos e jardins suspensos, e torres altas e cruzeiros abaixo de uma camada de nuvens eternamente mutantes.

Malchiah estava comigo, mas eu não conseguia vê-lo muito mais do que conseguia ver a mim mesmo. Mas podia ver as colinas familiares e os altos pinheiros da Itália, e soube então que era ali o local para onde eu estava indo, apesar de ainda não saber para qual cidade. Isso eu só descobriria mais tarde.

– Isso que você está vendo aí embaixo é Roma – disse Malchiah. – Leo X está no trono papal, e Michelangelo, exausto com os notáveis trabalhos empreendidos no teto de sua grande capela, participa de uma dezena de outros projetos e logo se entregará de corpo e alma a restaurar a própria catedral de São Pedro. Rafael pinta com toda a sua glória os aposentos que milhões visitarão séculos e séculos depois. Mas nada disso é importante para você, nem eu lhe darei o mínimo de tempo que seja para sequer vislumbrar o papa ou alguém de seu séquito, pois você foi chamado até aqui, como sempre, para um coração específico.

“Esse jovem homem, Vitale de Leone, reza fervorosa e ardorosamente, e outros tão apaixonadamente rezam por ele, que chegaram a formar uma multidão que se encontra às portas dos Céus.”

Estávamos descendo, chegando cada vez mais próximo dos jardins do terraço, mais próximo dos domos e campanários, até que finalmente pudemos ver o labirinto de escadarias e vielas enviesadas que constituía as ruas de Roma.

– Você nesse mundo é um judeu, chamado Toby, e é alaudista, como logo descobrirá, e que essa seja uma chave para você a respeito de quanto de seu talento variado será necessário para que essa iniciativa prospere. Agora você é conhecido como alguém imperturbável e que pode trazer consolo aos perturbados por meio de sua música, de modo que será bem-vindo ao chegar.

“Seja corajoso e amável, e seja aberto a todos aqueles que necessitam de você – principalmente nosso aturdido e bastante desencorajado Vitale, que é, por natureza, um homem de fé e que reza com tamanha valentia por assistência. Conto com sua sagacidade como sempre, seus nervos e sua astúcia. Mas na mesma medida em que conto com seu coração generoso e culto.”

CAPÍTULO CINCO

ASSIM QUE EMERGI NO INTERIOR DE UMA pequena *piazza* diante de um imenso *palazzo*, uma multidão irrompeu como se estivesse à minha espera.

Não era a turba que eu encontrara na Inglaterra na minha última aventura para Malchiah, mas era evidente que havia alguma coisa acontecendo aqui, e eu estava sendo mergulhado em direção ao próprio cerne do evento.

A multidão era composta de judeus, quase em sua maioria, ou pelo menos era o que parecia, já que muitas pessoas portavam um círculo amarelo preso em suas roupas, e outras estavam com fitas azuis nas extremidades de suas longas túnicas de veludo. Esses eram homens ricos, homens de influência, e a maneira como se portavam me dizia isso tão bem quanto suas vestimentas.

Quanto a mim, eu estava vestido com uma fina túnica de veludo, com mangas talhadas com forros de prata, pernas visivelmente caras e botas de couro altas tingidas num tom verde vivo. Usava um par de finas luvas de couro e pele. Nas minhas costas, eu carregava, preso em sua fina correia de couro, um alaúde! Também eu portava o pedaço de pano amarelo. E, quando me apercebi disso, senti uma certa vulnerabilidade que jamais conhecera antes.

Meus cabelos, louros e encaracolados, ficavam na altura dos ombros, e eu estava mais estupefato de reconhecer a mim mesmo nessa elegância do que com qualquer coisa que aquela multidão diante de mim pudesse vir a fazer.

Todos eles se afastavam de mim e gesticulavam para o portão da casa através do qual eu podia ver a luz que emanava do pátio interno.

Eu sabia que fora destinado para isso. Não havia nenhuma dúvida a esse respeito. Antes, porém, que eu pudesse alcançar a corda de um sino, ou chamar o nome de alguém, um dos anciãos da multidão deu um passo à frente como se estivesse barrando o meu caminho.

– Você entra naquela casa por sua própria conta e risco – disse ele. – Ela está possuída por um *dybbuk*. Nós reunimos os anciãos três vezes para exorcizar esse demônio, mas fracassamos.

“No entanto, o jovem cabeça-dura proprietário da casa recusa-se a sair. E agora o mundo, que já confiou nele e já o respeitou, começou a encará-lo com temor e desprezo.”

– Não obstante – eu disse –, aqui estou eu para vê-lo.

– Isso não é bom para ninguém aqui – disse um outro homem presente. – E você tocar alaúde para o paciente dele não vai mudar o que está acontecendo debaixo daquele teto.

– O que então você diria para eu fazer? – perguntei.

Um riso atormentado percorreu o grupo.

– Fique longe dessa casa e fique longe de Vitale Ben Leone até ele determinar abandoná-la e o proprietário decidir que ela deve ser demolida.

A casa parecia imensa, com quatro andares de janelas redondas arqueadas, e a ação descrita parecia uma atitude desesperada.

– Eu te digo, alguma coisa do mal tomou essa habitação aqui – disse um dos outros homens. – Você consegue ouvir? Consegue ouvir os ruídos lá dentro?

Eu conseguia efetivamente ouvir os ruídos lá dentro. Parecia um som de objetos sendo jogados de um lado para o outro. E parecia que alguma coisa feita de vidro estava sendo despedaçada.

Eu bati no portão. Então vi a corda do sino e puxei-a com força. Se o sino soou, o som foi ouvido bem no interior da casa.

Os homens ao meu redor deram passos para trás assim que o portão finalmente se abriu e um jovem cavalheiro, mais ou menos da minha idade, ficou em pé na soleira. Ele tinha os cabelos encaracolados, pretos e espessos, na altura dos ombros, e olhos muito pretos. Estava tão bem-

vestido quanto eu próprio estava, numa túnica revestida e perneiras, e usava mocassins de couro marroquinos nos pés.

– Ah, que bom, você veio – disse ele para mim e, sem dirigir uma palavra sequer aos outros, puxou-me para o interior do pátio da casa.

– Vitale, saia desse lugar antes de você se arruinar – disse um dos homens para ele.

– Eu me recuso a fugir – respondeu Vitale. – Não serei retirado daqui. Além do mais, Signore Antonio é proprietário dessa casa, é meu patrão e eu faço o que ele diz. Niccolò é filho dele, não é?

O portão foi fechado e a pesada porta de madeira, trancada.

E um velho serviçal ficou lá em pé segurando uma vela que protegia com seus dedos esqueléticos.

Mas a luz forte vinha do teto alto e penetrava no pátio, e, só quando começamos a subir a ampla escadaria de pedra, nos encontramos mergulhados nas sombras e necessitados de uma pequena chama para nos guiar.

Era uma casa como muitas outras casas italianas, visíveis do exterior apenas as paredes com janelas sem cor, mas com um interior digno da palavra “*palazzo*”, e eu fiquei cativado pelo vistoso tamanho e pela solidez da construção à medida que avançávamos em meio a vastos e lustrosos ambientes. Vislumbrei paredes lindamente adornadas com afrescos, pisos com o mais rico ladrilho de mármore e uma pletora de tapeçarias escuras.

Um ruído bem alto de algo sendo quebrado soou em algum lugar, o que fez com que nosso pequeno grupo parasse.

O velho serviçal proferiu algumas orações em latim e fez o sinal da cruz, o que me deixou surpreso, mas o jovem que estava comigo não parecia ter medo e mantinha uma postura desafiadora.

– Eu não vou sair daqui à força por causa disso – disse ele. – Vou descobrir o que essa coisa quer. E quanto a Niccolò, vou achar uma maneira de curá-lo. Eu não estou amaldiçoado e não envenenei ninguém.

– É disso que você está sendo acusado? De estar envenenando seu paciente?

– É por causa do fantasma. Se não fosse pelo fantasma, eu não estaria sob suspeita de coisa alguma. E, por causa do fantasma, eu não posso tratar de Niccolò, que é o que eu deveria estar fazendo agora. Eu mandei chamá-lo para que você toque alaúde para Niccolò.

– Então vamos até ele, e eu tocarei o alaúde como você me pediu.

Ele me encarou, indeciso, e então estremeceu novamente por causa de um estrondo forte que veio do que talvez pudesse ser o porão.

– Você acredita que exista um *dybbuk* aqui? – perguntou ele.

– Não sei.

– Venha até o meu estúdio – disse ele. – Vamos conversar por alguns minutos antes de irmos até Niccolò.

Agora os sons vinham de todas as partes, portas rangendo, e o som de alguém batendo os pés no andar inferior.

Por fim, abrimos as portas duplas do estúdio e o serviçal rapidamente acendeu diversas outras velas para nós, já que as persianas estavam fechadas. O local estava empilhado de livros e papéis, e eu podia ver gabinetes de vidro com volumes encadernados em couro gastos por intenso manuseio. Estava claro que alguns daqueles livros eram impressos, ao passo que outros não. Em cima das várias mesinhas, havia códices escritos à mão abertos e em outras, papéis preenchidos com o que pareciam ser rabiscos, e, no centro da sala, encontrava-se a escrivaninha do homem.

Ele fez um gesto para que eu me sentasse na cadeira romana ao lado dele. Então desabou na cadeira, pôs os cotovelos em cima da escrivaninha e enterrou o rosto nas mãos.

– Eu achava que você não viria – disse ele. – Eu não sabia quem em Roma tocaria alaúde para o meu paciente, agora que estou em tamanha desgraça. Só o pai de meu paciente, meu bom amigo Signore Antonio, acredita que quaisquer medidas que eu tome possam vir a ser de alguma ajuda.

– Eu farei o que quer que você necessite que eu faça – eu disse. – Imagino se um alaúde pode mesmo acalmar esse espírito causador de tumulto.

– Ah, que pensamento interessante – concedeu ele –, mas nesses dias da Santa Inquisição, você acha que um de nós pode ousar tentar envolver o demônio em algum encanto? Nós seríamos estigmatizados como bruxos ou feiticeiros, se fizéssemos isso. Além disso, eu preciso muito de você ao lado do leito de meu paciente.

– Pense em mim como a resposta a suas preces. Eu tocarei para seu paciente e também farei o que quer que esteja ao meu alcance para ajudar você com esse espírito.

Ele olhou para mim por um momento longo e pensativo e então disse:

– Eu posso confiar em você. Eu sei que posso.

– Bom. Que eu fique a seu serviço.

– Primeiro, ouça a minha história. Ela é breve e nós temos de partir logo, mas deixe-me contar a você como tudo isso se desenrolou até aqui.

– Sim, conte-me tudo.

– Signore Antonio trouxe-me para cá de Pádua, junto com seu filho Niccolò, que tornou-se o amigo mais íntimo que eu jamais tive nesse mundo, embora eu seja judeu e esses homens sejam gentios. Estudei medicina em Montpellier, e foi lá que conheci pai e filho, e imediatamente comecei a copiar textos médicos do hebraico para o latim para o Signore Antonio, que possui uma biblioteca cinco vezes maior do que essa, e que significa tudo no mundo para ele. Niccolò e eu gostávamos de beber juntos além de ser colegas, e todos seguimos para Pádua e depois finalmente chegamos a nosso lar, Roma, onde Signore Antonio estabeleceu-me nessa casa para prepará-la para Niccolò. Essa casa estava destinada a Niccolò e sua noiva, mas então o fantasma apareceu na primeira noite em que eu me ajoelhei e fiz minhas preces aqui.

Ouviu-se um outro estrondo da parte de cima do imóvel e o característico som de alguém caminhando, embora a mim parecesse que, numa casa como essa, não se ouviria o som de uma pessoa comum caminhando.

O serviçal ainda estava conosco, agachado perto da porta, segurando a vela. Sua cabeça estava calva e rosada à luz, com apenas alguns fios de cabelos escuros, e ele estava inquieto com os olhos fixos sobre nós.

– Vá, Pico, saia daqui – disse Vitale. – Corra até Signore Antonio e diga a ele que eu já estou indo. – Com toda a gratidão do mundo, o homem saiu correndo de lá. Vitale olhou para mim. – Eu te ofereceria comida e bebida, mas não há nada aqui. Os serviçais fugiram. Todos, exceto Pico. Pico morreria por mim. Talvez ele pense que seja isso exatamente o que está para acontecer.

– O fantasma – eu lembrei a ele. – Você disse que ele apareceu na noite em que você rezou. Isso significou algo para você.

Ele fixou os olhos em mim com seriedade por um momento.

– Eu tenho a impressão de que o conheço desde sempre – disse ele. – Sinto que posso lhe contar os segredos mais profundos de minha alma.

– Você pode – afirmei. – Mas se é que devemos ver Niccolò daqui a pouco, você terá de falar rapidamente.

Ele continuou olhando fixamente para mim, e seus olhos escuros possuíam um fogo que eu achei deveras fascinante. Seu rosto estava repleto de animação, como se ele não conseguisse disfarçar nenhuma emoção, mesmo que quisesse, e parecia estar prestes a irromper a qualquer momento com alguma selvagem explicação, mas, em vez disso, ficou quieto e começou a falar em voz baixa.

– O fantasma sempre esteve aqui, esse é o meu temor. Ele estava aqui e estará aqui depois que formos forçados a sair. A casa esteve fechada por vinte anos. Signore Antonio me contou que há muito tempo ele a deixou para um dos primeiros eruditos judeus com quem conviveu. Ele não diz mais nada acerca do homem, exceto que viveu aqui durante uma época. Agora, ele quer a casa para Niccolò e sua noiva, e eu devo permanecer aqui na função de secretário de Niccolò, e médico quando necessário, e possivelmente tutor de seus filhos quando estes nascerem. Era um esquema cheio de felicidade, esse.

– E Niccolò ainda não estava doente.

– Ah, não, longe disso. Niccolò estava ótimo. Niccolò esperava ansiosamente seu casamento com Leticia. Ele e Lodovico, seu irmão,

estavam fazendo vários planos. Não, nada de ruim havia acontecido a Niccolò.

– E então você rezou naquela primeira noite e o fantasma começou a te perturbar.

– Sim. Veja bem, eu achei a sala no andar de cima onde era a sinagoga. Achei a Arca e, nela, os antigos manuscritos da Torá. Eles pertenceram àquele erudito que Antonio deixara morar aqui muito tempo atrás. Eu me ajoelhei e rezei, e temo haver rezado por coisas sobre as quais não tinha nenhum direito de rezar.

– Conte-me.

– Rezei por fama – disse ele com uma vozinha miúda. – Rezei por riqueza. Rezei por reconhecimento. Rezei para que, de algum modo, eu me tornasse um grande médico em Roma, e para que me tornasse um erudito destacado para Signore Antonio, quem sabe traduzindo textos para ele que ninguém ainda havia descoberto ou tornado disponíveis.

– Isso me parece um conjunto de preces absolutamente humano – eu disse –, que, tendo em vista os seus talentos, soa bastante compreensível.

Ele olhou para mim com uma gratidão de cortar o coração.

– Veja bem, eu tenho muitos talentos – disse ele humildemente. – Eu tenho um talento para a escrita e para a leitura que poderia me manter ocupado durante todos os dias. Mas também tenho talento para a medicina, uma habilidade para tocar a mão de um homem e saber o que há de errado com ele.

– Então, por acaso, era errado rezar para que esses talentos florescessem?

Ele sorriu e balançou a cabeça.

– Você pode ter vindo para tocar alaúde para o meu amigo – disse ele –, mas, nesse exato momento, você está me dando mais conforto do que a música jamais poderia dar. A questão é a seguinte: naquela mesma noite, o fantasma começou a produzir seus ruídos, suas pisadas, a atirar coisas no chão. Os distúrbios ocorriam logo depois da minha prece e, todas as vezes depois de ele despedaçar esse estúdio – e creia-me, ele consegue fazer os

tinteiros voarem pelos ares –, ele se retirava para o porão. Ele se retirava e batia os punhos contra o assoalho do porão.

– Meu amigo, esse fantasma pode não ter nada a ver com suas preces. Agora prossiga. O que aconteceu com Niccolò?

– Bom, por volta dessa época Niccolò sofreu uma queda de cavalo. Não foi nada que lhe trouxesse maiores consequências, e a ferida sarou instantaneamente. Niccolò é mais forte do que eu. Mas, desde então, ele só tem decaído. Sua tez ficou pálida. Ele treme e, eu te digo, a cada dia está pior e a coisa está corroendo sua mente, essa enfermidade, essa ociosidade, esse estar deitado na cama sem nada mais a fazer a não ser observar suas próprias mãos tremerem.

– A ferida está limpa? Você tem certeza disso?

– Certeza absoluta. Ele não tem febre da ferida. E os rumores, os rumores estão se espalhando agora, como sempre acontece, que eu, seu médico judeu, o estou envenenando! Ah, graças a Deus que Signore Antonio acredita em mim.

– Isso é um perigo terrível, ser acusado de envenenamento – eu disse. Eu sabia muito bem disso por estudar história. Ninguém precisava me dizer.

– Ah, compreenda, eu tenho a minha imunidade deferida pelo próprio Signore Antonio, tudo apropriadamente assinado, para que eu trate o paciente, e afirmando que eu serei pago, ele vivendo ou morrendo, e que nenhuma acusação pode ser formalmente endereçada a mim. Essa é a praxe em Roma, e eu tenho a minha dispensa do papa para tratar cristãos. Eu tenho isso há anos. Sou dispensado de usar o pano amarelo. Tudo isso está em ordem. Minha preocupação não é o que acontecerá comigo. Minha preocupação é esse fantasma e o motivo de ele estar aqui. E minha preocupação é o que acontecerá com Niccolò. Eu amo Niccolò! Se não fosse o fantasma, eu não estaria sendo acusado. E meus outros pacientes não teriam sumido. Mas eu poderia viver sem eles. Eu poderia viver sem tudo isso. Se ao menos Niccolò estivesse bem de saúde. Se ao menos Niccolò estivesse recuperado. Mas eu tenho de descobrir por que esse fantasma está me amaldiçoando e por que eu não consigo curar Niccolò naquele leito onde

ele se encontra, a não mais do que trinta metros daqui nessa mesma casa, enfraquecendo cada vez mais.

– Vamos ver Niccolò. Podemos conversar sobre o fantasma mais tarde.

– Ah, só mais uma coisa antes de irmos. Eu rezei com orgulho naquela primeira noite. Eu sei que fiz isso.

– Nós todos fazemos isso, meu amigo. É orgulho, não é, pedir alguma coisa a Deus? E, no entanto, Ele nos conclama a pedir. Ele nos conclama a pedir como Salomão pediu por sabedoria.

Ele se afastou um pouco, e isso pareceu tê-lo deixado mais calmo.

– Como Salomão pediu – sussurrou ele. – Sim, eu fiz isso. Eu disse a Ele que queria ter todos esses muitos talentos, talentos do espírito, da mente e do coração. Mas será que eu tinha o direito de fazer isso?

– Agora vamos – eu disse. – Vamos ver seu amigo Niccolò.

Ele faz uma pausa como se estivesse ouvindo algum som distante. E nós dois percebemos que a casa estava quieta, e assim estivera durante algum tempo.

– Você acha que o *dybbuk* estava ouvindo? – perguntou ele.

– Quem sabe – eu disse. – Se ele consegue produzir som, então também consegue ouvir sons. Não parece provável?

– Ah, que o Senhor te abençoe, eu estou tão contente por você ter vindo. Vamos indo.

Ele agarrou a minha mão com ambas as suas. Ele era um homem passional, um homem volátil, e eu percebi o quanto era diferente em espírito daqueles que eu havia visitado em minha última aventura, que, apesar de toda a paixão que demonstravam ter, não possuíam o sangue quente mediterrâneo de Vitale.

– Você percebe que não sei o seu nome? – disse ele.

– Toby. Agora vamos ver o seu paciente. Enquanto toco alaúde, poderei ouvir, observar e ver se de fato esse homem está sendo envenenado.

– Ah, mas isso não é possível.

– Não estou dizendo por você, Vitale, estou dizendo por alguma outra pessoa.

– Mas eu lhe digo, Toby, não existe ninguém que não o ame, ninguém que poderia suportar perdê-lo. Aí reside o abominável mistério.

Nós encontramos a mesma multidão na rua, mas dessa vez aos judeus haviam se juntado alguns passantes e alguns indivíduos de feição mais tosca, e eu não gostei da aparência deles.

Passamos pelo meio da turba sem falar uma palavra sequer e, enquanto seguíamos em meio ao emaranhado de pessoas reunidas na viela, Vitale sussurrava para mim:

– As coisas estão boas agora para os judeus aqui em Roma – disse ele. – O papa tem um médico judeu e ele é meu amigo, e há demanda por eruditos judeus em toda parte. Eu acho que todo cardeal deve ter um erudito hebreu em sua equipe. Mas isso pode mudar a qualquer momento. Se Niccolò morrer, que o Senhor tenha misericórdia de mim. Com esse *dybbuk*, eu serei acusado não apenas de envenenamento como também de bruxaria.

Assenti com a cabeça, mas estava principalmente tentando passar pelo meio da multidão de passantes, vendedores ambulantes e mendigos. As casas de repasto e tabernas adicionavam seus aromas e fermentos às ruas estreitas.

Mas, em questão de minutos, nós havíamos chegado à casa de Signore Antonio e fomos admitidos de imediato através dos imensos portões de ferro.

CAPÍTULO SEIS

ENTRAMOS IMEDIATAMENTE EM UM ENORME pátio, repleto de árvores dispostas em vasos e arranjadas ao acaso ao redor de uma fonte resplandecente.

O velho homem curvado e carcomido que nos abriu o portão balançava a cabeça e tinha a aparência arrasada.

– Ele está pior hoje, jovem Mestre – disse ele –, e eu temo por ele. Seu pai está aqui embaixo e não se afasta da cama dele. Ele está à sua espera agora.

– Isso é bom, Mestre Antonio saiu da cama, isso é muito bom – disse Vitale imediatamente. Ele me confidenciou: – Quando Niccolò sofre, Antonio sofre. O homem vive para seus filhos. Ele tem seus livros, seus papéis, seu trabalho para mim o tempo todo, mas, sem os filhos, não há realmente nada para ele.

Juntos, nós subimos uma imponente escadaria bem ampla, de degraus estreitos e pedra polida. E então prosseguimos através de uma longa galeria. Havia objetos espetaculares pendurados em todas as paredes, tapeçarias de princesas caminhando a esmo e jovens galantes em caçadas. Grandes seções estavam pintadas com brilhantes afrescos pastorais. O trabalho me parecia tão refinado quanto se tivesse sido feito por Michelangelo ou por Rafael e, até onde eu sabia, uma parte daquelas obras havia sido feita por seus aprendizes ou alunos.

Passamos para o interior de uma cadeia de antecâmaras, todas com piso de mármore e carpetes persas e turcos espalhados. Magníficas cenas clássicas de ninfas dançando em jardins paradisíacos adornavam as paredes

nuas. Apenas uma mesa longa de madeira polida encontrava-se no centro de uma das salas. Não havia nenhum outro móvel.

Finalmente as portas duplas foram abertas para revelar um quarto vasto e decorado, totalmente escurecido a não ser pela luz que nos acompanhava, e lá estava deitado Niccolò, obviamente, pálido e de olhos vívidos, com o corpo encostado numa montanha de travesseiros de linho embaixo de um imenso baldaquim nas cores vermelha e dourada.

Os cabelos louros e cheios estavam emaranhados na testa úmida. Na realidade, ele parecia estar tão febril e tão inquieto, que eu senti vontade de exigir que alguém lhe banhasse imediatamente o rosto.

Também ficou absolutamente claro para mim que ele estava sendo envenenado. Dava para dizer que sua visão estava embaçada e que suas mãos estavam trêmulas. Por um momento, ele nos mirou a todos como se não conseguisse nos ver.

Tive a devastadora sensação de que o veneno já alcançara um nível fatal em seu sangue. Senti um leve pânico.

Será que Malchiah me enviara até aqui para que eu conhecesse a amargura do fracasso?

Ao lado da cama, estava sentado um venerável cavalheiro num longo robe de veludo cor de vinho, com meias pretas e mocassins de couro adornado com joias. Ele possuía uma vasta cabeleira branca quase lustrosa e um bico de viúva que lhe garantia uma considerável distinção e vibrou diante da visão de Vitale. Mas não falou nada.

Na extremidade da cama, encontrava-se em pé um homem que parecia estar tão profundamente emocionado com tudo isso, que seus olhos estavam molhados de lágrimas e suas mãos tremiam quase com a mesma intensidade que as mãos do paciente.

Eu podia ver que ele tinha uma certa semelhança com o velho e com o jovem na cama, mas alguma coisa bastante diferente marcava sua aparência. Faltava a ele a cabeleira, isso era uma coisa, e ele também possuía olhos azuis maiores e bem mais escuros do que os dos dois outros homens. Além

disso, enquanto o velho expressava sua preocupação de uma maneira devotada, esse jovem parecia estar à beira de ter um colapso nervoso.

Esplendidamente vestido em uma túnica com pespontos dourados e mangas talhadas e revestidas com seda, ele trazia uma espada na cintura, estava bem barbeado e tinha os cabelos pretos curtos e encaracolados.

Tudo isso eu percebi quase que imediatamente. Vitale beijou o anel do cavaleiro sentado ao lado da cama e disse em voz baixa:

– Signore Antonio, fico feliz em ver que o senhor desceu, embora triste por saber que encontra seu filho em tais condições.

– Diga-me, Vitale – perguntou o velho –, qual é o problema com ele? Como pode um ferimento simples provocado pela queda de um cavalo produzir uma condição tão deplorável quanto essa?

– Isso é o que tenho a intenção de descobrir, Signore – disse Vitale. – Eu lhe dou meu coração como garantia.

– Você uma vez me curou quando todos os médicos italianos me haviam dado como morto – disse Signore Antonio. – Eu sei que você pode curar o meu filho.

O jovem na extremidade da cama ficou ainda mais agitado.

– Pai, embora seja doloroso, para mim, dizer isso, é melhor nós escutarmos os outros médicos. Eu estou extremamente temeroso. Meu irmão deitado aqui não é meu irmão. – As lágrimas escorreram por seus olhos.

– Sim, essa dieta de caviar eu aceito, Lodovico – disse o paciente para o jovem. – Mas, pai, eu tenho total confiança em Vitale da mesma maneira com que o senhor sempre confiou nele, e, se eu não ficar curado, é porque assim é a vontade de Deus.

Ele estreitou os olhos ao olhar para mim. Estava confuso diante da minha presença, e cada palavra que dizia era um esforço.

– Dieta de caviar? – perguntou o pai. – Eu não compreendo.

– Para que meu irmão coma caviar por causa de sua pureza – disse Lodovico, o jovem –, e para que ele coma isso três vezes ao dia e mais nenhuma outra comida. Eu estive com os médicos do papa para me

aconselhar acerca disso. Só estou fazendo o que eles me disseram que deveria ser feito. Ele está seguindo essa dieta agora desde a queda.

– Por que ninguém me comunicou isso? – perguntou Vitale, olhando de relance para mim enquanto falava e, em seguida, para Lodovico. – Caviar e nada mais? Você não está satisfeito com a comida que eu recomendei?

Eu vi a raiva brilhar nos olhos de Lodovico por um instante e então desaparecer de imediato. Aparentemente ele estava perturbado demais para se sentir insultado.

– Meu irmão não estava se dando bem com aquela comida – disse ele com um meio sorriso que sumiu rapidamente. – O Santo Padre em pessoa mandou o caviar – prosseguiu ele pacientemente com a explicação a seu pai, expressando uma confiança quase terna. – Seu predecessor acreditava piamente nisso. E viveu bem e com disposição, e o alimento lhe dava forças.

– Sem querer insultar Sua Santidade, de maneira nenhuma – disse Vitale mais do que rapidamente –, e é muita bondade da parte dele enviar o caviar, evidentemente. Mas eu nunca ouvi nada tão estranho.

Ele lançou um olhar bastante significativo na minha direção, mas eu duvido de que qualquer um dos presentes tenha notado.

Niccolò tentou sentar-se apoiado nos cotovelos e então voltou à posição original, fraco demais, mas ainda determinado a falar.

– Eu não me importo com isso, Vitale. O gosto é até bom, e parece que eu não consigo sentir o sabor de mais nada. – Ele suspirava muito mais do que falava e então murmurou: – Contudo, queima os meus olhos. Mas eu acho que provavelmente qualquer outra comida faria a mesma coisa.

Queima os meus olhos.

Minha mente estava ponderando as palavras com uma certa inquietude. Ninguém tinha a menor noção, é claro, de que eu era um homem que produzira venenos, venenos disfarçados, e sabia muito bem como administrá-los. E, se havia algum alimento que podia mascarar um veneno, este era, pura e simplesmente, o caviar preto, porque nele é possível misturar praticamente qualquer coisa que exista no mundo.

– Vitale – perguntou o paciente –, quem é esse homem que veio com você? – Ele levantou os olhos para mim. – Por que você está aqui? – Era uma luta para ele conseguir fazer com que essas palavras pudessem sair de sua boca.

E finalmente, para meu grande alívio, uma serviçal apareceu com uma bacia com água e aplicou um pano frio em sua cabeça. Ela enxugou um pouco do suor do rosto dele. Ele ficou irritado com isso e fez um gesto para que parasse, mas o velho orientou-a a continuar.

– Eu trouxe esse homem aqui para tocar alaúde para você – explicou Vitale. – Você sabe como a música sempre te acalmou. Ele vai tocar suavemente, nada que possa deixá-lo agitado.

– Ah, sim – disse Niccolò, recostando-se de volta no travesseiro. – Isso é muita gentileza sua, com certeza.

– Os boatos nas ruas dizem que você contratou esse homem para tocar para o demônio em sua casa – disse Lodovico de repente. Novamente ele deu a impressão de estar prestes a chorar. – Foi isso o que você fez? E agora mente, fala sobre isso como se fosse um estratagema?

Vitale ficou chocado.

– Lodovico, pare – disse o pai. – Não existe nenhum demônio naquela casa. E jamais eu ouvi você falar com Vitale dessa maneira. Esse é o homem que me trouxe de volta a saúde quando todos os médicos de Pádua, onde existem de fato mais médicos do que em qualquer outra parte da Itália, me haviam dado como morto.

– Ah, mas, pai, existe um espírito do mal naquela casa – disse Lodovico. – Todos os judeus sabem disso. Eles têm um nome para ele.

– *Dybbuk* – disse Vitale, com o ar cansado e ligeiramente desprovido de medo para um homem que tinha um fantasma em casa.

– Esse homem tem sido perseguido por esse *dybbuk* desde que você lhe entregou as chaves – continuou Lodovico. – E, logo depois desse *dybbuk* passar a residir na casa e começar a quebrar janelas na calada da noite, as habilidades médicas de Vitale começaram a se desintegrar diante de nossos próprios olhos.

– Desintegrar? – Vitale estava perplexo. – Quem está dizendo que as minhas habilidades se desintegraram? Lodovico, isso é uma mentira! – Ele estava ofendido, confuso.

– Mas os pacientes judeus não aparecem mais, aparecem? – perguntou Lodovico. Subitamente ele mudou de tom. – Vitale, meu amigo, pelo amor do meu irmão, diga a verdade.

Vitale estava entravado. Mas Niccolò só olhava para ele com confiança e com amor, e o velho estava pensativo e sem agilidade para dizer o que quer que fosse.

– Os judeus me disseram isso eles próprios – disse Lodovico. – Três vezes eles tentaram tirar esse *dybbuk* de sua casa. Esse *dybbuk* está em seu estúdio, na sala onde você guarda seus remédios, esse *dybbuk* está em todos os cantos de sua casa e talvez em todos os cantos de sua mente!

O jovem estava entrando em frenesi.

– Não, você não deve dizer tais coisas – disse Niccolò em voz alta. Em vão, ele tentou novamente se erguer sobre os cotovelos. – A minha doença não foi causada por ele. Você acha que todo homem que aparece com febre e morre em virtude dela é porque existe um demônio numa casa na mesma rua? Pare de dizer essas coisas.

– Calma, meu filho, calma – disse o velho. Ele colocou as mãos no filho e tentou forçá-lo a se recostar no travesseiro. – E lembrem-se, meus filhos, a casa em questão é minha. Portanto, o demônio, ou o *dybbuk* como os judeus o chamam, deve certamente pertencer a mim. Eu devo ir até a casa e confrontar esse espírito fantástico que desbarata exorcistas não só judeus como também romanos. Eu devo ver esse espírito com meus próprios olhos.

– Pai, eu te imploro, não faça isso! – disse Lodovico. – Vitale não está te informando acerca da violência desse espírito. Todo médico judeu que veio aqui nos informou. Ele lança coisas no ar e quebra outras tantas. Ele bate os pés.

– Ah, tolices – disse o pai. – Eu acredito em doenças e acredito em curas para elas. Mas em espíritos? Espíritos que lançam coisas? Isso eu terei de

ver com meus próprios olhos. Para mim, é suficiente que Vitale esteja aqui com Niccolò.

– Sim, pai – disse Niccolò – , e isso também é suficiente para mim. Lodovico, você sempre amou Vitale – disse ele para o irmão –, assim como eu. Nós três somos amigos desde Montpellier. Pai, não ouça essas coisas.

– Não estou ouvindo, meu filho – disse o pai, mas este estava agora observando cuidadosamente o filho, porque, quanto mais ele protestava, mais doente aparentava estar.

Lodovico ajoelhou-se ao lado da cama e chorou com a testa no braço do irmão.

– Niccolò, eu faria qualquer coisa que estivesse em meu poder para ver você curado dessa coisa – disse ele, embora fosse difícil entendê-lo em meio às lágrimas. – Eu amo Vitale. Sempre amei. Mas os outros médicos estão dizendo que ele está enfeitiçado.

– Pare, Lodovico – disse o pai. – Você está alarmando seu irmão. Vitale, olhe para o meu filho. Examine-o novamente. É para isso que você está aqui.

Vitale estava observando tudo isso atentamente, assim como eu. Eu não conseguia detectar o veneno a partir de nenhum cheiro no recinto, mas isso não significava coisa alguma. Eu conhecia inúmeros venenos que, misturados ao caviar, fariam o truque. Uma coisa estava clara, entretanto. O paciente ainda contava com uma força considerável.

– Vitale, sente-se comigo – disse o paciente. – Fique comigo hoje. Os piores pensamentos têm surgido em minha mente. Eu vejo a mim mesmo morto e enterrado.

– Não diga isso, meu filho – disse o pai.

Lodovico estava além de qualquer consolo.

– Irmão, eu não sei o que significa a vida sem você – disse ele com ternura. – Não me faça contemplar essa realidade. A primeira coisa de que eu me lembro é de você em pé ao lado de meu berço. Para mim, assim como para nosso pai, você precisa se recuperar.

– Todos vocês, saiam, por favor – disse Vitale. – Signore, confie em mim como sempre confiou. Eu quero examinar o paciente, e você, Toby, assuma seu lugar ali – disse ele, apontando para a extremidade da cama – e toque suavemente para apascentar os nervos de Niccolò.

– Sim, isso é bom – disse o pai e levantou-se e fez um gesto para que o homem mais jovem saísse.

O homem mais jovem não queria fazer isso.

– Olhe, ele mal tocou a última porção de caviar que deram para ele – disse Lodovico. Ele apontou para uma pequena bandeja de prata na mesinha de cabeceira. O caviar estava disposto em um pequenino prato de vidro no interior da bandeja junto com uma delicada colherinha de prata. Lodovico encheu a colher e levou-a aos lábios de Niccolò.

– Não, não quero mais. Eu te digo, isso queima os meus olhos.

– Ah, vamos lá, você precisa comer – disse o irmão.

– Não, não quero mais, eu não suporto nada agora – disse Niccolò. Então, como se para aquietar o irmão, ele pegou a colher e engoliu o caviar e, de imediato, seus olhos começaram a ficar vermelhos e a lacrimejar.

Mais uma vez, Vitale pediu para que todos saíssem. Ele fez um gesto para que eu me sentasse no canto, onde uma imensa cadeira preta fantasticamente entalhada brilhava como se estivesse esperando para me devorar.

– Eu quero ficar aqui – disse Lodovico. – Você devia me pedir para ficar aqui, Vitale. Se você for acusado...

– Tolicie – disse o pai e, pegando o filho pela mão, conduziu-o para fora do recinto.

Eu me sentei confortavelmente naquela imensa cadeira, um verdadeiro monstro com exuberantes garras pretas e almofadas vermelhas nas costas e no assento. Retirei as luvas, deslizei-as para trás do meu cinto e comecei a afinar o alaúde com o máximo de suavidade possível. E foi uma beleza. Mas outros pensamentos estavam tocando em minha mente.

O paciente não havia sido envenenado antes do aparecimento do *dybbuk*. Certamente o envenenador estava aqui, nessa casa, e eu estava bastante certo

de que era o irmão, que estava tirando vantagem da aparição do fantasma. Eu duvidava de que o envenenador fosse inteligente o suficiente para produzir um fantasma. Na realidade, eu tinha certeza de que o envenenador não produzira o fantasma. Mas ele era inteligente o suficiente para começar seu trabalho malévolo por causa da aparição de um fantasma.

Comecei a tocar uma das mais antigas melodias que conhecia, uma pequena dança baseada em algumas variações harmônicas básicas, e mantive a execução da música no tom mais delicado possível.

Como era inevitável, um pensamento se apoderou de mim. O fato de eu estar realmente tocando um excelente alaúde no mesmo período em que o instrumento se tornara amplamente popular. Eu estava na mesma época em que ele talvez tivesse atingido o ápice de sua musicalidade e força estética. Mas não havia tempo para eu me deliciar com esse tipo de coisa, muito menos para que me dirigisse à Basílica de São Pedro para ver por mim mesmo sua construção.

Eu estava pensando no envenenador e em como nós estávamos com sorte por ele ter escolhido parar por um tempo.

Quanto ao mistério do *dybbuk*, isso teria de esperar pela resolução do mistério, porque claramente o envenenador, embora paciente, não necessitava de muito mais tempo para alcançar o que planejava obter.

Eu estava dedilhando lentamente, quando Vitale fez um gesto delicado para que eu parasse.

Ele estava segurando a mão de seu paciente, ouvindo sua pulsação, e agora ele se curvara com muita desenvoltura e pusera o ouvido junto ao peito de Niccolò.

Colocou ambas as mãos na cabeça de Niccolò e olhou em seus olhos. Eu podia ver Niccolò tremendo. O homem não conseguia se controlar.

– Vitale – sussurrou ele, pensando que talvez eu não pudesse ouvi-lo. – Eu não quero morrer.

– Eu não vou deixar você morrer, meu amigo – disse Vitale desesperadamente. Ele agora estava afastando a roupa de cama para examinar os tornozelos e pés do paciente. Verdade, havia uma mancha

antiga e sem cor na altura do tornozelo, mas não era motivo para alarme. O paciente conseguia mover os membros suficientemente bem, embora estivessem trêmulos. Isso podia significar diversos tipos de venenos atacando o sistema nervoso. Mas quais? E como eu poderia provar quem estava fazendo isso e como?

Ouvi um som na passagem. Era o som de um homem chorando. Eu sabia pelo próprio som que tratava-se de Lodovico.

Levantei-me.

– Eu vou falar com o seu irmão, se você me permitir – eu disse suavemente a Niccolò.

– Console-o – disse Niccolò. – Diga a ele que nada disso é culpa dele. O caviar me ajudou. Ele nutre tantas esperanças em relação a isso. Não permita que sinta que a culpa é dele.

Encontrei Lodovico em estado lastimável na antecâmara, parecendo perdido e confuso.

– Posso falar com você? – perguntei com delicadeza. – Enquanto ele descansa, ou é examinado. Posso confortá-lo de alguma maneira?

Eu sentia um forte desejo de fazer isso quando, na verdade, no rumo atual das coisas, isso era algo que eu não teria feito em hipótese alguma.

Entretanto, ele olhou para mim naquele momento como um dos seres mais solitários que eu jamais avistei em minha vida. Parecia existir em puro isolamento enquanto chorava, mirando a porta do quarto do irmão.

– Ele é o motivo pelo qual meu pai me aceitou – disse ele baixinho. – Por que estou lhe dizendo isso? Porque eu devo dizer a alguém. Eu devo dizer a alguém o quanto eu me encontro perturbado.

– Venha, existe algum lugar onde possamos conversar em paz? É tão difícil quando aqueles que amamos estão sofrendo.

Eu o segui pela ampla escadaria do *palazzo* em direção ao interior de um grande pátio, e, em seguida, para o interior de mais um pátio fechado por portões e que era totalmente diferente do anterior, já que repleto de flores tropicais.

Senti os pelos da nuca eriçando-se.

Uma boa quantidade de luz vazava para o interior da área, embora o *palazzo* devesse ter quatro andares, e a área era naturalmente protegida devido a seu tamanho menor. A temperatura era extremamente agradável.

Eu podia ver laranjeiras e limoeiros, e flores púrpuras e florações brancas e lustrosas. Algumas delas eu conhecia e algumas, não. Mas, se aqui nessa sala não houvesse plantas venenosas, então minha mãe havia criado um imbecil.

No centro do pátio, onde as faixas de luz do sol produziam uma suave e bela luminosidade, encontrava-se uma improvisada mesa de escrever de pernas cruzadas e duas cadeiras ao lado. Havia um decantador de vinho e dois copos.

E o homem desalentado, movendo-se quase como se estivesse no interior de um sonho, pegou o decantador, encheu o copo e sorveu o conteúdo.

Só então pensou em oferecer-me a bebida, e eu declinei.

Ele parecia exausto e esvaziado de tanto chorar. O fato de estar genuinamente arrasado era indubitável. Na verdade, ele estava atormentado, e eu imaginava se o tormento não seria porque, em sua mente e coração, seu irmão já estaria morto.

– Sente-se ali, por favor – disse-me ele e então desabou em sua mesa de escrever, permitindo que um maço inteiro de papéis caísse no chão.

Atrás dele, em um grande vaso, crescia uma árvore esguia e de folhas lustrosas, árvore esta que não me era de todo desconhecida. Novamente os pelos de minha nuca e de meus braços eriçaram-se. Eu conhecia as flores púrpuras que cobriam aquela árvore. E também conhecia as diminutas sementes pretas que eram deixadas quando as flores caíam, como algumas delas já haviam feito em cima da terra úmida do vaso.

Recolhi a bagunça de papéis e os recoloquei na escrivaninha. Coloquei meu alaúde ao lado da cadeira.

O homem parecia atônito enquanto observava isso e então curvou-se sobre os cotovelos e chorou lágrimas as mais genuínas.

– Eu não possuo grandes talentos para a poesia, e, no entanto, sou poeta por me faltarem alternativas – disse-me ele. – Viajei pelo mundo, e tive

muito prazer com isso; não, talvez todo o prazer tenha sido escrever para Niccolò e me encontrar com ele se e quando ele viesse até mim. E agora eu tenho de pensar no vasto e imenso mundo, o mundo pelo qual viajei, sem ele. E, quando penso nisso, não existe mundo.

Eu olhei atrás dele para a terra no vaso. Estava coberta de sementes pretas. Qualquer uma dessas poderia ser mortífera para uma criança. Várias delas, cuidadosamente picadas, seriam mortíferas para um homem adulto. Uma pequena porção dada regularmente no caviar, perfeição das perfeições, poderia adoentar o homem lentamente e aproximá-lo da morte a cada dose ingerida.

O gosto das sementes era horrível, como costuma ser com diversos venenos. Mas, se alguma coisa poderia escondê-lo, essa coisa era o caviar.

– Eu não sei por que estou contando essas coisas para você – disse Lodovico –, todavia você me parece gentil, parece o tipo de homem que enxerga dentro da alma de uma outra pessoa. – Ele suspirou. – Você percebe como um homem pode amar seu irmão insuportavelmente. Como um homem pode considerar-se um covarde quando confrontado pela fraqueza e a morte do irmão.

– Eu quero compreender – eu disse. – Quantos filhos possui seu pai?

– Nós somos seus únicos filhos, e você não imagina o quanto ele me desprezará se Niccolò partir? Ah, ele me ama agora, mas como me desprezará se eu for o sobrevivente. Foi unicamente por causa de Niccolò que ele me trouxe da casa da minha mãe. Nós não precisamos falar sobre minha mãe. Eu nunca falo sobre ela. Você pode entender muito bem. Meu pai não tinha nenhuma queixa reconhecida contra ela. Mas Niccolò me amou, me amou desde o primeiro momento em que brincamos juntos e, um belo dia, eu e tudo o que eu possuía, fomos pegos e levados do bordel no qual vivíamos e trazidos para cá, para essa mesma casa. Minha mãe recebeu um punhado de gemas e de ouro por mim. Ela chorou. Eu posso dizer isso por ela. Ela chorou. “Mas isso é por você”, disse ela. “Você, meu pequeno príncipe, será agora levado ao castelo de seus sonhos.”

– Certamente, ela estava sendo sincera. E o velho. Ele parece amá-lo muito, tanto quanto a seu irmão.

– Ah, sim, e houve momentos em que ele me amou ainda mais. Niccolò e Vitale, que tratantes eles podem ser quando estão juntos. Eu te digo, não há muita diferença entre um judeu e um gentio no que diz respeito ao gosto pela libertinagem e pela bebedeira, pelo menos não o tempo todo.

– Você é o bom menino, não é? – perguntei.

– Eu tentei ser. Com meu pai, eu viajei pelo mundo. Ele não permitia que Niccolò se afastasse da universidade. Ah, eu poderia lhe contar histórias das vastidões da América, das vastidões dos portos portugueses e de selvagens tais que você só poderia imaginar.

– Mas você voltou para Pádua.

– Ah, ele queria que eu estudasse. E, na época, isso significava a universidade para mim, assim como para meu irmão, mas eu nunca consegui alcançá-los nos estudos, Vitale, Niccolò, nenhum deles. Eles me ajudavam. Eles sempre me deixaram debaixo de suas asas.

– Então você teve seu pai para você durante aqueles anos – eu disse.

– Sim – disse ele. As lágrimas agora estavam congeladas, não mais escorriam por seu rosto. – Sim, e você devia ter visto como ele abraçou rapidamente meu amado irmão. Ora, você imaginaria que ele tivesse me deixado nas selvas do Brasil.

– Aquela planta ali, aquela árvore – eu disse. – Ela vem das selvas do Brasil.

Ele olhou fixamente para mim e então se virou e pareceu mirar a planta como se jamais a houvesse visto antes.

– Pode ser – disse ele. – Eu não me lembro. Nós trouxemos para cá muitas mudas e muitos cortes de madeira. Flores, veja bem, ele as ama em profusão. Ele ama as árvores frutíferas que você pode ver florescendo aqui. Ele chama esse local de sua estufa. É o jardim dele, na realidade. Eu só venho aqui de vez em quando para escrever meus poemas, como você pode ver.

Não havia mais nenhum sinal de lágrimas.

– Como você poderia conhecer aquela planta só de olhar para ela? – perguntou.

– Hum, eu já a vi em outros locais – aventurei-me a dizer. – Eu a vi inclusive no Brasil.

O rosto dele mudou de tom e agora parecia haver calculadamente suavizado as feições enquanto olhava para mim.

– Eu entendo sua preocupação com seu irmão, mas talvez ele se recupere. Ainda há muita força nele.

– Sim, e então talvez os planos de meu pai para ele possam começar seriamente. Exceto pelo fato de que existe um demônio entre ele e esses tais planos.

– Eu não estou seguindo a sua linha de raciocínio. Certamente você não imagina que seu irmão...

– Ah, não – disse ele friamente, suas lágrimas já secas. – Nada nesse sentido. – Então ele expressou novamente aquela aparência perplexa e preocupada, ergueu uma sobrancelha e sorriu como se estivesse perdido em meio aos mais recônditos pensamentos.

– Esse demônio representa um obstáculo para meu pai, de um modo que você não tem condições de ter percebido. Permita-me contar-lhe uma pequena história sobre meu pai.

– Por favor, prossiga.

– Bondoso ele é, e durante todos esses anos manteve-me a seu lado como um macaco amestrado, de barco em barco, seu adorado bichinho de estimação.

– Esses foram tempos felizes?

– Ah, bastante.

– Mas meninos tornam-se homens – interpus.

– Sim, precisamente, e homens possuem desejos, e homens podem sentir um amor tão penetrante como se uma adaga furasse seu coração.

– Você sentiu um amor semelhante?

– Ah, sim, e por uma mulher perfeita, uma mulher que não tinha motivos para olhar para mim de cima a baixo, nascida no berço em que nasceu, a

filha secreta de um rico padre. Eu não preciso lhe contar o nome dele para que você identifique os fios condutores de minha narrativa. Só preciso dizer que, assim que pus os olhos nela, não havia mundo a não ser o mundo no qual ela existia, não havia lugar para onde eu desejasse me dirigir a menos que ela estivesse ao meu lado. – Ele mais uma vez olhou fixamente para mim. – Que sonho mais fantástico foi aquele!

– Você a ama e a deseja – eu disse para lisonjeá-lo.

– Sim, e riqueza eu tenho, proveniente da generosidade e da afeição cada vez maiores de meu pai, abundantemente em caráter privado e ainda na presença dos outros.

– Ao que parece.

– No entanto, quando propus a ele o nome dela, que rumo você imagina que a ação tomou repentinamente? Ah, eu imagino que eu não tenha visto isso. Imagino que não tenha compreendido. Filha de um padre, sim, mas não um padre qualquer, um cardeal muito bem posicionado com muitas filhas ricas. Como posso ter sido tão tolo a ponto de não a ter visto como a joia da coroa destinada a seu primogênito?

Ele parou. Olhou fixamente para mim.

– Eu não sei quem você é – disse ele, devaneando. – Por que eu estou lhe contando a mais nefasta derrota de minha vida?

– Porque eu tenho condições de entendê-la – respondi. – Ele lhe disse que a mulher era para Niccolò, não para você.

O rosto dele ficou duro e quase maligno. Todas as suas linhas, que um momento antes pareciam prenhes de pesar e preocupação, agora estavam endurecidas numa assustadora máscara de frieza, e dariam essa impressão a quem quer que o visse naquelas condições.

Ele ergueu as sobrancelhas e desviou os olhos de mim friamente.

– Sim, para Niccolò, minha amada Leticia fora designada. Por que eu não soubera que as conversas já haviam começado nesse sentido? Por que eu não fora até ele mais cedo, antes de empenhar minha própria alma? Ah, ele era bondoso comigo. – Ele deu um sorriso de aço. – Ele me pegou em seus braços. Ele segurou meu rosto entre as mãos. Seu bebezinho ainda. Seu

pequenino. “Meu pequeno Lodovico. Existem muitas mulheres belas no mundo.” Foi isso o que ele disse.

– Isso o deixou enfurecido – comentei calmamente.

– Enfurecido? Enfurecido? Isso triturou meu coração como se não passasse de alimento para abutres. Foi assim que eu fiquei depois disso. E que casa, dentre todas as *villas* e casas que ele possui em Roma, você acha que ele escolheu para dar ao feliz casal quando o casamento fosse realizado?

– Ele riu gelada e, em seguida, irresistivelmente, como se fosse algo engraçado. – A mesma casa que deixou para que Vitale preparasse para eles, para que ele arejasse, mobiliasse, e que agora é o lar de um barulhento e maligno *dybbuk* judeu!

Ele mudara tão completamente, que eu não o teria identificado como o homem que estivera chorando no corredor. Mas ficou novamente envolto naquela nebulosidade, duro como as linhas de seu rosto haviam permanecido. Olhou por cima de mim para as árvores mescladas e as flores no pátio. Ergueu, inclusive, os olhos como se estivesse maravilhado diante dos errantes raios de sol.

– Certamente seu pai compreendeu a ferida que infligiu a você.

– Ah, sim – disse ele. – E existe uma outra mulher de imensa riqueza e distinção, à espera atrás da inevitável cortina, para fazer sua aparição no palco. Ela será uma ótima esposa para mim, embora eu não tenha trocado sequer quatro palavras com ela. E a minha adorada Leticia se tornará minha devotada irmã quando meu irmão se levantar daquele leito.

– Não é de se estranhar o seu choro – comentei.

– Por que você afirma isso?

– Porque sua alma está despedaçada – eu disse. E dei de ombros. – Como você pode não acompanhar a enfermidade de seu irmão sem esses pensamentos...

– Eu jamais desejaria a morte dele! – declarou. Ele bateu com o punho na escrivaninha. Pensei que ela fosse rachar e ceder, mas isso não ocorreu. – Ninguém se empenhou tanto para salvá-lo quanto eu. Eu trouxe os médicos

um a um para examiná-lo. Eu mandei buscar o caviar que é a única coisa que ele aguenta comer.

De repente, as velhas lágrimas retornaram e com elas uma dor profunda e exaustiva.

– Eu amo meu irmão – sussurrou ele. – Eu o amo nesse mundo mais do que qualquer outro ser vivo que eu já tenha amado até hoje, mesmo aquela mulher. Mas eu lhe digo que houve um dia em que meu pai me levou para percorrer aquela casa vazia, enquanto Vitale e Niccolò estavam em Pádua bebendo e se embriagando, sem dúvida nenhuma, um dia em que meu pai me levou até aquele lugar e nós percorremos sala após sala para que ele me mostrasse o quanto ela ficaria bela e, sim, até mesmo a câmara nupcial para que eu visse como ficaria linda para eles, e como isso e como aquilo! – Ele parou.

– Ele não estava ciente naquele momento.

– Não. Era segredo, o nome da mulher tão cuidadosamente escolhido. E eu fui o primeiro a mencionar o nome dela nesses poemas que escrevi para ela e os quais eu fui tolo o suficiente, tolo o suficiente, eu te digo, para revelar a ele!

– Coisas cruéis, terrivelmente cruéis.

– Sim – disse ele –, e coisas cruéis produzem homens cruéis. – Ele desabou novamente na cadeira e manteve os olhos fixos diante de si, como se não soubesse o significado de sua própria história, ou o que ela possivelmente significaria para mim.

– Perdoe-me por lhe ter causado tamanha dor – eu disse.

– Não, não é necessário perdão. A dor estava em mim e a dor sairia de mim. Eu temo a morte dele. Estou aterrorizado com isso. Estou aterrorizado com o mundo sem ele. Estou aterrorizado com meu pai sem ele. Estou aterrorizado com Leticia sem ele, porque ela jamais, jamais me será dada.

Eu não estava muito certo sobre como avaliar aquela narrativa, exceto pelo fato de que ele estava sendo sincero.

– Eu devo voltar para Vitale – eu disse. – Ele me trouxe até aqui para tocar para seu irmão.

– Sim, é claro. Mas primeiro me diga. Essa árvore... – Ele girou na cadeira e levantou os olhos para a esguia forma de folhas verdes. Olhou para as florações púrpuras. – Você sabe como eles chamavam essa árvore nas selvas do Brasil?

Pensei por um momento e então disse:

– Não. Eu só me lembro de tê-la visto lá, e me lembro de sua floração e de como eram fragrantes e belas. Imagino que uma tintura possa ser feita a partir de florações tão púrpuras.

Alguma coisa mudou em seu rosto. Ele adquiriu uma expressão calculista, ligeiramente fria. Eu poderia jurar que sua boca revelou um contorno de dureza.

Segui falando como se não houvesse notado isso, mas estava começando a desgostar intensamente desse homem.

– Essas florações me fazem pensar em ametistas, e existem ametistas tão lindas no Brasil.

Ele ficou em silêncio, seus olhos estreitando-se cada vez mais ligeiramente.

Eu não conseguia suportar a sensação de desprezo e de desconfiança que crescia dentro de mim. Certamente eu não havia sido trazido até aqui para julgar ou para odiar, mas meramente para impedir que o homem lá em cima fosse envenenado.

Eu me levantei.

– Tenho de voltar para Vitale – repeti.

– Você foi gentil comigo – disse ele, mas, quando sorriu, apenas seus lábios se moveram, e era uma cena francamente hedionda. – É uma pena você ser judeu.

Um calafrio percorreu-me o corpo, mas, eu não desviei os olhos dos dele. Novamente senti aquela vulnerabilidade que conhecera quando percebi que estava usando o pedaço de pano amarelo em minha roupa. Nós apenas olhamos um para o outro.

– É mesmo? – perguntei. Fiz uma leve mesura como quem diz: estou a seu serviço.

Ele sorriu novamente, com tanta frieza, que quase parecia uma careta.

Senti o sangue latejando nos ouvidos. Lutei para permanecer calmo.

– Você já amou uma mulher que não podia ter? – perguntou ele.

Pensei por um momento, sem saber ao certo o que dizer ou por que dizê-lo. Pensei em Liona. Não vi nenhuma razão para pensar nela agora, aqui, com esse estranho jovem.

– Rezo para que seu irmão se recupere – eu disse de repente, atônito, confuso. – Rezo para que talvez ele possa começar a se recuperar hoje. Trata-se de algo possível, afinal de contas. Mesmo doente como está, ele pode começar a se recuperar de uma hora para a outra.

Ele emitiu um horrível som de escárnio. O sorriso não estava mais lá. Agora me olhava com ódio incontido. E eu temia estar olhando para ele da mesma maneira.

Ele sabia. Sabia que eu estava ao par dele, e do que havia feito.

– Uma tal recuperação poderia acontecer – persisti. Eu lutei. – Afinal, tudo é possível com Deus.

Novamente ele me estudou, e, dessa vez, seu rosto era o retrato da ameaça.

– Eu não espero que isso aconteça – disse ele, a voz lenta e férrea. Empertigou-se na cadeira como se estivesse reunindo forças enquanto falava. – Acho que ele vai morrer. E, se eu fosse você, sumiria daqui antes que vocês, judeus, sejam culpados pela morte dele. Ah, não proteste. É claro que eu não tenho nenhuma desconfiança em relação a você, mas, se for sábio, deixará Vitale por conta própria. Escapará daqui agora e seguirá seu caminho.

Eu passara por muitos momentos horrorosos e violentos em minha vida. Mas nunca sentira tamanha ameaça emanando de um outro ser humano como eu sentia emanar dele agora.

O que Malchiah esperava de mim aqui? O que eu deveria fazer para esse homem? Em vão, tentei lembrar o conselho que Malchiah me dera acerca das dificuldades que eu encontraria aqui, acerca da própria natureza dessa

missão, mas eu não conseguia rememorar nem as palavras nem seus propósitos.

A questão era que eu queria matar esse homem. Horrorizado com meus próprios sentimentos, tentei escondê-los. Mas eu queria matá-lo. Queria agarrar um punhado daquelas sementes pretas mortíferas e forçá-lo a ingeri-las antes que ele pudesse me impedir. Devo ter queimado com a vergonha de tais pensamentos, com o fato de, longe de ser a resposta às preces de alguém, estar pensando eu mesmo como um *dybbuk*. Respirei fundo e lentamente e falei com a voz mais calma que consegui produzir:

– Não é tarde demais para seu irmão. Talvez ele comece a melhorar a partir de hoje mesmo.

Uma rajada de algo inominável perpassou seus olhos, e então mais uma vez a rígida imobilidade, a profunda hostilidade sem disfarces.

– Você não passa de um tolo se permanecer aqui mais um instante – sussurrou ele.

Baixei os olhos por um momento e proferi uma pequena prece sem palavras, e, quando falei, o fiz com o máximo de suavidade e delicadeza que consegui exprimir:

– Eu rezo para que seu irmão se recupere.

E então parti.

CAPÍTULO SETE

S AÍ COM VITALE DO QUARTO ONDE SE ENCONTRAVA o doente e adentramos a passagem.

– Seu amigo está sendo envenenado, e o veneno é mortífero. Dê aquele caviar para um cão vira-lata e o verá morrer diante de seus próprios olhos.

– Mas quem faria isso?

– Temo dizê-lo: o próprio irmão dele. Mas você não pode confrontá-lo. Ninguém acreditaria. Você deve fazer o seguinte: insista para que o paciente tome leite, uma grande quantidade de preferência. Diga que somente alimentos brancos poderão restaurar seus espíritos. Nada além de alimentos brancos, nos quais nenhum elemento negro deve ser misturado.

– Você acha que isso funcionará?

– Eu sei que funcionará. O veneno é proveniente de uma árvore do pomar lá de baixo. É preto. E mancha de preto tudo o que toca. É a semente preta de uma flor púrpura.

– Oooh, eu conheço esse veneno! – disse ele. – Ele vem do Brasil. Eles o chamam de Morte Púrpura. Eu só li a respeito dele em meus manuais, e em hebraico. Eu não acho que seja conhecido pelos doutores latinos. Eu jamais o vi.

– Bom, eu já o vi e posso te dizer que existe uma grande quantidade dele crescendo na árvore lá debaixo. As sementes são tão venenosas, que eu não posso colhê-las sem essas luvas, e ainda preciso de um saco de couro para acondicioná-las.

Ele retirou rapidamente um saco de couro de um dos bolsos de sua túnica, tirou o ouro, colocou-o na bolsa e me deu o saco.

– Aqui está, agora você pode colhê-las em segurança? Será que a pessoa culpada saberá que você está fazendo isso?

– Não se você o mantiver ocupado. Chame Signore Antonio. Chame Lodovico. Insista para que ambos escutem o que tem a dizer. Diga que você desconfia de que o caviar não tenha ajudado o paciente. Diga que ele deve tomar leite. Diga que o leite irá forrar o estômago e absorver quaisquer elementos malignos que estejam atormentando Niccolò. Diga que o leite de uma mulher é a melhor opção. Mas leite de vaca também serve, leite de cabra e queijo, puro queijo branco da melhor qualidade. Quanto mais o paciente conseguir ingerir esse tipo de alimento, melhor será. Enquanto isso, eu cuidarei do veneno.

– Mas como direi que cheguei a essa conclusão?

– Diga que você rezou, que ponderou e avaliou o que aconteceu desde que o caviar foi dado pela primeira vez.

– Isso eu fiz, sim. Não há nenhuma mentira nisso.

– Insista para que o leite seja tentado. O pai amoroso não verá mal algum no leite. Ninguém verá mal algum nisso. Enquanto isso, eu retornarei ao pomar e colherei o máximo que puder de sementes venenosas. Mas não há como dizer quanto o envenenador já colheu, ele próprio, com seu propósito. Desconfio de que não tenha sido muito. Ele é letal demais. Niccolò tem tomado apenas doses diminutas na medida de sua necessidade.

O rosto de Vitale escureceu. Ele balançou a cabeça.

– Você está me dizendo que Lodovico fez isso.

– Eu acredito que ele fez, sim. Mas o importante agora é você conseguir o leite para seu paciente.

Corri em disparada para o pequeno pátio. Os portões estavam trancados. Tentei forçá-los com bastante delicadeza, mas era impossível. A única alternativa viável seria arrebentar a fechadura por completo, o que eu teria escassas condições de fazer.

Um dos inúmeros serviçais veio até mim, um ser devastado cujos trajes mais pareciam trapos do que roupas. Ele perguntou suavemente se poderia ser de alguma ajuda.

– Onde está Signore Lodovico? – perguntei, para indicar apenas que estivera procurando por ele.

– Com seu pai e com os padres.

– Padres?

– Permita-me dar-lhe um aviso – sussurrou esse desdentado e desmilinguido ser. – Saia dessa casa o quanto antes.

Eu o olhei de alto a baixo, mas tudo o que fez foi balançar a cabeça e se afastar murmurando qualquer coisa consigo mesmo, deixando-me no portão trancado do pátio. Bem no interior do pátio, eu podia ver as vívidas flores púrpuras que tencionara colher. Eu agora sabia que não havia tempo para tal plano. E, possivelmente, o plano não era mesmo dos melhores.

Assim que cheguei novamente aos aposentos de Niccolò, vi Signore Antonio aproximando-se de mim com dois padres anciãos em longas batinas pretas com crucifixos resplandecentes nos peitos e Lodovico, segurando o braço do pai. Ele estava chorando novamente, mas, quando me viu, lançou-me um olhar agudo como uma lâmina.

Não havia nenhuma cordialidade fingida. Na verdade, em seu rosto havia uma expressão muito parecida com triunfo. E os outros me encararam com óbvia desconfiança, embora o próprio Signore Antonio desse a impressão de estar profundamente perturbado.

Do interior do recinto, eu podia ouvir Vitale ordenando que alguém retirasse o caviar. Essa pessoa estava discutindo com ele, assim como Niccolò, mas eu não conseguia entender muito bem tudo o que estava sendo dito.

– Jovem – disse Signore Antonio para mim –, venha aqui comigo agora.

Dois outros homens vieram atrás dele, e eu vi que eram guardas armados. Portavam adagas bem visíveis nos cintos, e um deles tinha uma espada.

Eu entrei primeiro na sala. Era Pico que estava discutindo com Vitale, e o caviar permanecia onde estava antes.

Niccoló estava lá deitado, com os olhos parcialmente fechados, e os lábios secos e rachados. Suspirou inquieto.

Rezei para que não fosse tarde demais.

Os guardas deslizaram pela parede atrás da cadeira onde eu havia tocado o alaúde antes. Nós nos reunimos ao redor da cama.

Signore Antonio me encarou por um longo momento e, então, mirou Vitale. Lodovico, por sua vez, retornara com suas lágrimas, de modo bastante convincente, como antes.

– Acorde, meu filho – disse Signore Antonio. – Acorde e ouça a verdade da boca de seu irmão. Eu temo que ela não possa mais ser evitada, e somente o ato de contá-la poderá evitar o desastre.

– O que é isso, pai? – perguntou o paciente. Ele parecia mais fraco do que nunca, embora o caviar continuasse onde nós o havíamos deixado antes.

– Fale – disse Signore Antonio a Lodovico.

O jovem titubeou, enxugou as lágrimas com um lenço de seda e então disse:

– Eu não tenho escolha a não ser revelar que Vitale, nosso confiável amigo, nosso confidente, nosso companheiro, enfeitiçou de fato meu irmão!

Niccolò sentou-se na cama com mais força do que eu testemunhara até aquele momento.

– Como ousa dizer uma coisa dessas? Você sabe que o meu amigo é incapaz disso. Enfeitiçou-me como e com quais propósitos?

Lodovico deu vazão a uma nova torrente de lágrimas e apelou a seu pai de braços abertos.

– Com meu total desconhecimento, meu filho – disse Antonio –, esse homem implorou para manter a casa na qual mora, a casa na qual eu o deixei morar enquanto você convalescia, a casa que eu escolhera para dar a você e à sua noiva. Ele invocou o espírito maligno no local para fazer sua oferta, e foi sem dúvida nenhuma por meio desse espírito maligno que ele tornou você gravemente doente, e espera que você morra para que a casa possa ser dele. Ele rezou ao Deus dele para que isso acontecesse. Ele rezou por isso, e Lodovico ouviu estas preces.

– Isso é mentira. Eu não rezei para nada semelhante a isso – disse Vitale.

– Eu moro na casa por vontade do senhor, e procuro manter a antiga biblioteca em ordem, por vontade do senhor, e para achar quaisquer

manuscritos hebraicos que possam ter sido deixados anos atrás pelo homem que deixou a casa para o senhor. Mas eu jamais rezei para nenhum espírito maligno me ajudar em coisa alguma, e jamais poderia engendrar coisas tão malignas para meu amigo íntimo.

Ele mirou Signore Antonio, incrédulo.

– Como o senhor pode me acusar disso? O senhor acha que por causa de um *palazzo* que posso muito bem adquirir, eu sacrificaria a vida do meu mais íntimo amigo nesse mundo? Signore, o senhor me fere como se estivesse portando uma faca.

Signore Antonio escutava as palavras como se ainda não estivesse totalmente convencido.

– Você tem uma sinagoga dentro dessa casa? – demandou o mais alto dos dois padres, obviamente o mais velho. Era um homem de cabelos grisalhos escuros e feições severas. Mas sua fisionomia não era cruel. – Você não possui os pergaminhos de sua Torá naquela sinagoga guardados numa arca?

– Essas coisas estão lá, sim – disse Vitale. – Elas estavam lá quando eu passei a morar na casa. É de conhecimento público que um judeu morou lá e deixou essas coisas, e por vinte anos elas estiveram cobertas de poeira.

Ao ouvir isso, Signore Antonio pareceu ter ficado particularmente comovido. Mas não falou.

– Você nunca usou essas coisas em suas preces malignas? – quis saber o segundo padre, um homem mais tímido, mas que estava agora tremendo com um mal disfarçado entusiasmo.

– Bom, devo confessar na mais pura verdade que não as usei em minhas preces – disse Vitale. – Devo confessar que sou mais um humanista, poeta e médico do que sou um dedicado e pio judeu. Perdoe-me, mas eu não as usei. Estive na sinagoga de meus amigos para as preces do Sabá, e os senhores conhecem esses homens, os senhores os conhecem muito bem, eles são respeitados por todos vocês.

– Ah – disse o padre alto. – Quer dizer então que você admite não haver proferido preces nem sagradas nem pias a esses estranhos livros e, no

entanto, devemos assumir que esses são livros sagrados e não obras estranhas ou exóticas repletas de segredos e encantamentos?

– Você nega possuir tais coisas? – perguntou o padre mais jovem.

– Por que vocês me acusam disso? – disse Vitale. – Signore Antonio, eu o amo. Eu amo Niccolò. Amo sua futura noiva como se fosse minha irmã. Desde Pádua, vocês são como a minha própria família.

Signore Antonio estava visivelmente abalado, mas mantinha a postura ereta, como a indicar que essas acusações requeriam toda a sua capacidade de decisão.

– Vitale, fale-me a verdade – disse ele. – Você enfeitiçou meu filho? Você verbalizou para ele estranhos encantamentos? Fez promessas ao Tinhoso de que lhe ofereceria essa morte cristã em troca de algum propósito sinistro de sua parte?

– Jamais, jamais eu proferi uma sílaba de prece ao Tinhoso – disse Vitale.

– Então por que meu filho está nesse estado de debilidade? Por que ele piora a cada dia que passa? Por que está perturbado dessa maneira, enquanto um demônio ruga em sua casa nesse exato instante, como se estivesse esperando para ver o quanto você consegue evocar com desenvoltura os seus encantos malignos em proveito dele?

– Lodovico, isso é coisa sua? – perguntou Vitale. – Você colocou isso nas mentes de todas essas pessoas aqui presentes?

– Permita-me falar – eu disse. – Eu sou estranho a vocês todos, mas não estranho à causa da enfermidade de seu filho.

– E quem é você para merecer que o escutemos? – exigiu saber o padre mais velho.

– Um viajante do mundo, um estudante das coisas naturais, de plantas e flores obscuras e até mesmo de venenos, com o intuito de encontrar a cura para eles.

– Silêncio! – disse Lodovico. – Você ousa introduzir-se aqui num assunto estritamente familiar. Pai, ordene que esse músico saia agora desse recinto. Ele não passa de um capanga de Vitale.

– Não se trata disso, Signore – disse Vitale. – Esse homem me ensinou muito. – Ele se virou para mim e eu pude ver o medo estampado em seu rosto, a desconfiança geral de que talvez as coisas que eu lhe contara não fossem verdade, e que agora tudo dependia da veracidade delas.

– Signore – eu disse para o velho. – O senhor está vendo o caviar ali.

– Do palácio do papa! – declarou Lodovico. Então ele deu início a uma torrente de palavras para me fazer silenciar. Mas eu persisti.

– O senhor está vendo ali! – eu disse. – Ele é preto, salgado ao paladar. O senhor sabe muito bem o que é aquilo. Bom, eu lhe asseguro, senhor, que, se o senhor ingerisse quatro ou cinco colheres dele, o senhor logo ficaria pálido e começaria a suar exatamente como o seu filho, e também ficaria branco como ele. Na verdade, um homem de sua idade poderia morrer imediatamente ingerindo uma quantidade similar.

Os padres miraram o pratinho de prata contendo o caviar e ambos se afastaram dele instintivamente.

– Signore – prossegui. – Em seu pomar, no pátio principal aqui embaixo, existe uma planta conhecida dos brasileiros como Morte Púrpura. Eu lhe digo que uma única semente preta daquela árvore é suficiente para fazer com que um homem adoença. Uma dieta constante dela, moída e colocada em meio a um alimento pungente como aquele, certamente o mataria.

– Eu não acredito em você! – sussurrou o velho. – Quem faria isso?

– Você está mentindo – gritou Lodovico. – Você conta mentiras fantásticas para proteger sua coorte, e quem sabe quais pecados vocês cometeram juntos.

– Então coma o caviar – eu disse. – Coma não apenas uma pequena colherada dele, como a que você tenta dar a seu irmão, coma todo ele, e nós veremos se a verdade não aparece. E, se isso não for suficiente, eu levarei todos vocês lá embaixo e lhes revelarei a planta, e lhes revelarei seus poderes. Achem um pobre coitado de um vira-lata nas ruas de Roma, deem a ele as sementes dessa planta e o verão tremer, se sacudir e morrer imediatamente.

Lodovico sacou a adaga da bainha.

De imediato, os padres gritaram para que ele ficasse parado, para que se contivesse, para que não agisse de modo tolo.

– Você precisa de uma adaga para comer o caviar? – eu disse. – Basta pegar a colher de prata. Verá que é mais fácil com ela.

– Esse homem está contando uma coleção de mentiras – gritou Lodovico –, e quem, debaixo desse teto, quem faria uma coisa assim a meu irmão? Quem ousaria! E esse caviar veio da cozinha de Sua Santidade o papa em pessoa! Isso é uma vilania, eu lhes digo.

Um silêncio pairou no ambiente, como se alguém houvesse tocado um sino.

Signore Antonio mirou seu filho natural que ainda me encarava com sua adaga desembainhada. Permaneci como estava antes, o alaúde pendurado nas costas, apenas olhando para ele. Vitale, por sua vez, estava branco e trêmulo e à beira das lágrimas.

– Por que você planejou isso? – perguntou Signore Antonio com uma voz suave, sua questão claramente endereçada a Lodovico.

– Eu não planejei nada disso. E essa planta não existe.

– Ah, mas existe sim – disse Signore Antonio. – E você a trouxe para dentro dessa casa. Eu me lembro. Eu me lembro de suas inconfundíveis flores púrpuras.

– Um presente que nos foi dado por aqueles queridos parentes nossos no Brasil – disse Lodovico. Ele parecia magoado. Parecia triste. – Uma bela floração para um jardim de belas florações. Eu não fiz nenhum esforço para esconder essa planta do senhor. Eu não sei nada a respeito de seus poderes. Quem sabe a respeito de seus poderes? – Ele olhou para mim. – Você! – disse ele para mim. – E seu amigo judeu, Vitale, seu assecla nesse complô. Vocês dois são adoradores do Tinhoso! O Tinhoso contou para vocês o que essa planta poderia fazer? Se esse caviar está maculado, é com o veneno que vocês dois puseram nele. – Suas maravilhosas e copiosas lágrimas estavam fluindo mais uma vez. – Tamanha vilania da parte de vocês fazer uma coisa como essa a meu irmão.

Signore Antonio balançou a cabeça. Seus olhos estavam fixos em Lodovico.

– Não – sussurrou ele. – Nenhum desses dois homens poderia ter feito isso. Você trouxe a planta. Você trouxe o caviar para essa casa.

– Pai, eles são feiticeiros, esses homens. São malignos.

– São? – perguntou Signore Antonio. – E que amigo nosso do Brasil nos enviou essa exótica flor? Eu prefiro pensar que você a comprou aqui nessa cidade mesmo e trouxe-a para casa e colocou-a bem perto da mesa onde você faz seus escritos, suas traduções.

– Não, foi um presente, eu lhe digo. Eu agora não consigo me lembrar da época em que chegou.

– Mas eu sim. E não foi muito tempo atrás, e foi naquela mesma época em que você, meu filho, Lodovico, teve a ideia de que o caviar melhoraria o estado de seu irmão acamado.

Tudo isso se desenrolara enquanto o paciente observava os acontecimentos com horror. Ele olhara à esquerda para seu pai, à direita para o irmão, estudara os padres quando falavam. Fixara sobre mim seu olhar esgazeado enquanto eu falava.

E agora ele curvava o corpo para a frente e pegava a tigela com o caviar com sua mão trêmula.

– Não, não toque nisso! – eu disse. – Não aproxime isso de seus olhos. Eles queimarão. Você não se lembra disso?

– Eu me lembro – disse o pai.

Um dos padres aproximou-se do prato, mas o paciente o colocara em cima da montanha formada pelas colchas de brocado, e ficara olhando fixamente para ele, como se o objeto tivesse vida própria, como se ele estivesse olhando para a chama da vela.

Ele ergueu a pequena colher.

Seu pai imediatamente arrancou-a dele e jogou o caviar para o lado, que caiu na colcha e manchou-a de preto.

Lodovico, antes de conseguir se conter, afastou-se da parte da cama onde o caviar fora derramado. Deu um passo para trás instintivamente. E só então

percebeu o que fizera. Ele olhou para o pai.

Permanecia com a adaga na mão.

– O senhor acha que eu sou culpado de tudo isso? – demandou ele ao pai.
– Não há veneno aqui, eu lhe digo. Não há nada além de uma mancha que a lavadeira tentará em vão retirar. Mas não há nenhum veneno.

– Venha comigo – eu disse – até o pomar. Eu vou lhe mostrar a árvore. Ache um animal desafortunado. Eu vou lhe mostrar o que esse veneno pode fazer. Vou lhe mostrar como é bem preta essa semente, e como o caviar funcionou perfeitamente para mascará-la.

De repente, Lodovico correu na minha direção com a adaga. Eu sabia muito bem como me defender e bati com toda a força a parte dura de minha mão em seu punho, obrigando-o a soltar a lâmina, mas então ele atacou o meu pescoço com os dedos esticados. Eu cruzei instantaneamente os braços e golpeei, separando seus braços com um gesto súbito e brutal.

Ele caiu para trás, derrotado por esses simples movimentos. Nenhum deles teria sido grande surpresa em nossa época, quando as artes marciais são ensinadas às crianças. Eu estava envergonhado pelo tanto que havia desfrutado da luta.

Um dos guardas pegou a adaga.

Lodovico permaneceu trêmulo, e então, desesperadamente, passou a mão ao longo da mancha na colcha, juntando uns poucos ovinhos do caviar e pondo-os na boca.

– Veja, eu lhes digo, estou difamado. Estou difamado por judeus nefastos que se associaram para me destruir pelo único motivo de eu conhecer seus truques e saber o que eles fizeram a Niccolò.

Ele lambeu os lábios. Ingerira uma diminuta quantidade do caviar e podia facilmente esconder os efeitos.

Novamente um profundo silêncio pairou sobre o recinto. Apenas o súbito estremecimento de Niccolò quebrou o silêncio.

– Irmão – sussurrou ele. – Tudo isso é por causa de Leticia.

– É mentira! – disse Lodovico em alto e bom som. – Como ousa?

– Ah, se ao menos eu soubesse – disse Niccolò. – Ela nada mais é do que uma entre tantas adoráveis jovens donzelas que poderia ter sido uma noiva carinhosa para mim! Se ao menos eu soubesse.

Signore Antonio olhou com raiva para Lodovico.

– Leticia, então é isso? – sussurrou ele.

– Eu lhe digo, esses judeus enfeitiçaram-no. Eu lhe digo que foram eles que colocaram o veneno no caviar. Eu lhe digo que sou inocente. – Ele estava chorando, estava enraivecido, sussurrava e murmurava e, mais uma vez, falou: – Foi esse aí, Vitale, quem trouxe a flor para essa casa. Agora eu me lembro. Do contrário, como ele e seu amigo poderiam saber de seu poder? Eu lhe digo, esse aí, esse Toby, confessou a culpa pela própria boca.

O velho balançou a cabeça diante da lamentável situação.

– Venha – disse Signore Antonio. Ele fez um gesto para que seus serviçais armados levassem Lodovico. Em seguida, olhou para mim e disse:

– Leve-me até o pomar e me mostre esse remédio.

CAPÍTULO OITO

O ROSTO DO JOVEM ESTAVA CONTORCIDO DE rancor. A própria plasticidade que lhe havia dado anteriormente aquela fácil expressão de pesar agora lhe proporcionava uma máscara de fúria. Empurrou os homens armados para os lados e seguiu com a cabeça erguida enquanto descíamos a escada e nos reuníamos, todos nós, com exceção de Niccolò, evidentemente, no pomar.

Lá encontrava-se a planta, e eu apontei as muitas sementes pretas que já haviam caído no solo. Apontei as flores parcialmente murchas já abrigando o veneno.

Um serviçal foi enviado para encontrar um cão vira-lata que pudesse ser trazido até a casa, e logo os ganidos do pobre quadrúpede ecoavam na ampla escadaria.

Vitale mirava as flores púrpuras tomado de horror. Signore Antonio apenas dirigia a elas um olhar raivoso, e os dois padres olhavam para mim e para Vitale com frieza, como se nós ainda fôssemos de algum modo responsáveis pelo que acontecera aqui.

Uma mulher idosa, assaz desnorteada e assustada, pegou um pratinho de argila para o pobre cachorro esfomeado e pôs-se a enchê-lo com água.

Eu recoloquei as luvas que removera para tocar o alaúde e, requisitando a adaga de Lodovico, recolhi as sementes num montinho e então olhei ao redor em busca de algo com o qual pudesse esmagá-las. Apenas o cabo da adaga estava à mão, de modo que o utilizei para produzir um pó, uma boa salpicada do qual eu coloquei em seguida na água do cão. Coloquei mais um pouquinho e depois mais um pouco.

O animal sorveu o líquido com um ardor de dar pena e lambeu o prato vazio e, então, imediatamente começou a se tremer. Caiu para o lado, em seguida sobre as costas e se contorceu em agonia. Em um instante, ficou rígido, seus olhos mirando obtusamente nada e ninguém.

Todos assistiram a esse pequeno espetáculo com indignação e horror, incluindo eu mesmo.

Mas Lodovico estava encolerizado, mirando os padres, seu pai e, em seguida, o cão.

– Eu juro que sou inocente! – declarou ele. – Os judeus conhecem o veneno. Os judeus o trouxeram para cá. Céus, foi esse próprio judeu, esse Vitale, quem trouxe a planta para essa casa...

– Você contradiz sua própria história – disse Antonio. – Você mente. Você gagueja. Você implora como um covarde para que lhe demos crédito!

– Eu lhe digo que não tomei parte em nada disso! – gritou o desesperado homem. – Esses judeus me enfeitiçaram como enfeitiçaram meu irmão. Se essa coisa foi feita por mim, foi durante um sono no qual eu nada sabia. Eu estava num sono no qual vagava, realizando as ações que eles me forçavam a realizar. O que o senhor sabe desses judeus? O senhor fala dos livros sagrados deles, mas como o senhor sabe que esses livros não contêm a feitiçaria que me levou a cometer esse ato? Será que o demônio não está enraivecido na casa amaldiçoada nesse exato instante?

– Signore Antonio – disse o padre mais velho, o que possuía feições severas ainda que gentis. – Algo deve ser dito sobre esse demônio. As pessoas nas ruas ouvem-no uivar. Estará tudo isso além do que um demônio pode fazer? Eu acho que não!

Lodovico exprimia milhares de protestos – que sim, era o demônio, e sim, ele perpetrara sua magia sinistra nele, e que ninguém podia imaginar a malignidade desse demônio e assim por diante.

Mas o solene Antonio não acreditava em nada daquilo. Ele mirava seu filho natural com um olhar de tristeza que beirava as lágrimas, mas nenhuma lágrima escorria de seu rosto.

– Como você pôde fazer uma coisa dessas? – sussurrou ele.

De repente, Lodovico soltou-se dos dois homens que estavam ao lado dele, suas mãos mal segurando-o.

Ele correu para a árvore de flores púrpuras e agarrou as sementes pretas na terra do vaso. Pegou o máximo que sua mão conseguiu reter.

– Detenham-no – eu gritei. E voei na direção dele, empurrando-o para trás, mas a mão dele alcançou os lábios antes que eu pudesse impedi-lo, forçando a terra e as sementes para dentro de sua boca aberta. Eu puxei sua mão, mas já era tarde demais.

Os guardas estavam em cima dele, assim como seu pai.

– Façam-no vomitar – gritou Vitale desesperadamente. – Deixem-me chegar perto dele, afastem-se.

Mas eu sabia que era inútil.

Eu me afastei, totalmente atormentado. O que eu permitira acontecer aqui! Que coisa horrível. Era exatamente o que eu mesmo desejara fazer com ele, o que eu mesmo visualizara, recolhendo as sementes, forçando-o a ingeri-las, mas ele fizera isso por conta própria, como se minhas intenções nefastas tivessem se apoderado dele. Como eu permitira que ele cometesse esse ato abominável? Por que eu não imaginara alguma maneira de demovê-lo de seu intuito?

Lodovico olhou para o pai. Ele estava sem ar e trêmulo. Os guardas se afastaram e apenas Signore Antonio mantinha-o nos braços enquanto ele começava a ter convulsões e cair no chão.

– Senhor misericordioso – sussurrou Signore Antonio, e eu fiz a mesma coisa.

Senhor misericordioso, tenha pena dessa alma imortal. Senhor dos Céus, perdoe-o por sua insanidade.

– Feitiçaria! – disse o homem moribundo, sua boca manchada de saliva e terra, e foi sua última palavra. De joelhos, ele curvou-se para a frente, o rosto contorcido, e as convulsões estremeceram toda a sua estrutura.

Em seguida, ele rolou para o lado, as pernas ainda tremendo, e seu rosto adquiriu a careta rígida do pobre animal que morrera antes dele.

E eu, eu que em uma vida centenas de anos adiante no tempo, e numa terra muito, muito distante, usara esse mesmo veneno para despachar incalculáveis vítimas, podia apenas ficar parado olhando para aquela outra vítima com a mais profunda sensação de desamparo. Ah, que erro crasso o fato de eu, enviado para atender preces, ter proporcionado um suicídio.

Um silêncio caiu sobre nós todos.

– Ele era meu amigo – sussurrou Vitale.

Quando o velho começou a se levantar, Vitale tomou-lhe o braço.

Niccolò apareceu no portão. Sem dar uma palavra, ele lá permaneceu em pé em sua longa camisola branca, descalço, tremendo, mas sem deixar de mirar o irmão morto.

– Saiam, todos vocês – disse Signore Antonio. – Deixem-me ficar aqui com meu filho. Saiam.

O padre mais idoso, no entanto, não arredou pé de onde estava. Ele estava extremamente abalado, assim como nós todos, mas reuniu seus recursos e disse em voz baixa e desdenhosa:

– Não imagine nem por um momento que não há feitiçaria sendo perpetrada aqui – disse ele. – Que seus filhos não foram contaminados pelo intercuro que mantiveram com esses judeus.

– Frei Piero, silêncio – disse o velho. – Isso aqui não foi feitiçaria, isso aqui foi inveja! E eu não vi o que não quis ver. Agora saiam daqui, todos vocês. Deixem-me ficar a sós e velar o filho que eu tirei dos braços da mãe. Vitale, leve seu paciente para a cama. Ele agora se recuperará.

– Mas o demônio não continua enraivecido? – perguntou o padre. Ninguém o estava escutando.

Baixei os olhos em direção ao morto. Eu não conseguia falar. Não conseguia pensar. Sabia que todos saíam dali, exceto o velho, e eu também deveria sair. No entanto, eu não conseguia tirar os olhos daquele corpo sem vida. Pensei em anjos, mas sem palavras. Invoquei um domínio invisível, misturado ao nosso, seres de sabedoria e compaixão que talvez pudessem estar cercando a alma desse homem morto agora, mas nenhuma imagem reconfortante me veio à mente, nenhuma palavra. Eu falhara. Falhara com

aquele, embora talvez tivesse salvo um outro. Seria isso tudo o que eu tinha a fazer? Salvar um irmão e levar o outro a destruir-se? Era inconcebível. E havia sido eu o responsável por levá-lo a isso, quase com certeza.

Ergui os olhos e vi o velho Pico no portão, fazendo um gesto para que eu corresse. Todos os outros haviam saído.

Eu fiz uma medida, passei por trás de Signore Antonio, saí do pomar e entrei no pátio maior.

Eu estava aturdido. Imagino que frei Piero talvez estivesse lá, mas não olhei de fato para todos que estavam nas proximidades.

Vi o umbral que dava na rua, com as silhuetas parcamente iluminadas de um casal de serviçais mantendo vigilância, me movi na direção da porta e passei por ela.

Ninguém me questionou. Ninguém pareceu haver notado a minha presença.

Caminhei entorpecidamente em direção a uma *piazza* lotada e, por um instante, ergui os olhos e mirei o céu cinzento. O quanto era perfeitamente sólido e real esse mundo no qual eu fora mergulhado, com suas casas de pedra apinhadas de gente, construídas umas ao lado das outras, e suas torres que eram vistas aqui e ali. O quanto eram reais os muros dos *palazzos* em frente às casas, sombrios e marrons, e o quanto eram reais os ruídos dessa multidão indistinta, com suas conversas despreocupadas e rompantes de riso.

Para onde eu estava me dirigindo? O que tencionava fazer? Eu queria rezar, entrar numa igreja, cair de joelhos e rezar. Mas como eu poderia fazer isso com o pano amarelo em minha roupa? Como poderia ousar fazer o sinal da cruz sem que alguém pensasse que eu estaria debochando de minha própria fé?

Sentia-me perdido e sabia apenas que estava vagando para longe das casas para as quais eu havia sido enviado. E, quando pensei na alma do homem morto, seguindo agora para o totalmente desconhecido, fiquei desesperado.

CAPÍTULO NOVE

PAREI. ENCONTREI-ME NUMA ESTREITA RUELA enlameada, dominado pelo fedor de imundície que fluía dos esgotos. Pensei novamente em tentar alcançar uma igreja, um lugar onde pudesse ficar de joelhos na sombra e rezar a Deus por ajuda nessa situação, mas novamente a imagem do pano redondo amarelo do lado esquerdo de meu peito fez com que eu parasse.

Pessoas passavam por mim de ambos os lados, algumas educadamente me dando espaço, outras me tirando do caminho com os ombros, e outras ainda zanzavam em frente às casas de repasto e às casas de pães. As fragrâncias de carne grelhada e pão assado misturavam-se ao fedor.

Eu me senti subitamente fraco demais em espírito para seguir em frente e, encontrando uma estreita margem de muro entre a barraca aberta de um comerciante de tecido e um vendedor de livros, deslizei meu alaúde entre os braços e então, segurando-o como se fosse um bebê, me encostei no muro e ali descansei, tentando achar algo acima da estreita margem de céu.

A luz rareava rapidamente. Estava esfriando. Lamparinas queimavam nas lojas. Um archoteiro seguia seu caminho pela rua, com dois jovens muito bem-vestidos atrás dele.

Percebi que não fazia a menor ideia do mês em que estávamos, nem se correspondia de algum modo ao final do outono que eu deixara em minha época. Mas o Mission Inn e minha amada Liona pareciam completamente remotos, como algo que eu sonhara. Ter sido em outra época Lucky, a Raposa, um assassino de aluguel, também parecia irreal.

Novamente rezei pela alma de Lodovico. Mas as palavras pareceram subitamente desprovidas de qualquer significado, diante de meu fracasso, e

então ouvi uma voz dizer bem pertinho de mim:

– Você não precisa usar esse distintivo.

Antes que pudesse levantar os olhos, senti o distintivo sendo arrancado da parte aveludada de minha túnica. Eu vi um jovem alto ali em pé, muito bem-vestido em um brilhante traje de veludo cor de vinho, com calções escuros e botas pretas. Tinha uma espada numa bainha cravejada de joias, e, por sobre os ombros, um manto curto de veludo cinza tão fino quanto o de sua túnica.

Os cabelos eram longos, muito parecidos com os meus, mas tinham uma suave coloração castanha; eram bastante lustrosos e encaracolados e caíam-lhe pelos ombros. Seu rosto era notavelmente simétrico e a boca carnuda, bastante bonita. Ele tinha grandes olhos castanhos.

Nos dedos enluvados da mão direita, segurava o distintivo redondo e amarelo que arrancara com tamanha facilidade de seus pontos, e agora o amassava da melhor maneira possível e o enfiava no cinto.

– Você não precisa disso – disse ele do jeito mais delicado e confidencial possível. – Você é serviçal de Vitale, e ele e toda a sua criadagem e familiares são isentos da utilização do distintivo. Ele deveria ter se lembrado de avisá-lo que você poderia tirá-lo.

– Mas por quê? Que importância tem isso? – perguntei.

Ele ergueu a capa curta de veludo vermelho que carregava por cima do braço esquerdo e a colocou sobre os meus ombros. Então colocou uma espada em mim, afivelando o cinto. Eu olhei para ela. Para o cabo cravejado de joias.

– O que significa tudo isso? – perguntei. – Quem é você?

– Está na hora de você ter um pouco de descanso e um pouco de tempo para pensar – disse ele, com a mesma voz suave e confidencial. – Eu o levarei para longe daqui por um tempo, para que disponha de um pouco de tempo para refletir.

Ele pegou o meu braço. Pendurei novamente o alaúde em minhas costas e deixei que me conduzisse para fora do beco.

O céu estava quase que completamente escuro. Tochas passavam por nós, as chamas crepitando, e algumas das lojas agora direcionavam suas luzes

para o estreito calçamento. Eu não conseguia enxergar muito bem devido ao brilho das luzes.

– Quem o enviou a mim? – perguntei.

– Quem você acha? – disse ele. Ele me abraçara abaixo do alaúde e estava me pressionando delicadamente para frente. Seu corpo parecia imaculadamente limpo e tinha o levíssimo aroma de um doce e obscuro perfume.

Os outros que eu encontrara aqui não eram em hipótese alguma sujos, mas até mesmo o melhor deles tinha uma aparência ligeiramente empoeirada e um cheiro natural de pele e de cabelo.

Esse homem não recendia a nada disso.

– Mas, e Vitale? – perguntei. – Não há problema em deixá-lo num momento como esse?

– Nada acontecerá hoje à noite – assegurou-me o homem, olhando diretamente em meus olhos à medida que se curvava ligeiramente na minha direção. – Eles vão enterrar Lodovico, e não será um terreno consagrado, é claro, mas o pai acompanhará o corpo até o local. A criadagem ficará de vigília, sendo permitido ou não que se faça vigília a um suicida.

– Mas aquele padre, frei Piero, e as acusações que fez sobre a possibilidade do *dybbuk* ainda estar enraivecido?

– Por que você não se coloca em minhas mãos – disse ele, com a mesma delicadeza que teria tido um médico – e permite que eu cure a dor que está sentindo? Deixe-me sugerir que você não se encontra em condições de poder ajudar quem quer que seja nesse exato momento. Você necessita de um refresco.

Passamos por mais uma enorme *piazza*. Tochas queimavam nas entradas das imensas casas de quatro andares, e luzes brilhavam em miríades de torres, tendo como pano de fundo o escuro céu azul. Um chuvisco de estrelas estava visível.

Notei que homens ao meu redor estavam ricamente vestidos, exibindo dedos cheios de anéis, ou vívidas luvas coloridas, e muitos deles estavam correndo em grupos como se a caminho de um importante destino.

Mulheres em luxuriosas sedas e brocados desfilavam todo o seu refinamento pelas ruas empoeiradas, suas serviçais desleixadamente vestidas correndo para não ficar para trás. Liteiras finamente decoradas passavam, os que as levavam nos ombros trotando sob o peso, os passageiros ocultos atrás de cortinas extravagantemente coloridas. Eu podia ouvir música ao longe, mas o ruído de vozes engolia o som.

Eu queria parar e absorver todo aquele espetáculo eternamente mutante, mas estava inquieto.

– Por que Malchiah não apareceu para mim? – eu quis saber. – Por que mandou você?

O homem de cabelos castanhos sorriu e, olhando para mim com amor, como se eu fosse uma criança a seus cuidados, disse:

– Não se importe com Malchiah. Você perdoará um tom levemente debochado da minha parte quando estiver falando dele, não perdoará? Os poderosos são sempre ridicularizados um pouco pelos menos poderosos. – Seus olhos brilharam cheios de bom humor. – Venha, esse é o *palazzo* do cardeal. O banquete está acontecendo desde a tarde de hoje.

– Que cardeal? – sussurrei. – Quem é ele?

– Isso importa? Isso aqui é Roma numa época de esplendor, e o que foi que você viu disso tudo até agora? Nada além dos lúgubres acontecimentos de um miserável lar.

– Espere um momento, eu não...

– Vamos lá, é hora de aprender – disse ele. E novamente era como se ele estivesse falando com uma criança pequena. Achei isso ao mesmo tempo atraente e extremamente desagradável. – Você sabe o que estava ansiando ver durante todo esse tempo – continuou ele –, e existem coisas que você deveria ver aqui porque são uma parte gloriosa desse mundo.

Sua voz possuía uma rica ressonância, e parecia que ele estava pensando nessas coisas de modo natural à medida que falava. Nem mesmo o sorriso de Malchiah possuía essa ternura toda. Ou pelo menos era o que parecia naquela luminosidade intensa.

Nós nos juntamos a uma verdadeira corrente de pessoas luxuosamente vestidas e passamos por baixo de uma imensa arcada dourada para entrar no que poderia muito bem ser um enorme pátio ou hall, eu não saberia dizer quais das duas opções. Centenas de pessoas estavam perambulando pelo ambiente.

Nas margens desse espaço, havia altas e imponentes sempre-verdes enfeitadas com velas, e, bem diante de nós, uma interminável fileira de mesas forradas por pesadas cortinas que se estendia à esquerda e à direita.

Alguns convidados já estavam sentados, incluindo um grupo com ricas túnicas e capas, seus rostos voltados para o grande espaço aberto além das mesas onde um grande número de serviçais do sexo masculino ia e vinha com odres de vinho, bandejas com copos e pratos com o que parecia ser frutas folheadas a ouro.

Bem acima de nós, havia grandes arcadas de madeira pintadas, engrinaldadas com flores e sustentando um interminável dossel de um cintilante tecido prateado.

Tochas queimavam nas margens da sala. E pesados candelabros de ouro e de prata estavam sendo dispostos a cada poucos metros ao longo das mesas, junto com pratos dourados. As pessoas estavam tomando seus lugares nos banquinhos acolchoados.

Eu fui conduzido à extremidade direita, onde diversos homens já estavam sentados, e nós rapidamente tomamos nossos lugares. Eu achei estranho estar manuseando a espada. Coloquei o alaúde em segurança perto de meus pés.

O lugar estava agora repleto de convidados.

Devia haver mais de mil pessoas no local. Em todos os cantos, as mulheres eram um banquete para os olhos, com seus ombros brancos à mostra e os seios parcamente cobertos, em vestidos bastante coloridos com mangas talhadas, cordões de pérolas e gemas preciosas e penteados minuciosamente elaborados. Mas os homens mais jovens pareciam igualmente interessantes, com seus longos e lustrosos cabelos e calções em cores brilhantes. As mangas talhadas de suas camisas eram tão enfeitadas

quanto as das mulheres, e eles também usavam uma infinita variedade de cores. Os homens demonstravam uma vaidade ainda mais ousada do que a das mulheres, mas um contagioso entusiasmo parecia unir a todos.

Subitamente uma tropa de garotos surgiu, vestida em diáfanas togas amarradas na cintura, obviamente com a intenção de evocar os gostos dos antigos gregos e romanos. Seus braços e pernas estavam nus, e eles usavam sandálias douradas e guirlandas de folhas e flores nos cabelos.

Certamente seus rostos haviam recebido ruge, e quem sabe alguma pintura também fora aplicada para escurecer seus olhos. Eles riam, sorriam e murmuravam com facilidade, enchendo copos e oferecendo pratos com doces, como se já houvessem nascido fazendo esse tipo de coisa.

Um desses pequenos e graciosos Ganimedes encheu os copos prateados à nossa frente a partir de um enorme odre de vinho que manuseava com destreza, como se já desempenhasse essa função por milhares de anos.

Bem à nossa direita, um grupo de músicos começara a tocar, e parecia que as vozes ao nosso redor haviam ficado mais altas, como se excitadas pela música. A música em si era incomumente adorável, com uma rica melodia ascendente, uma melodia que me soava familiar, mas que, na verdade, não era executada por violas, alaúdes e sopros. Certamente havia outros instrumentos, mas eu não sabia o que eram. Um outro grupo de músicos bem à minha esquerda juntou-se ao primeiro na execução da mesmíssima canção. Uma batida lenta sublinhava a melodia, e outras melodias tornaram-se intercaladas à primeira, até que eu perdi por completo o rumo da estrutura musical. Podia sentir a batida da percussão em meus ouvidos.

Eu estava cativado por tudo aquilo, mas também estava perturbado. Meus olhos estavam aquosos não só em função do perfume como também das velas.

– Malchiah quer que eu faça isso? – eu pressionei. Eu me aproximei e toquei o pulso direito do jovem. – Ele quer que eu participe desse banquete?

– Você acha que ele permitiria isso caso não quisesse? – respondeu o homem com a expressão mais inocente que alguém pode ter. – Aqui, beba

um pouco. Você está aqui há quase um dia inteiro e não provou o delicioso vinho da Itália. – Ele exibiu novamente aquele sorriso doce e amável, enquanto colocava o copo em minha mão.

Eu estava a ponto de protestar que jamais bebia, não conseguia nem mesmo suportar o cheiro de bebida, quando percebi que isso não era inteiramente verdadeiro, era apenas uma questão de postura, e o delicioso aroma de vinho estava se elevando com um notável poder de sedução. Peguei o copo e provei da bebida. Estava do jeito como eu adorava, seco e com um ligeiro sabor defumado, um vinho tão bom como os que eu já havia tomado em outras oportunidades. Tomei um outro gole, e uma quentura tranquilizadora começou a percorrer o meu corpo. Quem era eu para questionar o que os anjos queriam? Para todos os lados que eu olhava as pessoas estavam degustando iguarias de pratos dourados e conversando confortavelmente umas com as outras e, assim que um terceiro grupo de músicos se juntou aos outros conjuntos, eu senti que começava a me entregar de corpo e alma a eles, como se estivesse num sonho.

– Aqui, beba mais um pouco – disse meu companheiro. Ele apontou para uma loura esguia que estava passando por nós na companhia de diversas pessoas mais velhas, uma verdadeira visão com seus cabelos dourados entrelaçados com flores brancas e joias brilhantes.

– Aquela é a jovem que causou todo esse rebuliço – disse-me ele. – Sua Leticia, que Lodovico tanto cortejou, embora ela fosse prometida a Niccolò, que quase perdeu a vida. – Seu tom era quase reverente, mas alguma coisa em sua escolha de palavras me perturbou e eu até pensei em dizer qualquer coisa a respeito, mas ele me ofereceu meu copo mais uma vez.

Eu bebi. E bebi novamente.

Minha cabeça girou. Fechei os olhos e os reabri, vendo a princípio nada além de miríades de velas queimando em todos os lugares, e apenas agora eu me dava conta da existência de mesas embaixo das arcadas ao longo de ambos os lados desse majestoso espaço. Elas estavam tão lotadas quanto aquelas nas quais estávamos.

Um dos garotos encheu novamente o meu copo e me sorriu com candura enquanto se afastava. Eu bebi mais um pouco. Lentamente minha cabeça começou a ficar mais límpida. Para todos os lados que olhava, eu via cor e movimento. Pessoas se moviam no espaço aberto à nossa frente, e a música estava ficando mais alta, e muito subitamente dois trompetes soaram, seguidos de um entusiástico aplauso.

Uma trupe de dançarinos adentrou o espaço aberto diante de nós, brilhantemente vestidos para sugerir deuses e deusas clássicos, em armaduras douradas e elmos, com escudos e lanças, e nos apresentaram uma espécie de balé lento, gracioso e meticuloso. As pessoas aplaudiam ansiosamente, e o vozerio por todos os lados aumentou mais uma vez de volume.

Eu poderia ter assistido para sempre a esses lânguidos dançarinos executarem seus cuidadosos círculos, giros e formações. De repente, a música ficou mais alta, os dançarinos se afastaram e um alaudista entrou em cena. Colocando um pé em cima de um pequeno banco de prata, ele começou a cantar em latim, numa voz alta, porém graciosa, acerca das variedades do amor.

Uma espécie de tontura me acometeu, mas eu me sentia confortável e absolutamente à vontade, e deslumbrado com o que via diante de meus olhos. O alaudista saía. Havia atores novamente, alguns dos quais representando cavalos, e encenavam uma batalha com muito barulho e frequentes rompantes de aplausos.

Havia comida no prato dourado à minha frente, e eu me dei conta de que efetivamente havia comido de maneira bastante entusiasmada quando os serviçais vieram retirar os pratos e a toalha da mesa para revelar um outro tecido por baixo, de coloração carmesim e dourada.

Tigelas com água aromatizada estavam sendo passadas para que pudéssemos lavar as mãos.

O primeiro prato havia sido levado e eu mal reparara, e agora vinham os serviçais com baixelas compostas de aves assadas e legumes fumegantes. E nós mais uma vez colocávamos comida em nossos pratos. Não havia garfos,

mas isso não me surpreendeu nem um pouco. Comíamos com os dedos e com a ajuda de facas douradas. Seguidamente eu bebia o vinho à medida que os garotos enchiam nossos copos, e meus olhos foram atraídos de volta à área à minha frente, quando uma enorme tela de fundo, contendo ruas e edifícios pintados, foi empurrada para o lugar, transformando o pavimento de pedra num palco ainda mais elaborado.

Eu não conseguia distinguir o tema da encenação que se seguiu. Estava distraído pela música de fundo e, por fim, simplesmente sonolento demais para prestar muita atenção a qualquer coisa bela.

Uma outra rodada de aplausos tirou-me de meu estupor. Leitõezinhos estavam sendo trazidos agora e o aroma era assoberbante, embora eu não estivesse mais com vontade de comer nada.

Um repentino alarme fez com que eu recobrasse os sentidos. O que eu estava fazendo? Por que estava aqui? Eu tinha a intenção de velar e prantear por Lodovico e pelo meu próprio fracasso em salvá-lo. No entanto, aqui estava eu banquetecendo com estranhos e rindo com eles de exageradas dramatizações que a mim faziam pouco ou nenhum sentido.

Eu queria falar, mas o homem que me trouxera para cá estava conversando com o outro próximo a ele e dizendo com a voz mais séria:

– Faça. Faça o que você quer fazer. Você vai fazer de um jeito ou de outro, não vai? Então por que se torturar com isso, ou com qualquer outra coisa, afinal de contas?

Ele fixou o olhar à sua frente e bebeu de seu copo.

– Você não me disse o seu nome – eu disse, tocando a manga de sua camisa.

Ele se virou para mim e produziu um dos mais carinhosos sorrisos.

– Ele tem sílabas demais – disse ele. – E você não precisa saber.

A carne nos estava sendo oferecida. Ele cortou um grande pedaço na baixela e a depositou em meu prato. Com uma gigantesca colher dourada, serviu o arroz e o repolho e também me deu uma ajuda nisso.

– Não, não quero mais – eu disse. – Eu tenho de ir embora, na verdade. Preciso voltar.

– Ah, que bobagem. Você não deveria ir. Eles logo, logo vão começar a dançar, para todos. E depois teremos mais divertimentos. A noite apenas começou. Essas comemorações seguem pela noite toda. – Ele apontou para um grupo nas mesas mais distantes que margeavam a lateral direita do hall. – Está vendo ali? Aqueles são os convidados do cardeal que vieram de Veneza. Ele está fazendo o máximo para impressioná-los.

– Está tudo muito bom e bonito – eu disse –, mas eu tenho de ver o que aconteceu com Vitale. Acho que fiquei aqui tempo demais.

Eu ouvi um adorável e leve acorde de gargalhada próximo a mim e me virei para ver aquela incomparavelmente bela Leticia curvando a cabeça na direção do homem ao seu lado.

– Certamente ela não sabe que Niccolò perdeu o irmão – eu disse.

– Não, é claro que ela não sabe – disse o meu companheiro. – Você acha que a família vai tornar pública a desgraça perpetrada pelo idiota que tirou a própria vida? Eles vão enterrá-lo e deixem-nos em paz para fazê-lo. Deixem-nos fazer a coisa sorrateiramente e sem a participação de mais ninguém.

Eu senti uma raiva gélida surgindo em mim.

– Por que você fala deles nesse tom? – perguntei. – Eles estão sofrendo, todos eles, e eu estou aqui para ajudá-los em seu sofrimento, estou aqui como uma resposta às preces deles. Você dá a entender que não os aprova nem suas preces!

Eu percebi que erguera a voz. Ela soara áspera. Eu estava confuso. Será que eu estava mesmo falando com um anjo?

Ele olhou fixamente para mim, e eu fiquei subitamente perdido avaliando seu rosto. Suas sobrancelhas eram escuras e retas e localizadas bem no alto, e seus olhos em si eram bem grandes e límpidos. Sua boca era suave, carnuda e estava sorridente, como se ele estivesse me achando uma pessoa divertida, mas não demonstrava uma atitude nem um pouco debochada ou desdenhosa.

– Você é a resposta às preces deles? – perguntou, com delicadeza. Ele parecia estar bastante preocupado. – Você é? Você realmente acha que é por

isso que está aqui? – Ele parecia estar falando muito suavemente, muito suavemente para esse lugar imenso, e muito suavemente para ser ouvido em meio àquela música urgente e linda que vinha de todos os lados do hall. Mas eu conseguia ouvir cada palavra que dizia.

– E se eu te contasse que você não é a resposta às preces de ninguém, que você é o trouxa inventado por espíritos que queriam fazer você acreditar nisso por razões deles próprios? – Ele parecia estar preocupado e depositou sua mão quente em meu punho esquerdo.

Eu fiquei aterrorizado. Não disse nada. Apenas olhei para ele, para os suaves e espessos cachos de seus longos cabelos, para seus olhos firmes. Eu não estava aterrorizado com ele, mas com o que ele acabara de dizer. Se fosse isso mesmo, o mundo carecia de sentido e eu estava perdido. Tive essa impressão aguda e instantaneamente.

– O que você está dizendo? – perguntei.

– Que mentiram para você – respondeu ele, com a mesma solicitude carinhosa. – Não existem anjos, Toby, existem apenas espíritos, espíritos desencarnados e os espíritos daqueles que viveram em carne e osso e não mais se encontram vivos em carne e osso. Você não foi enviado até aqui para ajudar quem quer que seja. Os espíritos que estão te manipulando estão se alimentando das suas emoções, se alimentando tão verdadeiramente quanto as pessoas nessa sala estão se alimentando desses pratos.

Ele parecia desesperado para fazer com que eu compreendesse isso. Eu poderia ter jurado ter visto lágrimas escorrendo de seus olhos.

– Malchiah não mandou você, mandou? Você não tem nada a ver com ele – eu disse.

– É claro que ele não me mandou, mas você precisa perguntar-se por que ele não consegue me impedir de te contar a verdade.

– Eu não acredito em você – eu disse. Tentei me levantar, mas ele segurou com rapidez o meu braço.

– Toby, não vá. Não dê as costas para a verdade. Meu tempo com você pode ser mais curto do que eu esperava. Deixe-me te asseverar, você está

preso num sistema de crença que não é nada além de um mecanismo voltado para a encenação de mentiras.

– Não. Eu não sei quem você é, mas não vou ouvir nada disso.

– Por que não? Por que isso te deixa com tanto medo? Eu viajei no tempo até aqui para tentar te alertar contra essa crença supersticiosa em anjos, deuses e demônios. Agora me deixe por favor tentar alcançar teu coração.

– Por que você faria isso? – perguntei.

– Existem muitas entidades desencarnadas como eu no universo – disse ele. – Nós tentamos guiar almas como a sua, que estão perdidas em sistemas de crenças. Nós tentamos convencer vocês a retornarem às trilhas do verdadeiro crescimento espiritual. Toby, sua alma pode ficar enclausurada num sistema de crença como esse por séculos, você não percebe isso?

– Como eu cheguei aqui, como eu viajei no tempo cinco séculos se tudo isso é uma mentira? – eu quis saber. – Deixe-me ir embora. Eu vou sair daqui.

– Cinco séculos de volta no tempo? – Ele riu da maneira mais suave e triste possível. – Toby, você não viajou de volta no tempo, você está em outra dimensão, é só isso, uma dimensão que os mestres de seu espírito construíram para você porque isso lhes é conveniente enquanto eles tentam colher suas emoções e as emoções daqueles seres à sua volta para o prazer deles próprios.

– Pare de dizer isso – eu disse. – Essa é uma ideia abominável. Você acha que eu nunca ouvi ideias como essa antes?

Eu estava com medo. Estava chocado e com medo. Meu intelecto se rebelava contra cada palavra que ele pronunciara, mas eu estava abalado. Um terror gélido poderia me subjugar a qualquer momento.

– Os termos que você está usando não são novos para mim – eu disse. – Você acha que eu não li teorias sobre múltiplas dimensões, histórias de almas que viajam para fora de seus corpos, que encontram espíritos terrenos aprisionados em realidades das quais eles precisam escapar?

– Bom, se você leu essas coisas, pelo amor que nutre por você mesmo e por todos que lhe são queridos, questione esses seres horrendos que estão te

manipulando! – insistiu ele. – Livre-se deles. Você pode sair dessa armadilha grotesca, dessa elaborada bola de tempo e espaço, simplesmente demonstrando desejo de sair.

– Fazendo o quê? – eu zombei. – Batendo os tornozelos e dizendo: “Não há lugar como a nossa casa”? Escute aqui, eu não sei quem é você, mas sei o que está tentando fazer. Você está tentando me impedir de voltar para Vitale, de fazer o que eu vim fazer aqui. E a sua urgência, meu amigo, faz mais para solapar suas anêmicas teorias do que a minha lógica.

Ele pareceu ter ficado magoado.

– Você está certo – confessou ele, os olhos brilhando. – Eu estou tentando te deter, fazer com que você volte a seu próprio crescimento e à sua própria capacidade de buscar a verdade. Toby, você não quer a verdade? Você sabe que as coisas que esse, por assim dizer, anjo te contou não passavam de mentira. Não existe Ser Supremo ouvindo as preces de ninguém. Não existem anjos alados enviados para implementar a vontade dele. – Sua boca alongou-se numa expressão zombeteira. Mas, em seguida, seu rosto exprimiu novamente a mais completa compaixão.

– Por que cargas d’água eu deveria acreditar em você? – perguntei. – O seu universo é vazio, um universo implausível, e eu o rejeitei há muito tempo. Eu o rejeitei quando minhas mãos estavam ensanguentadas e minha alma, negra. Eu o rejeitei porque ele não fazia sentido para mim e continua não fazendo sentido para mim agora. Por que esse sistema de crenças seu é mais plausível do que o meu?

– Crença, crença, crença. Eu peço que você utilize sua racionalidade – implorou ele. – Ouça, os fanfarrões do seu espírito podem voltar a qualquer momento para recolhê-lo. Por favor, eu te imploro, confie no que eu tenho a dizer. Você é um poderoso ser espiritual, Toby, e não precisa de um deus ciumento que exige adoração, ou de seus capangas angelicais te enviando para atender preces!

– E por quem você veio aqui, com tanta paixão e com tanto esforço?

– Eu te disse. Eu sou uma das muitas entidades desencarnadas enviadas para te ajudar em sua jornada. Toby, essa sua religião miserável é o tipo

mais baixo e extenuante de sistema de crença. Você precisa ultrapassá-lo se tem alguma intenção de evoluir.

– Você foi enviado, mas enviado por quem?

– Como eu posso fazer você entender? – Ele parecia genuinamente triste.

– Você viveu muitas vidas, mas sempre com uma única alma.

– Eu ouvi essa história um milhão de vezes.

– Toby, olhe bem em meus olhos. Eu sou a personalidade de uma vida que você já viveu muito tempo atrás.

– Isso me dá vontade de rir – eu disse.

Os olhos dele encheram-se de lágrimas.

– Toby, eu sou o homem que você foi nesse tempo, você não vê? E eu vim para despertá-lo para o que o universo realmente é. Ele não tem nada a ver com céu ou inferno. Não existem deuses exigindo adoração. Não existe bem ou mal. Essas coisas são constructos teóricos. Você caiu numa armadilha que torna o crescimento espiritual impossível. Desafie esses seres. Recuse-se a obedecer-lhes.

– Não – eu disse. Alguma coisa estava diferente em mim. O temor desaparecera, e a raiva que eu sentira antes, também. Uma calma tomou conta de mim, e mais uma vez eu tomei consciência da música, daquela mesma encantadora melodia que eu ouvira quando aqui cheguei. Havia na música uma eloquência tão intensa de justiça e beleza, tão expressiva de virtude, que poderia dilacerar o coração de alguém.

Eu me virei e olhei para a festa. Havia pessoas dançando, homens e mulheres em círculos, segurando as mãos uns dos outros, o círculo interior girando em um sentido e o exterior, em outro.

A voz dele chegou bem em meu ouvido.

– Você está começando a pensar nisso, não está?

– Eu pensei nisso, sim, nas ideias que você está oferecendo. Como eu te disse, eu já as ouvi antes. – Eu me virei e olhei para ele. – Mas eu não vejo nada convincente em seu argumento. Como eu disse, você está descrevendo um sistema de crença de sua própria lavra. Que provas você tem a respeito da existência de outras dimensões, ou da inexistência de Deus?

– Eu não preciso ter provas do que inexistente – disse ele. Ele parecia estar irritado. – Eu faço um apelo ao seu bom-senso. Você viveu muitas vidas, Toby, e muitas vezes espíritos como eu vieram em seu auxílio, e às vezes você aceitou essa ajuda, e às vezes não. Você reencarnou diversas vezes com um plano de aprender certas coisas, e seu aprendizado não pode progredir se você não se der conta de que é assim que a coisa funciona.

– Não, trata-se com certeza de um sistema de crença, tudo isso que você está dizendo, e, como todo sistema de crença, ele apresenta uma certa coerência e uma certa beleza, mas eu o rejeitei muito tempo atrás. Eu te disse e vou repetir: eu o considero vazio.

– Como você pode dizer uma coisa assim?

– Você quer realmente saber? Você quer realmente, verdadeiramente saber?

– Eu te amo. Eu sou você. Eu estou aqui para te ajudar a avançar.

– Eu sei porque bem no fundo da minha alma eu sei que existe um Deus. Existe alguém a quem eu amo que eu chamo de Deus. Esse alguém tem emoções. Esse alguém é o Amor. E eu sinto a presença desse Deus na própria estrutura do mundo no qual vivo. Eu sei que Deus existe e tenho uma profunda convicção a esse respeito. Eu sei que o fato de Ele enviar anjos a seus filhos possui uma elegância que a mim é inegável. Eu estudei as suas ideias, o seu sistema, e o considero estéril e pouco convincente e frio, numa avaliação final. No fundo, no fundo ele é horivelmente frio. Não possui a personalidade de Deus e é frio.

– Não – protestou ele, sacudindo a cabeça. – Ele não é frio. Eu estou te implorando. Você está errado. Você está colocando no centro de seu sistema um deus que jamais existiu. Somente a criança em você insiste na existência desse deus. Essa criança deve dar lugar ao homem adulto.

Eu me levantei da mesa, levando o alaúde comigo. Parei, desafivelei a espada e deixei que caísse no chão. Soltei o manto que ele me dera quando nos encontramos.

De repente, a minha cabeça começou a girar.

– Não vá, Toby – disse ele.

Ele estava parado perto de mim. Não. Nós estávamos andando juntos em meio à multidão. Eu estava tonto. Alguém empurrou um copo de vinho em minha direção, e eu o dispensei com um balançar de mão.

Ele me abraçou e tentou me deter.

– Deixe-me ir, eu estou te avisando – eu disse. – Eu não estou interessado no que você me ofereceu. Eu não sei se você é maligno ou se está simplesmente perdido em alguma jornada pessoal. Mas eu sei o que eu tenho a fazer. Eu tenho de voltar para Vitale e ajudá-lo em tudo que puder.

– Você pode ser livre – sussurrou ele, seu rosto muito próximo ao meu. – Desafie-os, amaldiçoe-os! – disse ele, seu rosto ficando vermelho. – Denuncie-os e repudie-os. Eles não têm direito de te usar. – O sussurro dele havia se transformado num sibilo.

Ele olhava para a esquerda e para a direita. Ele me soltou, mas, em seguida, colocou suas mãos em meus ombros e os segurou com força, e eu sentia a pressão de seus dedos ficando cada vez mais forte.

Eu odiei aquilo. Tive de me conter para não lhe dar um soco e jogá-lo para o lado.

– Você vai acreditar em mim – disse ele – se eu fizer tudo isso desaparecer? Se eu jogar você de volta à sua cama no Mission Inn? Ou será que eu deveria mandá-lo para a rua arborizada em Nova Orleans onde sua amiga reside?

Eu senti o sangue subindo-me pelo rosto.

– Saia da minha frente – eu disse. – Se você é o que diz ser, então sabe que nenhum mal pode advir do fato de eu voltar para Vitale. De eu ajudar um outro ser humano extremamente necessitado.

– Que Vitale vá para o inferno! – rosnou ele. – Que ele e seus obstáculos nojentos vão para o inferno. Eu não vou deixar você se perder.

Os dedos dele estavam penetrando em minha carne, e a sensação era absolutamente dolorosa. O som da multidão e da música ficara ainda mais alto e agora parecia ensurdecador, assim como as luzes haviam se tornado uma espécie de brilho cegante que a tudo englobava.

Eu estava lutando com todos os meus sentidos para identificar o momento, para identificar o que diziam os meus pensamentos, para identificar o que fazer.

Um enorme tumulto de aplausos e gritos vindo da multidão me deixou aturdido. E, nesse instante, ele me prendeu num abraço e começou a me arrastar pelo chão.

Eu me soltei.

– Sai de mim, satanás! – sussurrei. E joguei o punho para trás e dei-lhe um belo soco na cara que fez com que saísse voando para trás, afastando-se de mim, como se ele fosse feito de nada além de ar.

Eu vi sua forma saindo em disparada, como se através de um enorme túnel de luz. Na realidade, a própria estrutura do mundo ao meu redor estava arrebatada, e seu corpo explodiu naquela fissura produzindo enormes fagulhas de um fogo cegante. Eu fechei os olhos. Não consegui evitar. Caí de joelhos. A luz era vulcânica e abrasadora. Um grito hercúleo preencheu meus ouvidos e transformou-se numa espécie de uivo.

Uma voz falou:

– Diga-me seu nome!

Eu tentei enxergar, mas a luz ainda estava me cegando. Cobri o rosto com as mãos, tentando espiar através dos dedos, mas tudo o que conseguia ver era esse fogo incessante.

– Diga-me seu nome! – vinha a voz novamente, e eu ouvi a resposta, como um sibilo:

– Ankanoc! Deixe-me ir.

A voz falou novamente, num inequívoco tom de denúncia, embora eu não conseguisse ouvir as palavras. *Ankanoc, vá para o inferno.* Ele fora banido, e a força que o fizera sumir ainda estava próxima.

Ouviu-se um rosnado intenso, que foi ficando cada vez mais alto, e, muito embora meus olhos estivessem fechados, eu sabia que a luz se fora. *Ankanoc.* Estava reverberando em minha mente e eu tinha a sensação de que jamais o esqueceria. Pensei conhecer aquela voz que exigira saber o nome,

que exigira que o ser desaparecesse, e a voz pertencia a Malchiah, mas eu não estava certo. Eu estava abalado até os ossos.

Abri meus olhos.

Encontrei-me ajoelhado na laje. A multidão estava ao meu redor, próxima de mim, as mesmas gargalhadas, vozes e notas musicais indistintas pairando no ar. Minha cabeça latejava. Meus ombros doíam.

Malchiah estava ajoelhado perto de mim, amparando-me, mas não estava realmente visível para mim. Eu sentia suas mãos me equilibrando. Com uma voz desprovida de som, ele disse:

– Agora você sabe o nome dele. Chame-o pelo nome, seja lá com quais disfarces ele apareça para você, e ele deverá responder! Lembre-se disso, agora, mais tarde e sempre. Ankanoc. Agora eu o deixo para que você faça o que deve fazer.

Mentiras, sistema de crença, seres se alimentando...

– Não me deixe! – sussurrei.

Mas ele se fora.

Um homem estava em pé ao meu lado, um homem com rosto redondo e traços suaves vestindo um longo robe vermelho. Eu vi sua mão descendo ao meu encontro enquanto ele dizia:

– Aqui, deixe-me ajudá-lo a se levantar, jovem, vamos lá, acabou de bater meia-noite. Ainda está cedo demais para você estar tropeçando desse jeito. – Outras mãos me ajudaram a me erguer.

Então, dando-me um tapinha no ombro, o homem sorriu e seguiu com seus companheiros para o interior da sala de banquete.

Eu estava diante das portas abertas do *palazzo*. E podia ver que estava chovendo lá fora.

Eu tentei clarear a mente. Tentei pensar em tudo o que acontecera.

Acabou de bater meia-noite. Eu estivera todo esse tempo ausente.

O que passara pela minha cabeça para que eu deixasse uma coisa assim acontecer, e o que eu imaginava que acontecera? O temor tomou conta de mim novamente, o temor gradualmente se acumulando até que eu não conseguia mais pensar ou sentir. Será que Malchiah aparecera realmente?

Será que ele de fato espantara o demônio? Ankanoc. De repente, tudo o que eu conseguia visualizar era a sua cara satisfeita, suas maneiras aparentemente solícitas, seu indubitável charme.

Percebi que estava de pé na chuva. Eu odiava chuva. Eu não queria ficar molhado. Eu não queria que o alaúde ficasse molhado. Fiquei parado na escuridão, a chuva estava me golpeando e eu estava com frio.

Fechei os olhos e rezei, ao Deus em quem acreditava, ao Deus do meu sistema de crença, pensei eu amargamente, pedindo a Ele que me ajudasse agora.

Eu acredito em Você. Eu acredito que Você está aqui, independentemente de eu sentir ou não, ou algum dia vir a ter certeza absoluta de que é verdade. Eu acredito no universo que Você fez, construído a partir de Seu amor e de Seu poder. Eu acredito que Você vê e sabe todas as coisas.

Pensei em silêncio, eu acredito em Seu mundo, em Sua justiça, em Sua coerência. Acredito no que ouvi na música há poucos momentos. Acredito em tudo que não posso negar. E há o fogo do amor no centro disso. Que eu seja consumido de corpo e alma nesse fogo.

Vagamente, eu estava ciente de que fazia uma escolha, mas era a única escolha que podia fazer.

Minha cabeça clareou.

Ouvi aquela melodia do interior do *palazzo*, a melodia que eu ouvira quando os músicos começaram a tocar pela primeira vez. Eu não sabia se a estava formando em minha mente a partir dos distantes fios sensíveis da música ou se eles a estavam realmente tocando, tão tênue era aquela canção. Mas eu conhecia a melodia e comecei a cantarolá-la para mim mesmo. Eu queria chorar.

Eu não chorei. Fiquei lá parado até voltar a ficar calmo e resoluto e a escuridão não mais parecer uma penumbra fatal envolvendo o mundo inteiro. Ah, se ao menos Malchiah voltasse, pensei eu, se ao menos ele conversasse mais um pouco comigo. Por que ele deixara aquele demônio vir até mim, aquele *dybbuk* maligno? Por que permitira isso? Mas também,

quem era eu para fazer esse tipo de pergunta a ele? Eu não estabeleci as regras para esse mundo. Eu não estabeleci as regras para essa missão.

Eu tinha de voltar agora para Vitale.

Malchiah estava me dando a oportunidade de fazer isso, de cumprir a missão, e era exatamente isso o que eu tencionava fazer.

Eu vi, bem à minha esquerda, o beco através do qual eu viera até esse local, e saí em disparada na direção dele, e depois pela longa viela até a *piazza* que ficava em frente à casa de Vitale.

Eu estava correndo com a cabeça baixa quando, pouco antes do portão da casa, Pico me alcançou e jogou um manto por cima de minha cabeça e ombros. Levou-me para dentro dos portões, tirando-me da chuva, e rapidamente secou meu rosto com um pano seco e limpo.

Uma solitária tocha flamejava em seu castiçal de ferro e, em cima de uma pequena mesa, encontrava-se um simples candelabro de ferro com três velas acesas.

Eu fiquei parado, tremendo, odiando o frio. Estava apenas um pouquinho mais quente aqui, mas gradualmente a dureza da friagem estava se dissipando.

Em minha mente, eu vi o rosto de Ankanoc e ouvi suas palavras novamente: “um sistema de crença”, e ouvi as longas sentenças que ele proferira e todas as frases familiares que haviam vazado de sua boca. Eu vi a paixão em seus olhos. Então ouvi aquele sibilo quando ele confessou seu nome.

Eu vi o fogo novamente e ouvi o rosnado ensurdecedor que o acompanhou. Encostei o peso do corpo na úmida parede de pedra.

Uma conscientização cada vez mais nítida foi se apoderando de mim: você nunca sabe nada com certeza, mesmo quando a sua fé é grande. Você não sabe. Sua ânsia, sua angústia, pode ser interminável. Mesmo aqui, nessa casa estranha em um outro século, com todas as provas que o Céu me proporcionou, eu não sabia realmente tudo o que desejava saber. Eu não tinha como escapar do medo. Não mais do que um instante atrás um anjo falara comigo, mas agora eu estava sozinho. E o desejo de saber era

doloroso, porque era um desejo de que todas as tensões e todas as misérias acabassem. E elas de fato não acabam nunca.

– Meu mestre disse que você deve ir embora – disse Pico desesperadamente. – Aqui está uma quantia em dinheiro que ele deixou para você. Ele disse que está agradecido.

– Eu não preciso de dinheiro.

Ele pareceu ter ficado contente ao ouvir isso e afastou a bolsa.

– Mas, mestre – disse ele –, eu te imploro. Não vá. Meu mestre está trancado agora na casa de Signore Antonio. Frei Piero exigiu que ele fosse detido até que mais padres apareçam. Eles o estão mantendo preso por causa do demônio.

– Eu não vou abandoná-lo – afirmei.

– Graças aos céus – disse Pico e começou a choramingar. – Graças aos céus – disse ele seguidamente. – Se meu mestre for julgado por feitiçaria, o veredicto será certo. Ele morrerá.

– Eu farei o máximo possível para que isso nunca aconteça!

Eu me virei para entrar na casa.

– Não, mestre, por favor, não entre. O demônio está quieto há apenas algumas horas. Se nós nos aproximarmos da escada, ele saberá e começará tudo novamente.

– Fique aqui então, mas eu vou falar com esse demônio – eu disse. Peguei o candelabro de ferro. – Eu estava agora há pouco conversando com um outro, e esse demônio não tem nenhum medo novo de mim.

CAPÍTULO DEZ

ASSIM QUE ALCANCEI A ESCADA DE PEDRA, eu ouvi o *dybbuk*. Ele estava bem acima de mim. Pensei nas palavras de Vitale quando ele me disse que, no andar “de cima”, encontrara a sinagoga da casa, com seus livros sagrados. Eu me pus a subir, protegendo as trêmulas chamas das velas, passando pelas portas do estúdio de Vitale e seguindo na direção do último andar da casa.

Os ruídos ficavam mais altos e mais insistentes. Alguma coisa se despedaçou. Houve pancadas e batidas à medida que objetos aparentemente se chocavam com as paredes.

Finalmente eu me encontrei diante da porta aberta de uma sala grande. Silêncio. O teto do recinto era, de certa forma, mais baixo do que os do andar de baixo, mas não muito.

De imediato, a luz revelou o brilho distante das portas prateadas da arca ou repositório que, sem dúvida nenhuma, guardava os livros sagrados de Moisés. Estava disposta na parede leste. De um dos lados, algo parecido com um pódio estava voltado para a sala, com diversos banquinhos empoeirados à sua frente, e, mais para a direita, havia uma grande tela pintada e dourada. Atrás disso, havia um longo banco cuja função, no passado, devia provavelmente ser a de acomodar as mulheres que podiam eventualmente participar dos serviços e sermões aqui realizados. As paredes, muito ricas, eram revestidas de madeira escura, mas não tão escura que eu não pudesse ver nelas as muitas inscrições, pintadas de preto em letras hebraicas. Uma mesa encontrava-se em um dos lados do pódio, e, sobre ela, havia uma pilha de pergaminhos.

Finos lustres de prata estavam pendurados no teto. As janelas estavam fechadas com venezianas e trancadas. E o meu candelabro era, evidentemente, a única fonte de luz.

De repente, os banquinhos à minha frente começaram a vibrar, depois a se mover, um banquinho chocando-se com o outro, e os lustres começaram a ranger em suas correntes de prata.

Um pequeno livro encadernado foi erguido de um dos banquinhos e veio voando em minha direção, de modo que fui obrigado a me abaixar. O objeto aterrissou no chão atrás de mim.

– Quem é você? – perguntei. – Se você é um *dybbuk*, eu exijo que me diga seu nome!

Todos os banquinhos estavam se movendo, batendo uns nos outros, e a tela pintada caiu com um estrondo. Novamente objetos estavam sendo arremessados em mim, e eu tive de sair do vão da porta, protegendo-me instintivamente com minha mão direita. Ouvi um som oco, um rugido, muito similar ao ruído que ouvira quando Ankanoc fora banido, mas esse parecia feito por uma voz humana. Era tão alto, que eu fui obrigado a cobrir os ouvidos.

– Em nome de Deus – eu disse –, eu exijo que você me diga seu nome. – Mas isso apenas intensificou a fúria da criatura. Um dos lustres começou a bater furiosamente para a frente e para trás até ser arrancado da corrente e cair em cima dos banquinhos com um estouro.

Eu desabei no chão, como se estivesse me encolhendo, mas não estava. Observei um outro lustre se esfacelar nos banquinhos e tentei não piscar nem tremer diante do impactante barulho.

Coloquei o candelabro no chão e fiquei sentado, imóvel. Se essa coisa apagasse as luzes, eu ficaria numa situação bastante desconfortável, mas até agora ela não fizera isso e, como eu estava lá sem me mover nem falar, ela voltou a se aquietar.

Lentamente alcancei o meu alaúde e o coloquei no colo. Eu não tinha muita certeza do que faria, mas apertei as cordas do instrumento, dedilhando-o bastante suavemente para afiná-lo. Fechei os olhos e comecei

a tocar de cabeça aquela melodia que ouvira no palácio do cardeal. Eu pensei, sem palavras, no que aquela música significara para mim no momento em que eu discutia com Ankanoc. Pensei na coerência, na eloquência dela, na maneira como falava para mim a respeito de um mundo no qual a harmonia era infinitamente mais do que sonho, no qual a beleza apontava para o divino. Eu estava quase chorando à medida que absorvia a música, confiando a mim mesmo a tarefa de reconstruir a melodia e torná-la minha a partir de quaisquer mudanças que a memória não teria como sustentar.

As notas suaves do alaúde ecoavam pelas paredes. Fiquei um pouco mais ousado, tocando com mais rapidez, e com uma gama maior de variações, e lentamente conduzindo a melodia para um melancólico comentário sobre ela própria. Comecei a cantarolar com as notas mais baixas e então a cantar baixinho em monossílabos, na nah, na nah nah, na, deixando que meus dedos e minha voz me levassem para onde desejassem. As lágrimas brotaram em meus olhos. Eu deixei que elas escorressem pelo rosto. Comecei a cantar baixinho as palavras de um salmo.

– Oh, Deus da minha salvação, quando eu choro na escuridão diante de ti, que as minhas preces te alcancem. – Eu lutava, incapaz de me lembrar, parafraseando. – Eu estou próximo ao limiar de Sheol. Curve seus ouvidos à minha dor.

Continuei cantando, pronunciando palavras quando frases me vinham à cabeça, cantarolando se nenhuma surgia. Meus olhos moveram-se pela sala sombria à minha frente, e eu percebi que não estava sozinho.

Em pé diante do repositório, e não muito distante de mim, encontrava-se um pequenino ancião.

Nós olhamos um para o outro, e seu rosto revelou um grande espanto, e não era difícil imaginar o motivo. *Ele estava impressionado por eu poder vê-lo, assim como eu mesmo estava.*

Eu parara de tocar. Apenas olhava para ele, decidido a não demonstrar nenhum medo, e, de fato, eu não estava sentindo medo algum. Sentia apenas

um entusiasmo e uma admiração crescentes, e um desespero por saber o que fazer.

– Você não é *dybbuk* coisa nenhuma – sussurrei baixinho. Ele não pareceu ter ouvido as palavras. Olhava-me de alto a baixo, avaliando-me detalhadamente. E eu estava fazendo o mesmo com ele agora, memorizando tudo o que via com a velha prática de assassino, determinado a não deixar escapar nada do que me estava sendo apresentado aqui.

Ele era diminuto, um pouco curvado e extremamente idoso, com uma cachola calva e uma rica juba de cabelos brancos que lhe caíam pelos ombros. Tinha bigode e barba brancos. Suas roupas de veludo escuro, embora tivessem sido elegantes no passado, estavam agora surradas, cheias de pó e rasgadas aqui e ali. Havia fitas azuis costuradas nas extremidades de seu manto, e ele portava o odioso distintivo amarelo na altura do coração, que o identificava como judeu. Estava tranquilo, examinando-me atentamente com seus pequenos olhos flamejantes por trás de um par de óculos cintilantes.

Óculos. Eu não sabia que as pessoas nessa época possuíam esse tipo de coisa. Mas ele definitivamente usava óculos, e, vez por outra, as chamas de minhas velas brilhavam nas lentes.

Malchiah, dê-me a graça de falar com ele.

– Você percebe que eu posso vê-lo – eu disse. – Eu não estou aqui como inimigo. Estou aqui apenas para descobrir por que você assombra. O que o deixou tão aflito? O que o deixou sem disposição para aparecer na luz?

Por um segundo, ele ficou em silêncio, imóvel e reflexivo. Então começou a andar em minha direção.

Eu pensei que meu coração fosse parar de bater. Ele caminhou resolutamente até parar bem na minha frente. Eu contive a respiração. Ele era aparentemente sólido, humano e respirava, enquanto olhava para mim por baixo das sobrancelhas brancas.

Não era nenhum consolo para mim o fato de eu mesmo ser um espírito naquele domínio, de ele ser um milagre tanto quanto eu era. Eu estava com medo, mas determinado a escondê-lo.

Ele passou por mim, saiu do recinto e entrou na passagem.

De imediato, peguei o candelabro e, esquecendo o alaúde, girei o corpo e segui atrás dele. Ele foi em direção à escada e então procedeu a uma descida rápida e silenciosa.

Eu o segui.

Nem uma vez sequer ele olhou para trás. Arqueado e pequeno, movia-se com rapidez, com a destreza de um fantasma, quem sabe, até alcançar a porta trancada de um porão. Passou por ela, e eu, mais do que rapidamente, destranquei-a para segui-lo, descobrindo-o perto do pé da escada enquanto eu corria atrás dele, as velas lentamente revelando os destroços do porão ao nosso redor.

Mesas e cadeiras quebradas encontravam-se por toda parte na laje. Barris de vinho empoeirados estavam encostados na parede. Montes de móveis velhos, amarrados com cordas, estavam empilhados acima dos barris, alguns deles quebrados e derramando o conteúdo despedaçado no chão. Centenas de livros mofados encontravam-se empilhados, com lombadas rachadas e páginas esmagadas.

Estrados de luminárias e candelabros haviam sido revirados, e cestas estavam espalhadas por todos os lados.

O pequeno ancião agora estava em pé no meio do chão, olhando fixamente para mim.

– O que você deseja que eu saiba? – perguntei. Eu queria fazer o sinal da cruz, mas isso seria uma afronta a ele. – Em nome do Senhor no Céu, o que posso fazer?

Ele ficou enfurecido.

Berrou e rosnou para mim, batendo o pé seguidamente no piso do porão e olhando para o chão com raiva, e então começou a se aproximar daquelas pequenas coisas que já estavam espalhadas. Agarrou uma garrafa e arrebitou-a nas pedras. Arremessou livros nas pedras. Rasgou páginas soltas de pergaminhos e tentou em vão jogá-las no chão, furioso ao ver que flutuavam e rodopiavam ao seu redor. Ele pisoteava e apontava e berrava como se fosse um animal selvagem.

– Pare com isso, por favor, eu imploro! – gritei. – Você não é *dybbuk* coisa nenhuma, eu sei disso. Eu escuto os seus gritos. Conte-me o que se passa em seu coração.

Mas eu não tinha como dizer ao certo se ele ouvira as minhas palavras devido aos seus próprio gritos.

Ele começou a arremessar objetos em mim. Pernas de cadeiras, pedaços de potes, garrafas quebradas – o que quer que conseguisse agarrar, ele jogava em mim.

Parecia que o porão inteiro estava tremendo; móveis amarrados tombavam dos barris como se nós estivéssemos em meio a um terremoto. Uma garrafa de vinho me atingiu com força na lateral da cabeça e eu senti o líquido avinagrado escorrer pelo meu ombro. Dei um passo para trás, a cabeça girando, sentindo-me tonto. Mas continuava segurando o candelabro com firmeza, como se o objeto fosse a minha garantia de vida.

Eu estava tentado a condená-lo por isso e a empreender uma discussão com ele, a apelar à sua gratidão afirmando que eu me dignara a vir até aqui em prol dele, mas percebi imediatamente que a ideia era jactanciosa, orgulhosa e estúpida. Ele estava arrasado. Quais eram as minhas intenções para com ele?

Baixei a cabeça e rezei suavemente. *Senhor, por favor, não permita que eu fracasse como fracassei com Lodovico.* Novamente eu escolhi um salmo que não lembrava inteiramente e, à medida que cantava as antigas palavras de súplica, ele foi parando gradativamente.

Ficou imóvel apontando para o chão. Sim, ele estava apontando.

Subitamente eu ouvi Pico na entrada, do alto da escada.

– Mestre, pelo amor dos Céus, saia! – gritou ele.

Não, não agora, eu pensei desesperadamente.

O fantasma desaparecera.

Todos os objetos manipuláveis na sala pareciam estar, de um momento para o outro, voando pelos ares. As velas foram apagadas.

Envolto em irremediável escuridão, eu soltei o candelabro, girei o corpo e corri na direção da penumbra no alto da escada. Eu tinha certeza de estar

sentindo mãos me puxando, dedos agarrando os meus cabelos e uma boca respirando em meu rosto.

Totalmente em pânico, continuei correndo até conseguir segurar a mão de Pico, tirá-lo do caminho e bater a porta do porão com toda a força. Fechei a tranca.

Fiquei prostrado, tentando recuperar o fôlego.

– Mestre, tem sangue no seu rosto – gritou Pico.

Do outro lado da porta, ouviu-se o uivo mais lastimável e, em seguida, um ruído trovejante, como se os barris maiores de vinho estivessem sendo rolados pelo porão.

– Não se preocupe com o sangue – eu disse. – Leve-me até Signore Antonio. Eu preciso falar com ele agora.

Eu segui na direção da casa.

– A essa hora? – protestou Pico, mas eu não desistiria com facilidade.

– Ele sabe quem é esse fantasma, ele deve saber – eu disse. Tentei me lembrar do que haviam me contado. Um erudito hebreu morara na casa, sim, vinte anos atrás. Esse erudito hebreu arrumara a sinagoga no último andar da residência. Será que Signore Antonio jamais imaginara que esse homem pudesse ser o fantasma?

Nós batemos nas portas da casa de Signore Antonio até que o porteiro da noite apareceu e, vendo quem éramos, deixou-nos entrar com olhos sonolentos.

– Eu preciso ver o mestre imediatamente – disse eu ao velho, mas ele apenas balançou a cabeça como se fosse surdo. Era incrível, pensei eu, a quantidade de homens idosos e serviçais inválidos circulando nessa casa. Foi Pico quem pegou uma vela e nos conduziu escada cima.

O quarto de dormir de Signore Antonio estava cheio de lamparinas acesas. As portas estavam escancaradas e eu podia vê-lo bastante bem, em seu longo robe de lã ajoelhado no chão ao pé da cama. Sua cabeça estava nua e suando à luz, e suas mãos estavam esticadas na forma de cruz. Certamente ele estava rezando para seu filho.

Ele se assustou quando eu apareci na porta. E então olhou fixamente para mim com um ultraje mudo.

– Por que você veio aqui agora? – demandou ele. – Eu pensei que você tivesse fugido para salvar a própria vida.

– Eu vi o fantasma que está assombrando a outra casa – eu disse. – Eu o vi por inteiro e certamente o senhor sabe quem ele é.

Eu entrei no quarto e ofereci as mãos para ajudá-lo a se levantar. Ele aceitou, já que isso era bem difícil para ele naquela idade, e, em seguida, ele se afastou e, girando corpo, foi na direção de uma de suas enormes e pesadas cadeiras entalhadas. Desabou nas almofadas e, esfregando o nariz por um instante como estivesse sentindo uma dor, levantou os olhos para mim e disse:

– Eu não acredito em fantasmas! *Dybbuks*, sim, demônios, sim, mas fantasmas, não.

– Bom, é melhor pensar novamente no assunto. Esse fantasma é um pequeno ancião. Ele usa uma túnica preta de veludo longa, como a de um erudito, mas tem fitas azuis costuradas nas extremidades do manto. Ele usa o “distintivo amarelo da vergonha” na túnica e enxerga o mundo através de óculos. – Eu fiz o gesto com meus dedos para descrevê-los na frente de meus olhos. – Ele tem uma cabeça calva e cabelos e barbas longos e brancos.

Ele ficou mudo.

– É esse o erudito hebreu que morou nessa casa vinte anos atrás? – eu perguntei. – O senhor sabe o nome desse homem?

Ele não respondeu, mas ficou vivamente impressionado com o que eu havia descrito. Ele desviou o olhar, perplexo e aparentemente entristecido.

– Pelo amor de Deus, homem, diga-me se sabe quem é esse homem – eu disse. – Vitale está preso debaixo de seu teto. Ele será julgado pela Inquisição por ter um...

– Sim, sim, eu tenho tentado parar tudo isso – gritou ele, erguendo a mão. Ele respirou fundo e, depois de um momento de silêncio, pareceu render-se,

com um longo suspiro, ao que havia feito. – Sim, eu sei quem é esse fantasma.

– O senhor sabe por que ele está assombrando a casa? Sabe o que ele quer?

Ele sacudiu a cabeça. Estava muito claro que aquilo tudo era excruciante para ele.

– O porão, o que ele tem a ver com o porão? Ele me levou até lá. Ele apontava para o chão de pedra.

Ele deixou escapar um longo e agonizante grunhido. Colocou as mãos no rosto e então fixou os olhos em seus próprios dedos que estavam à frente.

– Você realmente viu isso? – sussurrou ele.

– Sim, eu vi isso. Ele fica enraivecido, berra, ele grita de dor. E aponta para o chão.

– Ah, não, não diga mais nada – implorou ele. – Por que eu fui tão tolo a ponto de pensar que não se tratava disso? – Ele deu as costas a mim, como se não conseguisse suportar o meu escrutínio, ou mesmo o de quem quer que fosse, e curvou a cabeça.

– O senhor não pode contar a todos o que sabe? – eu perguntei. – Não pode testemunhar que essa coisa não tem nada a ver com Vitale, ou com o pobre Lodovico, ou com Niccolò? Signore Antonio, o senhor precisa falar o que sabe.

– Puxe a corda do sino – disse ele

Eu fiz o que ele pediu.

Quando seu serviçal apareceu, uma outra relíquia ancestral em forma de ser humano, ele disse para o velho que, de manhã cedo, reuniria todas as pessoas da residência na casa vizinha onde o fantasma estava enraivecido. Essa reunião devia incluir Frei Piero, Niccolò e Vitale, e todos deveriam se reunir ao redor da mesa da sala de jantar, que deveria ser limpa e equipada com lamparinas e cadeiras. Pão, frutas, vinho, tudo deveria estar à disposição, já que ele tinha uma história a contar.

Eu saí de lá.

Pico, que estivera pairando na passagem, levou-me para o aposento de Vitale. Quando chamei o nome de Vitale, ele respondeu com uma voz baixa e inanimada. Eu lhe disse que não tivesse medo. Eu vira o fantasma, e o mistério da criatura logo seria explicado.

Então consenti em ser conduzido até um pequeno quarto de dormir com paredes pintadas e, apesar de bastante curioso em relação a tudo aquilo, desabei na cama de alcova e dormi rapidamente.

Acordei com os primeiros raios da manhã. Eu sonhara com Ankanoc. Nós estávamos sentados lado a lado, conversando em algum lugar confortável, e ele dissera, com todo o seu aparente charme: “Eu não te disse? Existem milhões de almas perdidas em sistemas de dor e pesar e laços sem sentido. Não existe justiça, não existe misericórdia, não existe Deus. Não existe nenhuma testemunha das coisas que sofremos, exceto o nosso próprio sofrimento.” *Espíritos te usando, se alimentando de tuas emoções, não há deus, não há diabo...*

No pequeno quarto de dormir, eu respondi a ele, ou a mim, com muita tranquilidade:

– Existe misericórdia – sussurrei. – E existe justiça, e existe o Uno que testemunha tudo. E, acima de tudo, existe o amor.

CAPÍTULO ONZE

A FAMÍLIA ESTAVA REUNIDA NA SALA DE JANTAR da desafortunada casa quando cheguei. O fantasma estava tendo ataques no porão e vez por outra emitia uivos e rugidos impressionantes que atravessavam os recintos.

Percebi de imediato que havia quatro guardas armados vigiando Signore Antonio, pairando sobre sua cadeira na cabeceira da mesa. Ele parecia descansado, decidido e solene em seus trajes de veludo preto, a cabeça curvada, as mãos juntas como se estivesse rezando.

Niccolò estava com uma aparência estupendamente melhor, e essa era a primeira vez em que eu o vira usando roupas normais. Estava vestido de preto como o pai, assim como Vitale, que estava sentado ao lado dele e olhava para mim com olhos tímidos.

Frei Piero estava sentado ao pé da mesa e, ao lado dele, à sua direita, havia dois outros clérigos e uma pessoa com uma pilha de papéis, um tinteiro e uma pena e que parecia ser, evidentemente, um escrivão. Comida em abundância encontrava-se à disposição no imenso aparador, e uma coleção de assustados serviçais, incluindo Pico, mantinha-se grudada nas paredes.

– Sente-se aqui – disse Signore Antonio, apontando para mim a posição à sua direita. Eu obedeci.

– Eu afirmo novamente que não estou de acordo com tudo isso! – disse frei Piero. – Com essa comunhão com espíritos ou com o que quer que seja essa criatura! Essa casa deve ser exorcizada agora. Estou preparado para começar.

– Chega disso tudo – disse Signore Antonio –, eu sei agora quem está assombrando essa casa e vou contar a vocês quem ele é e por que está promovendo essa assombração. E os conclamo que jamais permitam que palavra nenhuma dita aqui seja repetida fora deste recinto.

Relutantemente os padres concordaram, mas pude notar que não viam-se acatando a recomendação. Possivelmente isso não teria nenhuma importância.

Os ruídos vindos do porão continuavam e, mais uma vez, fiquei convencido de que o fantasma estava rolando os pesados barris de vinho pelo piso.

Com um gesto de Signore Antonio, os guardas fecharam a porta da sala de jantar e nós tivemos uma dose de silêncio na qual Signore Antonio começou a falar.

– PERMITAM-ME COMEÇAR MUITOS ANOS ATRÁS, quando eu era um jovem estudante em Florença e desfrutava consideravelmente da corte dos Medici e não estava nem um pouco contente em ver o duro Savonarola chegar àquela cidade. Vocês sabem de quem se trata essa pessoa?

– Conte-nos, pai – disse Niccolò. – Nós ouvimos esse nome durante nossas vidas inteiras, mas não sabemos ao certo o que aconteceu naquela época.

– Bom, eu tinha muitos amigos entre os judeus de Florença, naquela época como tenho hoje, entre eles amigos eruditos e um professor, em particular, que era bem sério e que estava me ajudando a traduzir textos médicos do árabe que ele, na condição de grande professor de hebraico, conhecia muito bem. Eu venerava bastante esse homem, assim como vocês, meninos, passaram a venerar seus professores de hebraico em Pádua e em Montpellier. Seu nome era Giovanni, e eu tinha uma dívida profunda para com ele pelo trabalho que fizera para mim. Às vezes eu sentia que não o pagava o suficiente por todas as vezes em que ele me dava um manuscrito esplendidamente preparado, pronto para ser levado de imediato para o impressor e, como livro, entrar em circulação para todos os meus amigos

verem e desfrutarem. Eu diria que as traduções e anotações que Giovanni fez para mim circularam por toda a Itália, já que ele trabalhava com muita rapidez em cópias de boa qualidade e, na maioria das vezes, sem um erro sequer.

“Bom, Giovanni, meu bom amigo e companheiro de copo, dependia da minha proteção quando os freis apareciam para pregar seus sermões, que tinham como intuito jogar a população contra os judeus. Também dependia dessa proteção seu amado filho único, Lionello, que era um bom amigo e companheiro como eu jamais tivera igual em toda a minha vida. Eu amava Lionello e amava seu pai do fundo do coração.

“Mas vocês sabem que, em toda Semana Santa em nossas cidades, ocorre a mesma coisa. As portas são fechadas para todos os judeus, da Quinta-feira Santa até o Domingo de Páscoa, não só para a proteção deles como também para quaisquer outras coisas. E, como o teor dos sermões diz respeito ao castigo que eles devem receber por terem sido os assassinos de Cristo, os jovens rufiões invadem as ruas e jogam pedras em todas as casas judias que encontram pela frente. Os judeus permanecem em suas residências, seguros desses ataques, e raramente os incidentes são mais sérios do que uma ou outra janela quebrada, e, quando o Domingo de Páscoa se encerra, a multidão se aquieta novamente e as pessoas já voltaram para seus afazeres, os judeus saem, consertam os vidros de suas janelas e tudo é esquecido.”

– Nós todos sabemos disso e sabemos que eles merecem o que recebem – disse frei Piero –, já que foram efetivamente os assassinos de Nosso Senhor Abençoado.

– Ah, não julguemos os judeus aqui com novas acusações – disse Signore Antonio. – Certamente Vitale aqui é respeitado pelos médicos do papa e possui vários membros de sua família trabalhando para romanos ricos que estão bastante felizes em tê-lo a seu serviço.

– O senhor poderia nos dizer, por favor, o que a Semana Santa tem a ver com os ataques de fúria desse espírito? – rebateu frei Piero. – Será ele por acaso algum fantasma judeu que imagina a si mesmo erroneamente acusado do assassinato de Cristo?

Signore Antonio olhou com raiva e desdém para o padre. E muito repentinamente ouviu-se um barulho vindo do porão, cuja intensidade era maior do que qualquer um registrado anteriormente.

O rosto de Signore Antonio ficou muito sério. E ele mirou frei Piero como se o desprezasse, mas não respondeu de imediato. Frei Piero ficou abalado e enraivecido com o ruído. Assim como os outros padres que estavam com ele. Na realidade, todos ficaram abalados, até mesmo eu. Vitale estremecia a cada novo assalto vindo do porão. E portas em toda a casa começaram a bater como se estivesse ocorrendo uma poderosa ventania.

Elevando a voz acima dos sons, Signore Antonio falou novamente:

– Uma coisa terrível sucedeu a meu amigo Giovanni, em Florença – disse ele. – Uma coisa que envolveu Lionello, a quem eu tanto amava. – Seu rosto empalideceu, e ele se virou para o lado por um momento, como se estivesse impedindo que seus olhos testemunhassem a própria lembrança que estava prestes a relatar. – Só agora, na condição de um pai que perdeu seu filho, eu consigo começar a entender o que isso significou para Giovanni – disse ele. – Na época, eu senti a minha própria dor agudamente. Mas o que sucedeu ao único filho de Giovanni foi mais terrível do que o que aconteceu até mesmo a meu Lodovico sob o meu teto.

Ele engoliu em seco e, com uma voz tensa, prosseguiu.

– Vocês devem se lembrar de que aqueles eram dias diferentes dos dias de que nós hoje desfrutamos em Roma – disse ele –, quando o Pai Sagrado mantém um pulso firme sobre os freis no sentido de que eles não devem insuflar a população contra os judeus.

– Nunca foi intenção dos freis fazer esse tipo de coisa – disse frei Piero. Sua voz estava tão paciente e delicada quanto possível. – Quando pregam na Semana Santa, eles desejam apenas lembrar-nos a todos de nossos pecados. Nós todos somos assassinos de Nosso Senhor Abençoado. Nós todos somos responsáveis pela morte d’Ele na cruz. E, como o senhor mesmo disse, essa história de jogar pedras em casas de judeus não é nada mais do que uma encenação, e todos voltam a ter relações normais em questão de dias.

– Ah, ouçam-me. Em Florença, naquele último ano em que lá vivi, durante tempos tão felizes com meus amigos na corte do grande Lorenzo, uma abominável acusação foi feita contra Lionello, o amado filho de Giovanni, durante a Semana Santa, e foi uma acusação que não poderia conter uma única partícula de verdade.

“Savonarola dera início a suas pregações, começara a insistir na ideia de que o populacho deveria livrar-se das impurezas dos pecados. Ele começara a recomendar a queima de todas as coisas que tinham a ver com uma vida licenciosa. E havia entre seus comandados um grupo de jovens, brutamontes todos eles, que começaram a tentar colocar em prática os desejos dele. Era sempre desse jeito com os freis. Eles tinham ao seu lado o que era comumente chamado de garotos dos freis.”

– Ninguém aprova esse tipo de conduta – disse frei Piero.

– No entanto, eles se reúnem – disse Signore Antonio. – E uma turba deles deixou cair sobre Lionello seu fantástico fardo, acusando-o de profanar publicamente as imagens da Virgem Abençoada, e em três lugares diferentes. Como se um judeu pudesse ser louco o suficiente para fazer uma coisa como essa ao menos uma vez. E então eles estabeleceram três acusações contra ele. E, ao comando dos freis e de seu frenesi coletivo, um triplo castigo foi decretado contra o jovem.

“Agora, marquem minhas palavras, o jovem era inocente. Eu conhecia Lionello! Eu o amava, como contei a vocês. O que teria levado um homem de intelecto e lustre, de amor pela poesia e pela música, a debochar de Nossa Senhora e, diante de outras pessoas, em três lugares diferentes? E, para mostrar a vocês o quanto tudo isso é ridículo, imaginem que ele tenha cometido algum ato de blasfêmia em um dos lugares. Será que teria tido permissão para ir em busca de um segundo e um terceiro lugar para realizar o mesmo crime?

“Mas esses eram tempos loucos em Florença. Savonarola estava angariando poder. Os Medici estavam perdendo o controle.

“E então essa sentença foi decretada sobre o desafortunado Lionello, a quem eu conhecia, compreendam, conhecia e amava como amava Giovanni,

meu professor, conhecia e amava como amo Vitale, o amigo de meu filho, que está sentado aqui conosco.”

Ele fez uma pausa, como se não estivesse mais com vontade de continuar. Ninguém falou nada. E só então percebi que o fantasma estava quieto. O fantasma não estava produzindo um único som sequer.

Eu não sabia se mais alguém reparara isso, porque estávamos todos olhando para Signore Antonio.

– Que sentença foi essa? – perguntou frei Piero.

O silêncio se manteve. Em parte alguma da residência, ouviu-se qualquer coisa bater, se espatifar ou se quebrar.

Eu não chamaria a atenção de ninguém para isso. Ao contrário, continuei ouvindo.

– Foi decretado – disse Signore Antonio – que Lionello deveria ser levado, primeiro, à esquina do Hospital de Santa Maria Nuova, em San Nofri, até uma imagem que ele supostamente desfigurara, para, nesse local, ter sua mão decepada, o que de fato ocorreu.

O rosto de Vitale ficou rígido e seus lábios ficaram brancos. Niccolò ficou absolutamente horrorizado.

– De lá – disse Signore Antonio – , o jovem foi arrastado pela turba até uma Pietá pintada em Santa Maria in Campo, onde sua outra mão também foi decepada. E então era a intenção do populacho arrastá-lo até o terceiro local de suas supostas transgressões, a Nossa Senhora em Or San Michele, para lá ter os olhos arrancados. Mas a turba, já umas duas mil pessoas naquele estágio, não esperou esse último ato abominável ser cometido ao infeliz jovem, mas, isto sim, puxou-o daqueles que o acompanhavam e o mutilaram lá mesmo.

Os dois padres ficaram abatidos. Frei Piero balançou a cabeça.

– Que o Senhor tenha misericórdia de sua alma – disse ele. – As turbas de Florença são todas elas piores do que as de Roma.

– São mesmo? – perguntou Signore Antonio. – O jovem, sem mãos, os olhos arrancados, o corpo mutilado, ficou entre a vida e a morte por alguns dias. E em minha casa!

Niccolò baixou os olhos e balançou a cabeça.

– E eu me ajoelhei ao lado dele com seu pai, que não parava de chorar – disse Signore Antonio – e foi depois disso, depois desse belo jovem que havia sido Lionello finalmente expirar, que eu insisti para que Giovanni viesse para Roma comigo.

“Parecia impossível deter Savonarola. Todos os judeus acabariam sendo expulsos de Florença em pouco tempo. E eu tinha minha abundante propriedade aqui e meus contatos na corte do papa, que jamais acatariam tamanha barbárie na Cidade Sagrada. Pelo menos, era isso o que nós esperávamos e era para isso que rezávamos. De modo que meu Maestro Giovanni, abalado, chocado, mal capaz de falar nem pensar nem tomar um gole de água, veio comigo refugiar-se aqui.”

– E foi para esse homem que você deu essa casa? – perguntou frei Piero.

– Sim, foi para esse homem que eu dei a biblioteca que acumulara, um estúdio no qual trabalhar, luxos que eu esperava o confortariam e a promessa de alunos que viriam até ele em busca de sabedoria assim que seu espírito pudesse ser curado. Anciãos da comunidade judaica vieram estabelecer a sinagoga no último andar dessa casa e lá se reuniam em orações com Giovanni, arrasado demais em espírito para atravessar a porta da frente e sair à rua.

“Mas como, eu pergunto a vocês, pode um pai que testemunhou tamanha barbárie contra seu único filho algum dia recobrar a sanidade?”

Signore Antonio olhou para os padres. Olhou para Vitale e para mim. Olhou para seu filho Niccolò.

– E lembrem-se de minha alma ferida – sussurrou ele. – Pois eu mesmo amara bastante o jovem Lionello. Ele era o companheiro do meu coração, Niccolò, assim como Vitale sempre foi o meu. Ele foi o meu tutor quando meu professor não tinha paciência para mim. Foi com ele que escrevi versos e mais versos na mesa da taberna. Era ele que tocava alaúde, como você toca, Toby, e eu vira suas mãos sendo cortadas, lançadas aos cães como se fossem lixo, e seu corpo sendo destroçado antes de seus olhos serem finalmente arrancados.

– Melhor ele ter morrido, pobre alma – disse frei Piero. – Que Deus perdoe aqueles que fizeram essas coisas a ele.

– Sim, que Deus os perdoe. Eu não sei se Giovanni poderia perdoá-los, ou se eu mesmo poderia perdoá-los.

“Mas Giovanni vivia nessa casa como um fantasma. Mas não um fantasma que arremessa garrafas contra paredes ou bate portas ou joga tinteiros no ar ou lança coisas no chão de um porão. Ele vivia como se não tivesse mais coração. Como se não lhe restasse mais nada, enquanto eu, dia e noite, falava de tempos melhores, de coisas melhores, sobre ele voltar a se casar, já que perdera a esposa tantos anos antes, sobre ele talvez ter um outro filho.”

Ele parou e balançou a cabeça.

– Talvez isso tenha sido a coisa errada a sugerir a ele. Talvez isso o tivesse magoado mais profundamente do que eu poderia supor. Tudo o que eu sei é que ele manteve consigo seus poucos artigos, seus livros, e jamais entrava na biblioteca ou demonstrava se sentir em casa comigo em alguma refeição. Por fim, eu desisti da ideia de fazer com que ele vivesse na casa e desfrutasse dela como se fosse um morador como outro qualquer e voltei à minha rotina normal. Passei a vê-lo quando podia, apenas para encontrá-lo, frequentemente ou não, no porão, evidentemente, e relutante em me visitar, a menos que estivesse certo de que eu estava sozinho. Os serviçais me contaram que ele havia escondido seu tesouro no porão e alguns de seus livros mais preciosos.

“Ele era, em essência, um homem destruído. O erudito não mais existia nele. As lembranças eram dolorosas demais para ele. O presente não existia.

“Então chegava a Semana Santa, como acontecia todos os anos, e aqueles que são judeus nessas ruas fechavam suas portas como sempre e permaneciam dentro de suas casas como mandava a lei. E os durões da vizinhança, os malnascidos, os idiotas, iam como sempre atrás dos sermões da quaresma, jogando pedras nas casas dos judeus e amaldiçoando-os pela morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.

“Eu achava que nada disso poderia atingir Giovanni, já que ele estava em uma das minhas casas, e jamais esperei que qualquer coisa de ruim pudesse acontecer com ele, mas, na noite da Sexta-feira da Paixão, fui chamado por meus serviçais a comparecer de imediato. A turba atacara a casa, e Giovanni saíra para enfrentá-los, chorando, uivando de raiva, jogando pedras neles da mesma maneira com que eles jogavam pedras nele.

“Meus guardas lutavam para pôr um fim ao entrevero. Eu arrastei Giovanni para dentro.

“Mas as ações desesperadas de Giovanni deram início a um tumulto. Centenas de pessoas estavam batendo nas portas e nos muros da casa, ameaçando derrubar o local.

“Ocorre que existem muitos esconderijos nessa casa, atrás de paredes revestidas, em escadas que alguém levaria anos para descobrir. Mas o local mais seguro é o porão, embaixo das pedras no meio do piso.

“Com toda a minha força, eu arrastei Giovanni lá para baixo. ‘Você precisa se esconder’, eu disse a ele, ‘até que eu consiga fazer essa turba ir embora.’

“Ele estava ensanguentado e sangrando, com muitos cortes feios na cabeça e no rosto. Acho que não conseguia me entender. Levantei a falsa laje que esconde um espaço de estocagem subterrâneo e forcei-o a descer, ríspida e desesperadamente, insistindo para que permanecesse ali até que o perigo cessasse. Acho que ele não entendia o que estava acontecendo. Lutava contra mim de maneira insana. Finalmente eu lhe dei um soco que fez com que ficasse quieto. Como uma criança, ele se virou para o lado e, levantando os joelhos, colocou uma das mãos no rosto.

“Foi então que eu vislumbrei seu tesouro e seus livros nesse local escondido e pensei: é bom essas coisas estarem escondidas, pois os rufiões lá fora estão prestes a invadir a casa.

“Ele estava tremendo e gemendo enquanto eu colocava as pedras de volta no lugar.

“As janelas da casa estavam sendo quebradas, a porta estava sendo socada seguidamente.

“Finalmente, cercado pelos serviçais e armado da melhor maneira possível, abri a porta e disse à turba que o judeu que procuravam não estava aqui. Deixei os líderes entrarem para verem com seus próprios olhos.

“Eu os ameacei a todos com uma dura retaliação caso ousassem causar algum dano a qualquer item de minha propriedade. E meus guardas e serviçais os observaram percorrerem os principais aposentos, descerem ao porão e subirem para passar por alguns quartos de dormir antes de finalmente saírem, um pouquinho mais tranquilos do que haviam entrado. Nenhum deles havia se dado ao trabalho de visitar o último andar. Eles não viram a sinagoga nem os livros sagrados. O que queriam era sangue. Eles queriam o judeu que os havia enfrentado e atacado, e este eles não puderam encontrar.

“Uma vez retomada a segurança da casa, eu fui até o porão. Levantei as pedras, ansioso para libertar meu pobre amigo e cuidar dele, e o que vocês acham que encontrei?”

– Ele estava morto – disse frei Piero em voz baixa.

Signore Antonio assentiu com a cabeça. Em seguida, fitou o vazio mais uma vez, como se desejasse, por tudo que fosse sagrado nesse mundo, estar absolutamente sozinho em vez de narrando aquela história.

– Eu o matei? – perguntou ele. – Ou será que ele morreu por causa dos golpes que recebeu dos outros? Como eu podia saber? Eu sabia apenas que ele estava morto. Seu sofrimento acabara. E, naquele momento, apenas recoloquei as pedras no lugar.

“Naquela noite, uma outra turba apareceu, e a casa foi mais uma vez alvo de seu abuso. Mas eu a havia deixado trancada e em segurança, e, quando os brutamontes viram que não havia nenhuma luz acesa em seu interior, finalmente foram embora.

“Soldados vieram na segunda-feira depois da Páscoa. Era mesmo verdade que um judeu conhecido meu havia atacado cristãos na Semana Santa quando era proibido que um judeu fosse visto nas ruas?

“Eu dei as costumeiras respostas evasivas. Como poderia saber uma coisa dessas? ‘Não há mais nenhum judeu aqui. Vasculhem a casa se assim

desejarem.’ E foi exatamente o que eles fizeram. ‘Ele se foi, fugiu’, insisti. Eles foram embora sem mais delongas. Mas voltaram mais de uma vez para fazer as mesmas perguntas.

“Eu estava arrasado de pesar e culpa. Quanto mais remoía o assunto, mais me amaldiçoava pela rispidez com Giovanni, por tê-lo arrastado até o porão, por tê-lo agredido para que se aquietasse. Eu não conseguia suportar o que havia feito, e não conseguia suportar a dor que estava sentindo ao lembrar tudo o que acontecera antes. E, em meu sofrimento, de algum modo eu ousava culpá-lo. Eu ousava culpá-lo por não ter sido capaz de protegê-lo e de curá-lo. Eu ousava amaldiçoá-lo pela imensa tristeza que estava sentindo.”

Novamente ele parou e desviou o olhar. Um longo momento se passou.

– O senhor o deixou lá, enterrado no porão – disse frei Piero.

Signore Antonio concordou com a cabeça, virando-se lentamente para encarar mais uma vez o padre.

– É claro que eu disse para mim mesmo que logo, logo cuidaria de seu enterro. Esperaria até que ninguém se lembrasse do tumulto da Semana Santa e iria até os anciãos de sua comunidade dizer a eles que Giovanni deveria receber um funeral.

– Mas o senhor jamais fez tal coisa – disse frei Piero suavemente.

– Não – disse Signore Antonio. – Jamais fiz. Eu tranquei a casa e a abandonei. De tempos e tempos, eu estocava coisas lá, móveis velhos, livros, vinho, o que quer que precisasse ser mexido de lugar nessa casa. Mas eu nunca mais entrei na casa. Essa é a primeira vez, a primeiríssima vez desde então, que eu entro na casa.

Quando ficou claro que ele mais uma vez fizera uma pausa, eu disse com suavidade:

– O fantasma aquietou-se. O fantasma aquietou-se quando o senhor começou a falar.

Signore Antonio baixou a cabeça e colocou a mão nos olhos. Pensei que ele fosse começar a soluçar, mas apenas respirou bem fundo e então continuou.

– Eu sempre pensei – disse ele – que algum dia teria de cuidar disso. Eu iria providenciar para que as preces adequadas lhe fossem ditas por pessoas da sua própria religião. Mas jamais fiz isso.

“Antes do fim do ano, eu estava casado, e comecei a viajar. Minha mulher e eu enterramos mais de uma criança ao longo dos anos, mas meu amado filho Niccolò, que vocês veem aqui, enganou a morte mais de uma vez. Sim, mais de uma. E sempre houve algum motivo para não se aproximar da casa abandonada, para não remexer a poeira do piso do porão, para não encarar as questões que os judeus faziam a respeito de seu velho amigo e erudito Giovanni, para não explicar por que eu fizera o que havia feito.”

– Mas o senhor não o assassinou – disse frei Piero. – Não foi responsabilidade sua.

– Não – disse Signore Antonio – , mas ele foi assassinado de um jeito ou de outro.

O padre suspirou e balançou a cabeça, concordando.

Signore Antonio olhou incisivamente para Vitale.

– Quando eu o conheci, amei-o de imediato – disse ele. – Você não pode imaginar o prazer que foi trazê-lo para a velha casa, mostrar-lhe a sinagoga e a biblioteca e colocar diante de você tantos livros de Giovanni.

Vitale assentiu gravemente. Havia lágrimas em seus olhos.

Signore Antonio ficou em silêncio. Em seguida, voltou a falar:

– Eu imaginei se meu velho amigo não ficaria satisfeito por você morar debaixo do velho teto, se ele não ficaria satisfeito por você ter contato com todos aqueles seus livros. Imaginei, inclusive, mais de uma vez, se talvez não pudesse lhe pedir para rezar para a alma daquele erudito que morara na casa antes.

– Eu rezarei para ele – sussurrou Vitale.

Signore Antonio olhou diretamente para frei Piero.

– O senhor ainda insiste na tese de que existe um demônio assombrando essa casa, um *dyybuk* judeu? Ou o senhor não vê que se tratava do fantasma de meu velho amigo cuja memória eu consignei ao oblívio porque não consegui suportar sua dor ou mesmo a minha própria?

O padre não respondeu.

Signore Antonio olhou para mim. Eu podia ver que ele queria contar aos outros a descrição que eu havia feito do fantasma, mas não fez isso. Ele não queria me indiciar por ver espíritos ou por conversar com eles. Eu permaneci calado.

– Por que não considere a verdade embutida nisso no começo? – perguntou ele, olhando novamente para frei Piero. – E quem agora é acusado, justamente, de cuidar para que os restos de meu velho amigo sejam finalmente postos para descansar adequadamente?

Nós ficamos sentados em silêncio por um longo tempo. Frei Piero fez o sinal da cruz e murmurou uma prece.

Finalmente Signore Antonio levantou-se, e todos nós nos levantamos com ele.

– Tragam luz – disse ele para os serviçais, e nós o seguimos sala de jantar afora e descemos para o andar principal.

Lá, ele pegou um candelabro com Pico e, tirando a tranca da porta de acesso ao porão, seguiu na frente do grupo escada abaixo.

A cena estava muito pior do que estivera poucas horas atrás, quando eu viera à procura do fantasma. Todos os móveis estavam despedaçados. Todos os livros visíveis haviam sido rasgados. Diversos barris, aparentemente vazios, haviam sido amassados, e vidros quebrados brilhavam ao longo de toda a laje.

Mas não havia nenhum som estranho no local. Na realidade, não havia som algum, exceto o de nossas respirações e os suaves passos de Signore Antonio ao se aproximar do mesmo ponto onde eu vira o fantasma se postar.

Signore Antonio deu ordem para que o piso fosse limpo. De imediato, seus serviçais e guardas varreram os detritos. Suas botas marcaram os poucos buracos na laje.

Rapidamente, com dedos ágeis, as pedras foram reviradas e viram-se livres do espaço que se encontrava abaixo delas.

E lá, à luz do candelabro, à vista de todos, havia o pequeno esqueleto de um homem, uma cadeia solta de ossos mantida unida pelos restos

apodrecidos de suas roupas.

Ao redor dele, empilhados, encontravam-se seus livros. E, ao lado dos livros, seus sacos de tesouros. Mas ele em si, como ele deve ter sofrido naquele local diminuto, chorando, ferido, sem cuidados. Os ossos deixavam isso bem claro, os ossos da mão que estavam esticados para agarrar a pilha que acomodava sua cabeça, e os ossos que tentavam segurar para sempre o precioso livro ao seu lado.

Como parecia diminuto e frágil aquele crânio. E como brilhavam à luz os pequenos óculos.

CAPÍTULO DOZE

NAQUELA TARDE, OS ANCIÃOS JUDEUS FORAM convidados à casa. Signore Antonio encontrou-se com eles privadamente, sem a minha presença, a de Niccolò e a de Vitale.

Um caixão foi trazido naquela noite para acondicionar os restos mortais de Giovanni, e nós, à luz de tochas, acompanhamos os anciãos judeus no longo percurso até o cemitério judaico onde os restos foram depositados. Todas as preces foram ditas como era de se esperar.

Nenhum rufião recebeu permissão para apoquentar o féretro. E já era tarde quando retornamos à casa quieta. Era como se o fantasma jamais houvesse estado lá. Os serviçais ainda varriam os corredores e as escadas, apesar do adiantado da hora, e velas queimavam em muitos cômodos.

Signore Antonio convocou Vitale a juntar-se a ele na biblioteca, e lá disse a ele, como mais tarde Vitale me contaria, que a riqueza de Giovanni fora dividida. Metade seria dada aos anciãos judeus e metade transferida a Vitale, que não somente rezaria pela alma de Giovanni e celebraria sua morte de todas as maneiras aceitáveis, como também começaria a coletar e a restaurar as suas muitas obras literárias. Signore Antonio possuía cópias de muitos desses livros, e Vitale iria atrás daqueles que estavam perdidos. Essa seria a principal tarefa que Vitale realizaria para Signore Antonio durante um bom tempo.

Enquanto isso, Niccolò mudar-se-ia para a casa, como fora planejado, e Vitale começaria a trabalhar como seu secretário novamente.

Em outras palavras, as preces de Vitale haviam sido atendidas e, em certo sentido, também haviam sido atendidas as preces que proferira na sinagoga

na qual estava agora, graças à herança de Giovanni, e de onde sairia um homem rico.

Eu sabia que o meu tempo estava se encaminhando para o fim. Na realidade, eu não sabia por que Malchiah ainda não viera me buscar.

Fiz uma visita a Signore Antonio em sua casa no momento em que ele estava se dirigindo para a cama e lhe disse que logo, logo estaria partindo, já que meu trabalho estava encerrado.

Ele me lançou um olhar longo e repleto de significados. Eu sabia que queria me perguntar como, ou por que, eu vira o espírito de Giovanni, mas não perguntou, já que esse era um assunto perigoso em Roma, e ele estava disposto, obviamente, a deixar que fosse esquecido. Eu queria dizer a ele o quanto sentia por Lodovico ter tirado a própria vida. Tentei pensar nas palavras, mas não consegui. Por fim, estendi os braços e ele se aproximou para me dar um abraço e me agradecer por tudo o que eu fizera.

– Você sabe que pode permanecer conosco pelo tempo que desejar – disse ele. – É um prazer enorme para mim poder contar com um alaudista em minha casa. E eu adoraria escutar todas as canções que conhece. Não estivesse eu de luto por Lodovico, eu lhe suplicaria para que tocasse algo para mim agora. Mas a questão é a seguinte: você pode ficar conosco. Por que não fica?

Ele estava sendo absolutamente sério ao dizer essas palavras e, por um momento, não me ocorreu nenhuma resposta. Eu olhei para ele. Pensei em tudo o que havia acontecido nesses dois dias, e a sensação que tive foi de conhecê-lo há anos. Senti a mesma dor que experimentara em minha primeira missão para Malchiah, quando me tornara tão demasiadamente íntimo das pessoas a quem havia sido enviado para ajudar na Inglaterra.

Pensei em Liona e no pequeno Toby e na garantia que Malchiah me dera no sentido de que eu sabia como amar. Se isso fosse verdade, tratava-se então de um pequeno aprendizado recente, e eu ainda era um iniciante rudimentar na arte do amor e teria, de algum modo, de compensar dez anos de amargura e fracassos para poder amar quem quer que fosse. Seja lá qual

for o caso, eu amava esse homem agora e não queria partir. Assim como queria muito voltar para Liona e Toby, eu não queria partir de onde estava.

Niccolò estava dormindo quando eu fui até seu quarto, e consenti que minhas despedidas fossem um simples beijo em sua testa. Sua cor voltara e ele estava dormindo profunda e tranquilamente.

Quando voltei para a “outra” casa, encontrei Vitale na biblioteca onde havíamos conversado pela primeira vez. Ele já estava lendo algumas das traduções de Giovanni e estava com uma pilha de livros pronta para futuros exames.

Aqueles volumes no esconderijo do porão estavam bastante estragados devido à umidade e ao mofo, mas ele podia distinguir muito bem os títulos e os assuntos de cada um e iria atrás de substitutos em todos os lugares. Ele estava agora completamente absorvido na vida e nas conquistas de Giovanni e falou sobre a possibilidade de procurar outras pessoas que haviam sido pupilas dele em anos passados.

Acontece que Pico lhe contara acerca de nossa visita à casa de manhã cedo, e Pico ouvira minha conversa com o fantasma e também aquela com Signore Antonio na qual eu descrevera o fantasma detalhadamente. Portanto, Vitale sabia de tudo.

Ele disse que, se não fosse por mim, certamente a Inquisição o teria destruído, disse ele estava bem ciente.

– Você jamais teve culpa nisso, em nada disso – eu lembrei a ele. Ele estava lá sentado, tremendo, como se não conseguisse tirar da mente o perigo anterior.

– Mas as minhas preces, as minhas preces por fama e fortuna, você acha que despertaram esse espírito?

– A abertura da casa em si despertou o espírito – eu disse. – E agora o espírito está completamente em paz.

Quando nós nos abraçamos, eu estava quase aos prantos.

Perto de meia-noite, quando todos estavam dormindo, eu fui até a sinagoga, retirei o alaúde do local no chão onde o deixara e me sentei em um dos banquinhos na escuridão, imaginando o que deveria fazer.

Os serviçais haviam varrido o local, limpo todos os candelabros que caíram e tirado a poeira de tudo. Eu podia ver tudo isso por uma nesga de luz que vazava de uma tocha em cima da escada próxima.

Fiquei lá sentado imaginando: por que eu ainda estou aqui? Eu havia me despedido porque sentira um desejo arrebatador de fazê-lo, uma certeza de que deveria fazê-lo, mas eu não sabia como agir agora.

Por fim, decidi sair da casa.

Havia somente Pico montando guarda na porta da frente. Dei a ele grande parte do ouro que tinha nos bolsos. Ele não aceitou, mas eu insisti.

Guardei apenas o que pensei ser necessário para encontrar um lugar quente numa taberna onde pudesse ouvir música e esperar que Malchiah aparecesse logo para me buscar, e tive a forte sensação de que ele apareceria.

Logo, eu me vi andando numa parte da cidade bem distante daquela que conhecia, passando por ruas escuras onde eventualmente um cachorro latia ou alguma figura encapuzada passava correndo. Meus pensamentos estavam pesados. Meu fracasso em salvar Lodovico pesava em mim, não importa quantas vezes eu lembrasse a mim mesmo que o Criador conhecia os corações e mentes de todos nós, e Ele e somente Ele podia julgar a miséria ou a confusão, ou o veneno, que levava Lodovico à sua trilha sombria. Mais do que nunca, eu percebia que o que sabemos a respeito da salvação de uma outra alma é essencialmente nada. Nós estamos sempre pensando e falando sobre nossas próprias almas, e de nossas próprias almas nós não sabemos o que o Criador sabe.

No entanto, eu estava muito contente com o fato de não haver previsto o suicídio dele. Pensei em mim mesmo quando era mais jovem e em quantas vezes eu sentira a tentação de tirar minha própria vida. Havia meses, até mesmo anos, em que eu ficava obcecado com a possibilidade de suicídio, momentos mesmo em que eu inclusive planejara minha própria morte sem esquecer nem mesmo os detalhes referentes ao que fazer com os restos mortais. Na verdade, todas as vezes que eu concluía um assassinato para o Homem Certo, despachando habilidosamente uma outra alma para o

desconhecido, eu ficava tão tentado a tirar minha própria vida, que parece uma proeza eu ter sobrevivido. A que se resumiria a minha vida tivesse eu dado esse passo? Subitamente eu estava quase chorando de gratidão por ter recebido a oportunidade de fazer alguma coisa, qualquer coisa, que pudesse ser boa. Qualquer coisa, eu sussurrava para mim mesmo enquanto caminhava, qualquer coisa que pudesse ser boa. Vitale e Niccolò estavam vivos e bem. E a alma de Giovanni havia, aparentemente, encontrado seu descanso. Se eu tivesse desempenhado a mínima parte que fosse em qualquer dessas coisas, eu já estaria indescritivelmente grato. Então por que estava chorando? Por que eu estava tão triste? Por que não parava de ver Lodovico morrendo com o veneno em sua boca? Não, essa não era uma vitória perfeita, longe disso.

E depois tinha Ankanoc, o verdadeiro *dybbuk* dessa aventura, e suas palavras ainda ecoavam em minha mente. Quando e como eu teria de lidar com Ankanoc de agora em diante? É claro que fora tolice da minha parte pensar que eu talvez pudesse ver anjos e não demônios, que um não pressuporia o outro e que algum personagem sinistro não conseguiria ser mais do que uma voz negativa em minha cabeça. No entanto, eu não havia esperado por isso. Não, não havia. E ainda não sabia como interpretar isso. O fato era que eu acreditava em Deus e sempre acreditara, mas eu não sei se já acreditei no diabo.

Eu não conseguia tirar o rosto de Ankanoc de minha mente, aquela expressão agri-doce, charmosa. Certamente, antes de sua queda, ele fora um anjo tão belo quanto Malchiah, ou pelo menos era o que parecia. Chocante pensar nisso, o vasto firmamento com seus anjos e demônios, o mundo ao qual eu pertencia agora com mais certeza do que qualquer mundo que eu jamais conheceria antes.

Eu estava ficando cansado. Por que Malchiah não me tirara dali? Talvez porque eu tivesse meu coração concentrado em realizar mais um experimento aqui, e este dizia respeito a encontrar uma taberna alegre, cheia de riso e luz, onde não houvesse nenhum alaudista tocando no momento.

Por fim, cheguei a tal lugar cheio de vida e alegria, com sua porta totalmente aberta para a noite. Um fogo crepitava numa lareira que mais parecia uma caverna tosca, e as mesas e bancos rústicos estavam apinhados de homens jovens e velhos, ricos e pobres, muitos dos quais com resplandecentes rostos oleosos, alguns com as cabeças baixas, cochilando nas sombras, e havia também ali crianças adormecidas nos colos de seus pais, ou em trouxas de panos no chão empoeirado.

Quando apareci com meu alaúde, um grito sensual ergueu-se da multidão. Copos foram levantados em saudação. Curvei a cabeça e fui na direção de uma mesa no canto onde, de imediato, duas canecas de cerveja foram depositadas à minha frente.

– Toque, toque, toque. – Os gritos vinham de todas as direções.

Fechei os olhos e respirei bem fundo. Como era doce o aroma do vinho, como era delicioso o malte. E como o ar estava acolhedor, cheio de sons de conversas e gargalhadas. Eu abri meus olhos. No outro extremo da taberna, estava sentado Ankanoc, com a mesmíssima aparência do banquete do cardeal, fitando-me, os olhos cheios de lágrimas.

Balancei a cabeça como se dissesse não a tudo o que ele estava disposto a oferecer, e agora para responder-lhe da melhor maneira que conhecia: com música.

Comecei a dedilhar e então a tocar, e, em questão de segundos, o local inteiro estava cantando comigo, embora a canção que eu estivesse tocando e o motivo deles a conhecerem fossem um enigma para mim. Todas as melodias que eu ouvira daquela época eu podia tocar agora com facilidade, e a mim parecia que eu estava mais feliz aqui nesse momento, cercado por esses cantores toscos e ousados, do que jamais estivera em toda a minha estranha vida nesse tempo, e talvez em qualquer outro tempo. Ah, que criaturas fragmentadas somos nós e como aguentamos.

De fato, lembranças profundas e sombrias voltaram a mim, não desse mundo, mas do mundo que eu deixara havia muito tempo, quando garoto, quando ficava nas esquinas dedilhando antigas canções renascentistas pelas notas que as pessoas jogavam aos meus pés. Eu me sentia tão triste por

aquele garoto, triste por sua amargura, triste pelos erros que ele cometera. Eu me sentia triste por ele ter vivido tanto tempo com o coração fechado e a consciência rompida, afiando a amargura de sua vida em cada lembrança de dor acalentada que carregava consigo dia sim, dia não. E então eu me senti impressionado com o fato de que as sementes de bondade ficaram dormentes por tanto tempo nele, esperando o hálito proveniente dos lábios de um anjo.

Ankanoc se fora, embora eu não soubesse para onde nem como. Tudo ao meu redor eram rostos festivos. Pessoas batiam seus copos e canecas nas mesas no ritmo de minha música. Eu cantava algumas das velhas frases que lembrava, mas, principalmente, tocava o que eles estavam cantando, já que melodias que eu jamais ouvira antes saíam do alaúde que estava em minhas mãos.

Toquei e toquei seguidamente até a minha alma ficar preenchida com o calor e o amor ao meu redor, preenchida com a luz do fogo e com a luz de tantos rostos, preenchida com o som das cordas do alaúde e com as palavras que se transformavam em música, e então pareceu que – bem no meio da minha canção mais ousada, minha canção mais doce, ousada e de difícil execução – eu estava sentindo o ar mudar, e a luz ficar mais brilhante, e eu sabia, eu sabia que todos esses rostos brilhantes que me cercavam estavam sendo transformados em algo que não tinha nenhuma corporeidade, mas eram, isto sim, notas musicais, e era uma música da qual eu era apenas a menor parte, e a música estava ficando cada vez mais alta e cada vez mais alta.

– Malchiah, eu estou chorando – sussurrei. – Eu não quero abandoná-los.

Uma longa faixa de riso quebrou suavemente a escuridão que me cercava, e cada sílaba dela era escolhida como se fosse o âmago de uma melodia, cheia e completa, e destinada agora a se misturar uma com a outra.

– Malchiah – sussurrei.

E senti seus braços me envolvendo. Eu o senti me aconchegando em seus braços enquanto me erguia. A música era feita de espaço assim como de

tempo, e parecia que cada nota era uma boca da qual uma outra boca nascia e então uma outra e uma outra e assim por diante.

Ele estava me aconchegando em seu colo enquanto me carregava para cima.

– Será que eu sempre os amarei tanto? Será que sempre odiarei abandoná-los? Isso faz parte? Faz parte do que eu tenho de sofrer?

Mas a palavra “sofrer” era a palavra errada porque tudo havia sido grandioso demais, esplêndido demais, dourado demais. E pude ouvir seus lábios grudados em meu ouvido lembrando-me disso e dizendo nos tons mais suaves que existem:

– Você trabalhou bem, e agora sabe que existem outros à sua espera.

– Essa é a escola do amor – eu disse –, e cada lição é mais profunda, mais rica, mais requintada do que a anterior.

Eu tive uma visão do amor; vi que não se tratava de uma única coisa, mas de uma grande mistura de coisas, ao mesmo tempo luz e escuridão, dureza e suavidade, e meu coração se partiu à medida que as perguntas espocavam em minha boca.

Mas não houve resposta alguma, a não ser os hinos celestiais.

CAPÍTULO TREZE

A LGUÉM ESTAVA ME SACUDINDO. EU ACORDEI de um pesadelo. Shmarya estava em pé no escuro, de costas para a tênue luminosidade que vinha da janela. Abaixo, ruas imersas na noite.

– Você está dormindo há vinte e quatro horas – disse ele. Nós estávamos em meu quarto no Mission Inn, e eu estava deitado em cima do cachecol amassado, minhas roupas retorcidas e úmidas, meu corpo cheio de dores musculares. O quarto estava frio.

O pesadelo não me saía da cabeça – repleto de todos os indícios típicos de sonhos, as mudanças incoerentes, os rostos distorcidos, os panos de fundo absurdos e incompletos. Era algo completamente diferente da clareza do Tempo dos Anjos.

Tentei ouvir novamente os anjos cantando, mas havia apenas ecos débeis, e um fragmento do pesadelo aflorou para ofuscá-los.

Ankanoc estivera discutindo comigo a respeito do suicídio de Lodovico.

– De acordo com o seu sistema – dissera ele seguidamente –, essa pobre alma vai parar num inferno flamejante. Mas tal lugar não existe. A alma dele vai reencarnar, e ele terá de aprender o que deixou de aprender da primeira vez. – Eu vira o inferno flamejante. Eu ouvira os gritos dos condenados. Ankanoc continuava rindo. – Você pensa que eu sou um demônio? Por que eu ia querer viver em tal lugar? – Um sorriso debochado e então uma expressão rijá. – Você acha que foi visitado por anjos do Senhor? Por que você estaria em tal tormento por tantas coisas? Se o seu Deus pessoal te perdoou, se você de fato voltou-se para Ele, o Espírito Santo por acaso não teria te inundado de consolação e luz? Não, você não sabe nada sobre

Espíritos Celestiais. Mas não permita que isso te assuste. Bem-vindo à Raça Humana.

Eu me sentei, curvei a cabeça e rezei:

– Senhor, livre-me disso. – Eu estava tonto e terrivelmente sedento. A sensação de ter fracassado, de ter deixado Lodovico deslizar para a morte, estava tão forte em mim como estivera em Roma. E eu estava com raiva, com raiva por Ankanoc ter vindo para o meu mundo, para dentro de meus sonhos, para dentro de meus pensamentos.

Se o seu Deus pessoal te perdoou, se você de fato voltou-se para Ele, o Espírito Santo por acaso não teria te inundado de consolação e luz?

– Está tudo acabado, agora – disse Shmarya. Sua voz era tranquila, ressonante, mas jovem, e ele estava vestido como eu, com uma camisa azul de algodão e calças cáqui.

Ele me ajudou a sair da cama. Fui até a janela e olhei para o relógio. Duas da manhã. Os postes de luz forneciam a única iluminação das ruas abaixo.

Lembranças de meu tempo em Roma não paravam de assolar a minha mente, permeando os fragmentos de pesadelo.

– Faça esse sonho ir embora, por favor! – sussurrei.

Para minha surpresa, senti a mão de Shmarya em meu ombro. Nós estávamos olho no olho. *Eu fracassei com Lodovico. Aquele se foi.*

– Pare de lutar – disse ele. Sua expressão era inocente, perscrutadora, as sobrancelhas juntando-se por um instante enquanto ele fazia sua argumentação. – A alma desse homem não está em suas mãos.

– O Criador tem de saber todas as coisas – eu disse. Minha voz ficou embargada. Eu podia ouvir Ankanoc rindo, mas isso não passava de lembrança. Shmarya estava aqui. – E o Criador é o único que pode julgar.

Ele assentiu com a cabeça.

– Onde está o chefe? – perguntei. Estava me referindo a Malchiah.

– Ele vai chegar logo, logo – disse Shmarya. – Você precisa cuidar de você mesmo agora.

– Por que eu tenho a sensação de que você não gosta dele?

– Eu o amo – disse ele simplesmente. – Você sabe disso. Mas ele e eu nem sempre estamos de acordo. Afinal de contas, eu sou seu anjo da guarda. Meu compromisso é simples. Estou encarregado de você.

– E Malchiah?

– Mais uma vez, você sabe a resposta para a sua própria pergunta. Ele é um Serafim. Ele é enviado para atender as preces de muitas pessoas. Ele sabe coisas que eu não tenho como saber. Ele faz coisas que eu não sou enviado para fazer.

– Mas eu pensei que vocês todos soubessem tudo – eu disse. As palavras soaram imediatamente idiotas.

Ele balançou a cabeça.

– Então você não tem como me dizer se Lodovico foi ou não para o inferno, tem? – insisti.

Ele balançou a cabeça.

Eu assenti. Puxei as persianas e acendi a luminária na mesinha de cabeceira.

Era poderosamente reconfortante vê-lo tão completamente perceptível à luz. Ele parecia tão sólido quanto qualquer coisa no quarto. Eu queria tocá-lo, mas não o fiz e então lembrei-me de que ele acabara de me tocar.

Eu não conseguia ler coisa alguma naqueles olhos azuis, nem na maneira relaxada com a qual me estudava. Ele ergueu ligeiramente as sobrancelhas e então disse num sussurro:

– Confie no Criador. O que você acha ou o que eu acho não manda um homem para o inferno.

– Você sabe por que eu estou com raiva?

Ele concordou com a cabeça.

Eu prossegui:

– Porque, antes de ver aquele homem tirar a própria vida, eu não acreditava no inferno. Eu não acreditava no diabo nem em demônios, e quando eu vim para Deus, não foi por medo do inferno.

Ele balançou a cabeça, concordando novamente.

– E agora existe Ankanoc, e existe o inferno.

Ele ponderou o que eu dissera, e então deu de ombros.

– Você ouviu vozes do mal no passado – disse ele. – Você sempre soube do que se tratava o mal. Você nunca mentiu para você mesmo.

– É verdade, mas eu pensava que as vozes viessem de dentro de mim. Pensava que todo o mal que eu testemunhara vinha de dentro dos indivíduos, que demônios e inferno eram construtos arcaicos. Senti que estava eu mesmo me tornando mau, quando tirei uma vida humana pela primeira vez. Sentia que me tornava cada vez pior à medida que matava outros seres humanos. Consigo viver com um mal que existia dentro de mim, talvez porque eu tenha sido capaz de me arrepender. Mas agora existe Ankanoc, um *dybbuk*, e eu não quero acreditar em tais coisas.

– Isso realmente faz tanta diferença assim?

– E não deveria fazer?

– Como medir o mal? Pelo que o mal faz, não é assim? – Ele esperou, e então disse: – Nada mudou. Você abandonou os métodos de Lucky, de Raposa, isso é o que importa. Você é uma Criança dos Anjos. Uma filosofia do mal não altera essas coisas.

Eu assenti. Mas não achava aquilo perfeitamente reconfortante, por mais que fosse verdade. Uma onda de tontura tomou conta de mim. E a sede estava queimando minha garganta.

Fui até a geladeira na salinha de jantar, encontrei uma garrafa de refrigerante gelado e bebi o conteúdo em vários goles. O puro prazer sensual proporcionado por esse ato me tranquilizou e fez com que eu me sentisse um pouco envergonhado. Pensamentos abstratos cedem com tanta facilidade ao conforto físico, pensei.

– Você não nos odeia às vezes? – perguntei a ele.

– Nunca e, repetindo, você sabe que não.

– Você está tentando me persuadir a fazer perguntas genuínas em vez de perguntas retóricas?

Ele riu. Um riso curto de concordância.

A cafeína no refrigerante estava indo para a minha cabeça.

Fui até as outras janelas, uma a uma, e fechei as cortinas, acendendo as luminárias pelas quais passava – em cima da escrivaninha e ao lado da cama. O quarto deu a impressão de estar um pouco mais seguro agora, por nenhum motivo especial. Em seguida, liguei o aquecedor.

– Você não vai me abandonar, vai? – perguntei.

– Eu nunca te abandono – disse ele. Seus braços estavam cruzados. Ele estava encostado na parede próxima à janela, olhando para mim do outro lado do quarto. Embora seus cabelos fossem ruivos, as sobrancelhas eram mais douradas, apesar de suficientemente escuras para garantir à sua expressão um caráter definitivo. Ele usava sapatos iguais aos meus, mas estava sem relógio.

– O que eu estou querendo saber é se você não vai ficar invisível! – eu disse, com um gesto ligeiro de ambas as mãos. – Você vai ficar aqui até eu tomar um banho e mudar de roupa.

– Você tem coisas a fazer – disse ele. – Se eu estiver te distraindo, é melhor eu ir embora.

– Eu não posso ligar para Liona numa hora dessas. Ela está dormindo.

– Mas o que você fez na última vez que voltou?

– Pesquisei. Escrevi. Escrevi tudo o que tinha acontecido. Pesquisei mais sobre a história que havia vislumbrado. Mas você sabe que o chefe nunca vai me deixar mostrar o texto que fiz sobre tudo isso a ninguém. Aquele pequeno sonho de pôr tudo no papel, de ser um escritor, de fazer um livro, já era.

Pensei novamente em como eu me gabara para o meu ex-chefe, o Homem Certo, a respeito de escrever sobre esse grande “algo” que acontecera comigo, e sobre como eu dera uma guinada em minha vida. Eu lhe dissera que ficasse de olho nas livrarias, porque algum dia talvez encontrasse o meu nome na capa de um livro. Como aquilo tudo parecia agora uma tremenda tolice, um tremendo ato de impetuosidade da minha parte. Eu também recordava que lhe havia contado meu nome verdadeiro e desejava não ter feito isso. Por que tive de contar a ele que seu assassino de confiança, Lucky, a Raposa, era na verdade Toby O’Dare?

Imagens de Liona e de Toby pulsavam em minha mente.

Aquelas palavras horrorosas de Ankanoc retornaram a mim. *O Espírito Santo por acaso não teria te inundado de consolação e luz?*

Bom, eu fora preenchido de consolação e luz quando pronunciara aquelas palavras para o Homem Certo e agora estava confuso. Eu não me importava tanto em jamais dizer a qualquer pessoa o que havia feito para Malchiah. Uma Criança dos Anjos deve manter em segredo o que faz, se é isto o que se espera dela, da mesma forma como sempre foi esperado que eu mantivesse em segredo os trabalhos que realizava para o Homem Certo quando era seu assassino. Como eu poderia dar aos anjos menos do que havia dado ao Homem Certo? Mas havia mais coisas, essa inquietude e essa confusão que eu estava sentindo. Eu estava sentindo medo. Estava na presença de um anjo visível e sentia medo. Não era uma coisa assoberbante, mas doía, como se alguém estivesse me submetendo a uma corrente elétrica forte o suficiente para me queimar.

Tomei outro gole do refrigerante, saboreando a temperatura fria do líquido, muito embora eu ainda estivesse sentindo frio, e, em seguida, bebi novamente.

Sentei-me na cadeira ao lado da escrivaninha.

– Tudo bem, você não nos odeia, é claro que não – eu disse. – Mas com certeza você deve ficar impaciente conosco, com nossa busca constante por uma solução simples.

Ele sorriu, como se gostasse da maneira pela qual eu escolhera as palavras, e então disse:

– Qual seria o propósito de eu ficar impaciente? – perguntou, delicadamente. – Na realidade, qual é o propósito de você indagar a respeito dos meus pensamentos e emoções? – Mais uma vez, ele deu de ombros.

– Eu não entendo quando e como você intervém e quando e como você deixa de intervir.

– Ah, essa sim é uma pergunta válida. E eu posso lhe fornecer uma regra – respondeu ele calmamente. Sua voz era, em todos os sentidos, tão gentil quanto a de Malchiah, mas parecia mais juvenil, quase de um garoto. Era

como se fosse um garoto falando com a prudência de um homem mais velho. – Seu livre-arbítrio é o que mais importa – explicou ele –, e nós jamais interferiremos nisso. Então, o que nós dizemos ou fazemos, ou como aparecemos, sempre será governado por esse imperativo: que você possui o livre-arbítrio para agir.

Eu assenti. Terminei o segundo refrigerante. Meu corpo parecia uma esponja.

– Tudo bem – eu disse –, mas Malchiah me mostrou a minha vida inteira.

– Ele mostrou o seu passado. O que está perturbando você agora é o futuro. Você está falando comigo, mas está pensando em milhares de coisas, todas relacionadas ao futuro. Você está imaginando quando e como poderá voltar a ver Liona, e o que acontecerá quando isso ocorrer. Você está pensando em coisas que tem de fazer nesse mundo para apagar as evidências de seu passado abominável como Lucky, a Raposa. Você não quer que os feitos de seu passado possam vir a fazer algum mal a Liona e a Toby. E você está imaginando por que essa última missão de Malchiah foi tão diferente da última, e o que a próxima missão poderá quem sabe envolver.

Tudo aquilo era perfeitamente verdadeiro. Minha mente estava fervilhando com essas questões.

– Por onde eu começo? – perguntei.

Mas eu sabia.

Entrei no banheiro e tomei o banho mais longo da minha história pessoal. E parecia mesmo que a minha história pessoal estava consumindo os meus pensamentos. Liona e Toby. O que a presença deles em minha vida requeria que eu fizesse em seguida? Eu não estava pensando em telefonemas nem em cheques para eles, nem mesmo em visitas. Enfim, o que era solicitado de mim no que dizia respeito a meu passado horrendo? O que Lucky, a Raposa precisava fazer em relação àquele passado?

Fiz a barba e vesti uma camisa azul limpa e calças jeans bem passadas. Eu tinha um pequeno desejo malicioso de ver se meu anjo da guarda trocava de traje porque eu trocara o meu.

Bom, ele não trocou. Estava sentado na cadeira de espaldar alto ao lado da lareira quando eu saí, mirando o local desprovido de lenha.

– Você tem razão – eu disse a ele, como se nunca tivéssemos parado de conversar. – Eu quero saber todas as respostas com relação ao futuro, e com relação ao meu futuro. Tenho de lembrar que você não está aqui para tornar isso mais fácil para mim.

– Bom, num certo sentido, nós estamos, e num outro não – disse ele. – Mas você tem coisas a fazer agora, e é melhor fazê-las. Faça novamente o que mais lhe deu proveito antes.

Ele estava com as sobrancelhas ligeiramente inclinadas, as pupilas se movendo cada vez mais ligeiramente, porém com constância, como se, me observando, ele estivesse observando uma imensa demonstração de movimento e detalhes que eu não conseguia compreender.

– Você passa tempo demais estudando nossos rostos – ofereceu ele. – Você jamais será capaz de nos ler dessa maneira. Nós não poderíamos lhe explicar o modo como pensamos, mesmo que quiséssemos.

– A sua expressão facial pode ser desonesta, ou enganadora? – perguntei.

– Não – disse ele com um sorriso plácido.

– Você gosta de ser visível para mim?

– Gosto – disse ele. – Nós gostamos do universo físico. Nós sempre gostamos. Gostamos da corporeidade de vocês. Achamos isso interessante.

Eu estava fascinado.

– Você gosta de conversar comigo para que eu possa realmente ouvir sua voz? – perguntei. – Você gosta realmente disso?

– Gosto – respondeu ele. – Gosto muito.

– Você deve ter tido dez anos horríveis quando eu era um matador – comentei.

Ele riu sem emitir nenhum som, seus olhos movendo-se pelo teto. Em seguida, olhou para mim e disse:

– Não foram os meus melhores momentos. Vou ter de admitir isso.

Balancei a cabeça, concordando, como se o tivesse pegado numa surpreendente série de admissões, mas é claro que eu não o havia pegado

em nada.

Entrei na área da pequena cozinha e fiz café. Finalmente, quando a primeira xícara ficou do jeito como eu queria, voltei para ele, bebericando o café, saboreando a quentura da mesma maneira com que saboreara antes a frieza do refrigerante.

– Por que Ankanoc teve permissão para me testar? – perguntei. – Por que ele teve permissão para me conduzir daquela maneira em Roma?

– Você está perguntando a *mim*? – respondeu ele. Novamente surgiu aquele pequeno dar de ombros. – Anjos especiais aparecem para aqueles que possuem um destino especial. E demônios especiais têm como alvo aqueles mesmos indivíduos de um jeito especial.

– Quer dizer então que eu posso esperar novas investidas? Ele nunca vai desistir?

Ele ponderou acerca disso e indicou que não tinha como dar uma resposta. Apenas um pequeno gesto com as mãos e um leve erguer das sobrancelhas.

– O que você aprendeu sobre Ankanoc? – perguntou.

– Ele escolheu o caminho da razão para me atacar, velhos argumentos, teorias que eu já havia lido. Aventurou-se pela filosofia da Nova Era, os testemunhos daqueles que viajaram para fora de seus corpos, afirmaram ter tido experiências quando estiveram à beira da morte. Mas ele misturou tudo. A questão é a seguinte: ele atacou a minha fé pela razão, muito mais do que o meu abalado autocontrole.

Ele novamente imergiu em pensamentos, ou em algo similar a isso. Parecia ter a minha idade, imaginei, mas por que escolhera aparecer com cabelos ruivos eu não conseguia adivinhar, e parecia que seu corpo era um pouco mais robusto do que o de Malchiah. Essas coisas tinham de significar alguma coisa, mas o quê? Deve haver regras para tudo isso, um vasto sistema delas, mas talvez seja intrincado demais e complicado demais para que eu consiga entender.

Ele falou subitamente, trazendo-me de volta à conversa.

– Existe uma velha história – disse ele –, sobre um santo que uma vez disse: “Mesmo quando o Príncipe das Trevas assume a forma de um anjo da luz, você o reconhecerá pelo rabo reptiliano.”

Eu ri.

– Eu já ouvi essa história – eu disse. – Eu sabia quem era esse santo. Bom, Ankanoc não tinha rabo reptiliano.

– Mas ele se entregou de uma forma ou de outra. Você entendeu quem era ele muito cedo; pelo discurso dele, pelas observações indelicadas que fez sobre os seres humanos.

– Foi exatamente isso – concordei. – E também pela maneira como usava os pontos de vista da Nova Era em questões de vida e morte e do motivo de nós estarmos aqui. O que é fascinante sobre esses pontos de vista é que eles são apresentados por toda uma variedade de pensadores, que determinados padrões de pensamento emergem de pioneiros psíquicos por todo o globo. Mas Ankanoc tratou-os como se fossem dogma e tentou dar uma ênfase especial a eles.

– Tenha em mente o seguinte – disse ele. – Não importa o que ele faça e diga, ele sempre se mostrará como realmente é. Demônios são muito cheios de ódio e raiva para ser suficientemente inteligentes. Não os superestime. Isso pode vir a ser tão ruim quanto subestimá-los. E se você chamá-lo pelo nome, ele deverá atendê-lo, de modo que é bastante improvável que tente se disfarçar novamente.

– Então você está dizendo que demônios não são tão espertos quanto anjos.

– Talvez possam ser – disse ele –, mas o estado da mente deles interfere com sua inteligência. Interfere com a capacidade de observação e de conclusão deles. Interfere com tudo o que eles fazem. Os apuros nos quais eles se encontram são atrozes. Eles se recusam a admitir que perderam.

Aquilo era lindo. Eu gostei. Gostei do caráter enigmático e da verdade embutida naquelas palavras.

– Você o conhece pessoalmente? – perguntei.

– Pessoalmente? – Ele teve um ataque de riso. – Pessoalmente! – disse ele outra vez com um sorriso resplandecente. – Toby, você é um jovem fascinante. Não, eu não o conheço pessoalmente. Eu não acho que ele me daria essa oportunidade. – Ele riu novamente. – Ele não acha que precisa se preocupar comigo, “um mero anjo da guarda”. É Malchiah que o tira do sério. Ele ainda tem muito a aprender.

– Então, depois do trabalho, quando eu estiver dormindo, por exemplo, você e Ankanoc não podiam sair para tomar um drinque juntos no Tempo dos Anjos?

– Não – disse ele, rindo novamente. – E, por falar nisso, eu não estou de folga quando você está dormindo. Provavelmente você sabe muito bem disso.

– Você estava comigo em Roma? – perguntei.

– Claro que sim. Eu estou sempre com você. Eu sou seu anjo da guarda, eu te disse. Eu estou com você desde antes de você ter nascido.

– Mas, em Roma, você não podia estar comigo, aparecer para mim, me ajudar? – perguntei.

– O que você acha? – perguntou ele.

– Ah, de novo não. Vocês anjos estão sempre virando as perguntas pelo avesso.

– Não é que nós fazemos isso mesmo! – sussurrou ele. – Mas pelo menos agora nós dois sabemos uma razão para você estar assim tão perturbado. Você está zangado por eu não ter vindo em seu auxílio. Mas Malchiah veio, não veio?

– No fim, ele veio, sim – respondi. – Ele veio quando tudo já tinha acabado. Mas será que não dava para um de vocês dois ter me dado alguma dica de que aquela criatura estava me cercando, utilizando-se de meios extraordinários?

Ele deu de ombros.

– Eu acho que você deve se curvar aos desejos de Malchiah – eu disse.

– Essa é uma maneira de descrever as coisas – disse ele. – Malchiah é um Serafim. Eu, não.

– Por que você está aqui agora? – perguntei.

– Porque você precisa de mim e quer que eu esteja aqui, e você está aflito e suas ideias acerca do que fazer daqui para frente são insípidas. Isso, pelo menos, é parte da resposta. Mas eu acho que já está na hora de você começar a fazer o que fez depois de sua última missão. Portanto, talvez seja melhor eu partir.

– Eu gostaria que você estivesse sempre visível.

– Você acha que é isso o que deseja. Você possui memória curta. Eu não estou aqui para interferir no seu caráter humano.

– As Crianças dos Anjos sentem-se sós? – perguntei.

– Você está se sentindo só, não está? – perguntou ele. – Você acha que uma presença ostensiva de seres angelicais pode anular o desejo humano? Nós estamos aqui porque você é humano. Você será humano até o dia de sua morte.

– Eu gostaria de saber como é a sua aparência real! – eu disse.

A atmosfera ao meu redor mudou instantaneamente. Era como se alguma força houvesse sacudido o quarto todo, talvez o edifício todo, e certamente todo o meu ponto de vista.

Os objetos no quarto sumiram. A gravidade desapareceu. Eu não estava em parte alguma. Um som imenso preencheu os meus ouvidos, um som vagamente similar às reverberações de um gongo gigantesco e, ao mesmo tempo, uma infindável luz branca preencheu a minha visão em grandes rajadas douradas. Tudo o que eu conseguia enxergar era essa luz explodindo. Havia um âmago nela, uma pulsação, um âmago vibrante do qual emanavam enormes rajadas de ouro e, muito repentinamente, tudo ficou bem além de qualquer linguagem que eu possuísse. Lutava em meu cérebro em busca de conceitos que pudessem descrever a cena, fazer com que eu me apossasse dela e a mantivesse em meu poder, mas isso não era possível. Houve um movimento, um tremendo movimento, alguma coisa parecida com circunvoluções ou erupções. Mas as palavras não têm o menor significado em comparação ao que eu via. Eu tive uma momentânea sensação de *reconhecimento*. Eu ouvi a mim mesmo arquejar em alto e bom som: “Sim”,

mas isso acabou antes mesmo de ter começado. A luz definia um espaço vasto demais para eu poder enxergar ou perceber algo e, no entanto, eu via, eu via seus inalcançáveis limites. O som alcançara uma intensidade dolorosa. A luz contraiu-se e desapareceu.

Eu estava deitado no chão, mirando o teto em domo acima de mim. Fechei os olhos. O que conseguia reproduzir em minha mente não era nada, não era nada em comparação ao que eu acabara de ver e de ouvir.

– Perdoe-me – sussurrei. – Eu já devia saber.

CAPÍTULO CATORZE

ANTES DE QUALQUER COISA, FUI ATÉ O COMPUTADOR atrás das informações que queria sobre o período que passei em Roma.

Não fiquei surpreso por não encontrar em nenhum registro histórico os nomes daqueles que visitara.

Mas o horrendo e cruel incidente envolvendo o filho de Giovanni, em Florença estava registrado em mais de um lugar. Nenhum nome era fornecido, nem do homem acusado de blasfemar as imagens, nem de sua família. Mas era com toda a certeza o mesmo incidente, e eu fiquei com uma lembrança forte do ancião Giovanni me encarando na sinagoga depois que eu parara de tocar o alaúde.

Eu não tinha dúvidas de que minha missão havia se dado entre pessoas reais. E continuei estudando as várias fontes de que dispunha sobre o período histórico em foco.

Logo descobri o que jamais deveria ter esquecido, que Roma havia sido saqueada em 1527, ocasião na qual milhares de vidas foram perdidas. Algumas fontes diziam que toda a comunidade judaica havia sido aniquilada por volta dessa época.

Isso significava que praticamente todas as pessoas que eu conhecera em Roma podem ter perdido suas vidas nesse momento da história, apenas nove anos, ou até menos, depois da época de minha visita.

Agradei a Deus por desconhecer essa parte da história enquanto estava lá. Mas, muito mais importante do que isso, percebi em um instante o que não conseguira entender ao longo de toda a minha vida egoísta: que é

imperativo para nós nesse mundo não saber ao certo o que ocorrerá no futuro. Pode não haver um presente se o futuro for conhecido.

Pode ser que eu tenha tido conhecimento intelectual acerca disso aos doze anos de idade. Mas agora a coisa aparecia diante de mim como uma força mística. E fazia com que eu me lembrasse que estava lidando com criaturas, do porte de Malchiah e Shmarya, que sabiam muito mais sobre o futuro do que eu desejava saber. Ter raiva deles ou ficar ressentido com eles porque viviam com esse fardo não fazia o menor sentido.

Havia muitas coisas sobre as quais eu gostaria de refletir.

Em vez disso, digitei um relato breve e conciso de tudo o que acontecera comigo desde o meu último “relato”. Redigi não apenas a história da minha aventura em Roma, como também a história do meu encontro com Liona e Toby e o que ocorrera naquela circunstância.

Enquanto terminava a tarefa, ocorreu-me que havia motivos distintos para a minha segunda missão ter sido diferente da primeira. Na primeira aventura, eu fora enviado para fazer algo até certo ponto direto: salvar uma família e uma comunidade de uma acusação injusta. Eu resolvera o problema a mim apresentado com má-fé, mas não houve nenhuma sombra de dúvida em minha mente de que a trilha tomada havia sido a correta.

Talvez os anjos não pudessem estimular o uso de mentiras como as que eu utilizara no Tempo dos Anjos, mas eles permitiram que eu o fizesse, e eu sentia que sabia o porquê.

Muitas pessoas nesse mundo mentiram para se salvar do mal e das mais diversas injustiças. Quem, em nosso próprio tempo, não teria mentido para salvar judeus do genocídio nas mãos do Terceiro Reich?

A minha segunda missão, no entanto, não envolveu nenhuma situação como essa. Eu procurara usar a verdade para resolver os problemas que estava enfrentando e descobri que, na realidade, isso era uma coisa bastante complexa e difícil de ser feita.

Então era seguro afirmar que cada uma das minhas missões seria mais complexa do que a anterior? Eu estava apenas começando a refletir sobre essas coisas, quando finalmente parei.

Era meio-dia. Estivera acordado por dez horas e escrevendo durante grande parte desse tempo. Nada havia comido. Poderia muito bem começar a enxergar anjos que não estavam presentes.

Vesti meu paletó e desci para almoçar no restaurante do Mission Inn. Lá, encontrei-me mais uma vez refletindo após os pratos terem sido retirados.

Estava tomando minha última xícara de café quando reparei num jovem em outra mesa olhando fixamente para mim. Mas, quando eu o encarei, ele fingiu estar lendo jornal.

Permiti-me mirá-lo por um bom tempo. Ele não parecia ser nem anjo nem *dybbuk*. Apenas um homem. Era mais jovem do que eu e, enquanto o observava, ele me olhou mais de uma vez e finalmente se levantou da mesa e foi embora.

Eu não fiquei surpreso de vê-lo no saguão, sentado em uma das cadeiras grandes, com os olhos voltados para a entrada do restaurante.

Eu memorizei o que vi: ele era jovem, talvez quatro ou cinco anos mais novo do que eu. Tinha cabelos castanhos curtos e encaracolados e olhos azuis quase bonitos. Usara óculos de aros escuros enquanto estivera lendo. E estava vestido de um modo razoavelmente elegante, com um paletó Norfolk de cor marrom, um suéter branco de gola rulê e calças cinzas. Havia uma certa vulnerabilidade em sua expressão, uma ansiedade, que negava por completo qualquer possibilidade de perigo em minha mente, mas saber que estava sendo percebido por alguém não me agradava nem um pouco e imaginei quem seria e por que estaria ali.

Se ele fosse mais um anjo no caso, eu queria saber. E, se fosse mais um demônio, bom, ele não tinha a presença ou a confiança de Ankanoc, e não consegui sentir sua aproximação.

A questão do perigo era bem real. Lucky, a Raposa, sempre tivera a antena virada para aqueles que pudessem estar de tocaia ao seu redor, fossem eles enviados por seus inimigos, fossem eles enviados por seu chefe.

Mas esse homem simplesmente não parecia se incluir, em hipótese alguma, na classe dos indivíduos perigosos. Nenhum policial, nem agente do Homem Certo, teria olhado para mim de maneira tão óbvia. Um outro

assassino jamais teria permitido ser descoberto. De uma forma ou de outra, o incidente servia para me deixar ciente do quanto eu me sentia seguro, embora ainda permanecesse comigo uma ansiedade em relação a ter fornecido o meu verdadeiro nome ao Homem Certo.

Esqueci aquilo, achei um lugar tranquilo num pátio externo, onde o sol estava agradavelmente quente e a brisa, fresca, e liguei para Liona.

O som de sua voz quase me trouxe lágrimas aos olhos. E, somente enquanto conversávamos, eu percebi que ela e Toby haviam voado de volta para casa havia não mais do que cinco dias.

– Pode acreditar em mim – eu disse. – Eu quis te ligar antes. Ando pensando em você desde que você foi embora. Eu quero te ver novamente e sem demora.

Ela também queria isso, ela disse. Tudo o que eu tinha a fazer era dizer o local e a hora. Ela explicou que levava para o advogado todos os documentos legais que eu lhe dera. Seu pai estava satisfeito por saber que eu assumira a responsabilidade por meu filho daquela maneira.

– Mas, Toby, tem uma coisa me incomodando – explicou ela. – Os seus primos aqui sabem que você está vivo?

– Não, não sabem – admiti. – E, se eu voltar para Nova Orleans, bom, tenho a impressão de que vou ter de me encontrar com eles.

– Tem uma coisa que eu não te falei antes, mas acho que precisa saber. Mais ou menos três anos atrás, quando você foi declarado...

– Legalmente morto? – sugeri.

– Isso. Bom, o seu primo Matt pegou todas as suas coisas, veio aqui em casa e nos entregou alguns dos seus livros velhos. Toby, ele sabia. Pelo menos, eu tinha contado a ele que Toby era seu filho.

– Isso é bom, Liona. Fico contente. Eu não me importo nem um pouco com o fato de Matt saber. Eu não posso te culpar por contar a ele.

– Bom, tem mais uma coisinha. Você sabe que o meu pai, você sabe que acima de tudo ele é médico.

– E aí?

– Ele pediu permissão a Matt para fazer alguns testes de DNA nas provas retiradas do apartamento da sua mãe. Papai disse que queria isso por motivos médicos, para saber se havia algum problema médico na família que Toby poderia vir a...

– Eu compreendo. – Gelei por inteiro. Lutei para manter a voz equilibrada. – Tudo ótimo. Isso é completamente razoável – menti. – Matt disse sim, e o seu pai fez o teste do DNA da minha família e o comparou com o DNA do pequeno Toby. – *O que significa que existe um registro de DNA próximo àquele de Lucky, a Raposa, num arquivo.* Meu coração estava aos solavancos. – Você não está tentando me dizer que havia algum problema congênito...

– Não. Eu só queria que soubesse. Nós pensamos que você estivesse morto, Toby.

– Liona, não se preocupe. Está tudo bem. E fico contente por vocês terem feito isso. Seu pai sabe com certeza que o pequeno Toby é meu filho.

– Bom, isso também teve a ver com a decisão – confessou ela. – Ele tem prova de afinidade, é assim que eles chamam a coisa, e isso já serve.

– Escuta, meu amor. Eu tenho algumas coisas para fazer. Preciso falar com o meu chefe. E, assim que eu descobrir como é que vai ficar a minha agenda, eu te ligo. Agora estou com o celular pré-pago e você tem o número. Pode ligar quando quiser.

– Ah, pode deixar que eu não vou te incomodar, Toby – insistiu ela.

– Se eu não atender, significa que não posso falar – eu disse.

– Toby?

– Oi?

– Eu queria que você soubesse uma coisa, mas eu não quero que fique assustado.

– É claro. O que é?

– Eu te amo – disse ela.

Deixei escapar um longo suspiro.

– Ficarei eternamente feliz depois de ouvir isso – sussurrei. – Porque o meu coração está em suas mãos.

Desliguei.

Eu estava imensamente feliz e imensamente estressado. Ela me amava. E eu a amava, e então todas as outras sombrias verdades se intrometeram, com mais rapidez do que eu conseguia nomeá-las ou mesmo reconhecê-las. Ninguém no rastro de Lucky, a Raposa, jamais obtivera uma amostra de DNA, mas agora o Homem Certo sabia que Lucky, a Raposa, e Toby O'Dare eram uma única pessoa, e havia o DNA da família de Toby O'Dare em um arquivo em Nova Orleans. E eu havia tolamente contado ao Homem Certo que havia nascido em Nova Orleans.

“Há coisas que você tem de fazer”, dissera Shmarya com tantas palavras, e ele estava certo. Eu não podia fazer nada em relação a essa questão do DNA e, na realidade, talvez isso nem tivesse importância, tendo em vista como as minhas diversas vítimas foram eliminadas, mas havia outras coisas que eu podia fazer e devia fazer prontamente.

Fiz o check-out no hotel e dirigi até Los Angeles.

Meu apartamento estava como eu o deixara, com as portas escancaradas para o pátio e as flores caídas das árvores de jacarandá ainda se acumulando na sossegada rua abaixo.

Vesti umas roupas velhas e dirigi até a garagem onde havia deixado meus caminhões, meus disfarces e meus outros materiais, por uns dois ou três anos. Por duas horas, após ter o cuidado de vestir luvas e um capuz, destruí as mais diversas coisas.

Eu jamais preparara minhas misturas venenosas a partir de, digamos, “substâncias controladas”. Praticamente todos os coquetéis letais que eu bolara em toda a minha vida foram feitos a partir de remédios que não necessitavam de prescrição médica ou de flores e ervas disponíveis em todos os lugares. Utilizara microseringas que qualquer diabético pode comprar sem maiores dificuldades. Todavia, a reunião de itens na garagem constituía uma espécie de evidência, e eu me senti muito melhor quando a última garrafa havia sido esvaziada e o último pacote, queimado. Cinzas desceram pelo ralo. E uma grande quantidade de água desceu atrás delas.

Limpei os caminhões com muito cuidado e, em seguida, os levei para áreas diferentes do centro de Los Angeles, onde os deixei com as chaves na ignição. As placas e os registros eram todos frios, de modo que não me traziam nenhuma preocupação. Caminhei por mais ou menos seis quarteirões depois de deixar o último caminhão, especulando que, àquela altura, todos eles poderiam muito bem já ter sido roubados, e peguei um táxi para voltar aos arredores da garagem.

O lugar estava agora vazio. Deixei as portas abertas e destrancadas.

Em questão de horas, pessoas sem-teto entrariam no lugar em busca de abrigo ou de seja lá quais utensílios de valor que porventura pudessem encontrar. Seus pertences pessoais, suas digitais e seu DNA logo estariam em todos os cantos, e esse era um desfecho bastante adequado, assim como fora no passado, para qualquer garagem desse tipo que Lucky, a Raposa, houvesse utilizado.

Dirigi de volta para casa sentindo-me um pouquinho mais seguro, e sentindo que Liona e Toby também estavam um pouquinho mais seguros. Eu não tinha como ter certeza de coisa alguma, na verdade. Mas estava fazendo o que podia para impedir que Lucky, a Raposa, fizesse algum mal a eles.

A ansiedade que eu estava sentindo era considerável e inevitável. Percebi que, independentemente do que acontecesse comigo, com Malchiah e com Shmarya, eu estava me tornando Toby O'Dare no mundo, e Toby O'Dare jamais existira de fato antes como existia agora. Eu estava me sentindo nu e vulnerável, e não estava gostando disso. Na realidade, estava surpreso por estar gostando tão pouco disso.

Naquela noite, peguei um avião e voei para Nova York.

E, no dia seguinte, fiz as mesmas coisas na garagem que mantinha por lá. Fazia quase um ano desde a última vez que eu estivera naquele pousado específico, e não gostei nem um pouco de estar de volta. Nova York tinha muitas lembranças chocantes para mim, e eu estava particularmente sensível a elas agora. Mas sabia que isso precisava ser feito. Deixei os veículos em áreas nas quais certamente seriam roubados e, por fim, deixei a garagem

exatamente como fizera com a outra, aberta a quem quer que estivesse disposto a entrar.

Senti vontade de sair de Nova York naquele instante, mas havia mais uma coisa que queria muito fazer. Eu precisava pensar bastante antes de executar o meu pequeno plano. Passei a noite e a manhã seguinte fazendo exatamente isso. Estava muito contente com o fato de os anjos não estarem visíveis para mim. Compreendia agora por que não estavam. E os termos da minha nova existência estavam fazendo um pouco mais de sentido para mim.

Quando a tarde chegou, saí do hotel e fui andando até encontrar uma igreja católica.

Devo ter caminhado horas e horas até achar uma igreja que parecia ter as características que eu queria; e tudo isso não passava de sensações, já que eu não dedicara nenhum pensamento ao assunto.

Eu sabia apenas que estava em algum lugar de Midtown quando toquei a campainha da reitoria e disse para a mulher que atendeu à porta que eu queria me confessar. Ela olhou fixamente para as minhas mãos. Estava quente, e eu estava usando luvas.

– A senhora pode chamar o padre mais velho da casa? – perguntei a ela.

Eu não tinha muita certeza de que ela havia ouvido ou entendido. Levou-me até um pequeno salão esparsamente mobiliado com uma mesa e diversas cadeiras de madeira retas. Havia uma pequena janela com cortinas empoeiradas revelando parte de um pátio asfaltado. Um grande crucifixo fora de moda estava pendurado na parede. Eu me sentei, fiquei imóvel e rezei.

Tive a impressão de ter esperado meia hora até um padre bastante idoso aparecer. Fosse ele um padre mais jovem, provavelmente eu teria deixado uma doação e saído sem dizer uma palavra. Mas aquele homem era um ancião, um pouco encolhido, com uma cabeça quadrada extremamente grande e óculos de aros de metal que retirou e depositou em cima da mesa à sua direita.

Tirou sua indispensável estola púrpura, uma longa e fina faixa de seda necessária para a audição de confissões, e colocou-a no pescoço. Seus

cabelos grisalhos eram espessos e estavam desgrenhados. Ele recostou-se em sua cadeira de madeira e fechou os olhos.

– Abençoe-me padre, porque eu pequei – eu disse. – Pequei ao longo de dez anos desde a minha última confissão e tenho estado longe demais do Senhor. Por dez anos, eu cometi pecados terríveis e mais numerosos do que consigo mencionar e posso apenas estimar quantas vezes fiz coisas erradas.

Não houve nenhuma mudança em seu semblante.

– Eu tirava vidas obstinada e deliberadamente. Eu dizia a mim mesmo que estava matando homens maus, mas, na verdade, eu estava destruindo as vidas de pessoas inocentes, principalmente no início, e eu agora nem consigo afirmar quantas foram. Depois daqueles primeiros e mais terríveis crimes, fui trabalhar para uma agência que me usava para matar outras pessoas, e eu obedecia às ordens deles sem questionar, aniquilando em média três pessoas por ano ao longo de dez anos. Essa agência me disse que nós éramos os Caras Legais. E eu acho que o senhor entende por que não posso falar mais sobre isso do que já falei até agora. Eu não posso contar quem eram essas pessoas nem para quem especificamente eu fazia essas coisas. Só posso contar que sinto muito por elas e jurei de joelhos que jamais tiraria a vida de outra pessoa novamente. Eu me arrependi de todo o coração. Também decidi trilhar um caminho de reparação, compensar nos anos que me restam o que eu fiz nesses últimos dez. Tenho um mentor espiritual que sabe tudo o que eu fiz e está dirigindo a minha reparação. Tenho confiança que Deus me perdoou, mas vim aqui receber a absolvição do senhor.

– Por quê? – perguntou ele. O padre tinha uma profunda e sonora voz de barítono. Ele não moveu nem abriu os olhos.

– Porque eu quero voltar a me comungar – respondi. – Eu quero estar na minha Igreja na companhia de outras pessoas que acreditam em Deus como eu e quero voltar a participar da mesa de banquete do Senhor.

Ele permaneceu como estava antes.

– Esse mentor espiritual – disse ele. – Por que não te dá a absolvição? – Ele pronunciou a última palavra com força, sua voz profunda quase um

rugido no peito.

– Ele não é um padre da Igreja Católica Romana – eu disse. – É uma pessoa com credenciais impecáveis e grande capacidade de julgamento, e seus conselhos orientaram o meu arrependimento. Mas eu sou um homem católico, e é por isso que vim até aqui. – Continuei explicando que cometera outros crimes, crimes de luxúria e ganância e crimes vulgares de indelicadeza. Listeï tudo o que me vinha à cabeça. É claro que eu deixara de frequentar as missas aos domingos. Abandonara as obrigações dos dias santos. Deixara de comemorar os dias de festa, tais quais o Natal e a Páscoa. Vivera distante de Deus. Prossegui com a minha narrativa. Conteï-lhe que, devido às minhas imprudências de juventude, eu tinha um filho e fizera agora contato com essa criança e que todo o dinheiro que eu havia ganho com minhas ações passadas estava sendo disponibilizado para a criança e para a mãe da criança. Eu manteria apenas o necessário ao meu próprio sustento, mas jamais voltaria a matar.

“Eu imploro que o senhor me dê a absolvição”, eu disse finalmente.

Um silêncio se interpôs entre nós.

– Você percebe que algumas pessoas inocentes podem acabar sendo acusadas dos crimes que você cometeu? – aventurou-se ele a dizer. Sua voz de barítono tremeu ligeiramente.

– Que eu saiba, isso jamais aconteceu. Bom, tirando as minhas ações disparatadas no início, tudo o que eu fiz quando era contratado era sigiloso. Mesmo no caso daqueles primeiros assassinatos, até onde sei, ninguém jamais foi acusado. E eu tinha um bom conhecimento a esse respeito e acho que, não, ninguém jamais foi acusado.

– Se alguém for acusado, você terá de se apresentar – disse ele. Ele suspirou, mas não abriu os olhos.

– Eu farei isso.

– E você não voltará a matar, nem que seja para essas pessoas que chamam a si mesmas de Caras Legais – murmurou ele.

– Correto. Nunca mais. Não importa o que aconteça, eu nunca mais farei isso.

Ele ficou quieto por um momento.

– Esse mentor espiritual... – começou.

– Peço-lhe que não me force a revelar a identidade dele, assim como peço que não me force a revelar a identidade daqueles para quem eu fazia as matanças. Peço que confie que estou dizendo a verdade. Eu vim até aqui exatamente por isso.

Ele refletiu. A voz profunda rolou de dentro dele mais uma vez.

– Você sabe que mentir na confissão é um sacrilégio.

– Eu não omiti nada. Não menti sobre nada. E agradeço ao senhor pela compaixão em não me forçar a revelar maiores detalhes.

Ele não respondeu. A mão enrugada e cheia de nódoas aterrisou com esforço na superfície da mesa.

– Padre, é difícil para um homem como eu ser uma pessoa responsável nesse mundo. É impossível para mim conseguir algum dia preencher o vácuo que me separa daqueles seres humanos inocentes que jamais fizeram as coisas horrorosas que fiz. Eu agora estou consagrado a Deus. Vou trabalhar para Ele e somente para Ele. Mas eu sou um homem que vive nesse mundo e quero ir para minha Igreja nesse mundo com outros homens e mulheres e quero assistir à missa com eles e quero me aproximar e apertar as mãos deles enquanto rezamos juntos o Pai Nosso sob o teto do Senhor. Eu quero comungar com eles. Quero fazer parte da minha Igreja nesse mundo no qual eu vivo.

Ele respirou fundo e com dificuldade.

– Diga o seu Ato de Contrição – disse ele.

Um pânico súbito. Essa era a única parte do processo que eu não estudara em detalhes. Eu não conseguia me lembrar da oração toda.

Forcei-me a tirar tudo da cabeça, exceto que estava falando com o Criador.

– Oh, Deus, sinto do fundo do meu coração Vos haver ofendido, e desprezo todos os meus pecados porque eles me separaram de Vós, e, embora eu tema a perda do céu e as dores do inferno, sinto muito por meus pecados por causa dessa separação e por causa do terrível mal que fiz às

almas cujas jornadas interrompi, e eu sei que jamais poderei desfazer os equívocos cometidos a elas, por mais que eu me esforce. Por favor, querido Deus, ratifiquei meu arrependimento e dai-me a graça de vivenciar-vos diariamente. Permiti que eu seja vosso filho. Permiti que os anos que me restam sejam anos voltados para vos servir.

Sem jamais abrir os olhos, ele levantou a mão e me deu a absolvição.

– Penitência, padre? – perguntei.

– Faça o que lhe disser o seu mentor espiritual – disse ele.

Ele abriu os olhos, tirou a estola, dobrou-a e recolocou-a no bolso. Estava prestes a sair sem ter olhado para mim uma única vez sequer.

Tirei um envelope do bolso. Estava recheado de notas altas, todas elas já devidamente livres de quaisquer impressões digitais. Eu o entreguei a ele.

– Para o senhor ou para a Igreja ou para o que o senhor quiser, minha doação – disse.

– Não é necessário, jovem, você sabe disso – O padre lançou sobre mim uma única vez seus grandes olhos marejados e, em seguida, desviou o olhar.

– Eu sei disso, padre. Eu quero fazer essa doação.

Ele pegou o envelope e saiu do recinto.

Eu saí da igreja, senti o ar quente da primavera ao meu redor, acariciando-me e tranquilizando-me, e então comecei a andar de volta para o hotel. A luz estava suave e agradável, e eu senti um amor assoberbante pelas muitas pessoas pelas quais passava ao acaso. Até mesmo a cacofonia da cidade estava me reconfortando, o rugido e o barulho do tráfego similares à respiração de um ser vivo ou à batida de um coração.

Quando cheguei à Catedral St. Patrick, entrei, sentei-me num banco e esperei o início da missa noturna.

Esse espaço vasto e belo estava tão reconfortante para mim quanto sempre fora. Eu vinha aqui com frequência, não só antes como também depois de iniciar a minha vida para o Homem Certo. Sempre ficava mirando o altar distante por horas e horas, ou ficava andando para cima e para baixo nos corredores da igreja, inspecionando a magnificência da arte e os diversos sacrários. Essa era para mim a Igreja Católica por excelência, com

seus arcos no teto longínquo e sua grandeza injustificável. Eu estava dolorosamente contente por estar aqui agora, dolorosamente contente por tudo o que havia acontecido recentemente comigo.

Uma razoável multidão começou a se reunir à medida que escurecia do lado de fora. Eu me aproximei do altar. Queria ouvir a missa e também vê-la. No momento da consagração do pão e do vinho, baixei a cabeça e chorei. Eu não ligava se alguém havia notado. Pouco importava. Quando nós nos levantamos para rezar o Pai Nosso, tirei as luvas e estendi a mão para as pessoas que estavam nos meus dois lados enquanto pronunciávamos as palavras sagradas.

Quando me dirigi à comunhão, não consegui disfarçar as lágrimas. Mas isso pouco importava. Se alguém reparou, eu não reparei nessa pessoa. Eu estava sozinho como sempre estive, confortável em meu anonimato e nesse ritual. E, no entanto, estava conectado a todos aqui, eu era parte desse lugar e desse momento, e a sensação era simplesmente gloriosa.

E é perfeitamente aceitável chorar quando se está comungando numa Igreja Católica.

Posteriormente houve um momento em que, quando estava ajoelhado no banco com a cabeça baixa, fiquei pensando em como o mundo, o grande mundo real ao meu redor, encararia o que eu estava fazendo aqui. O mundo moderno que tanto detesta rituais.

O que os rituais significavam para mim? Tudo, porque eles eram os padrões que refletiam os meus mais profundos sentimentos e compromissos.

Eu havia sido visitado por anjos. Eu seguira o seu amoroso conselho. Mas aquele foi um milagre. E esse, o Milagre da Verdadeira Presença de Nosso Senhor Abençoado em carne e vinho, era outro. E esse milagre era o que importava para mim agora.

Eu não me importava com o que o grande mundo pensava. Eu não me importava com questões de teologia ou lógica. Sim, Deus está em todos os lugares, sim, Deus permeia tudo no universo, e Deus também está aqui. Deus está aqui agora dessa maneira, em mim. Esse ritual trouxe-me para Deus e trouxe Deus para mim. Deixei que a minha compreensão disso

abandonasse o mundo das palavras e entrasse num silencioso processo de aceitação.

– Deus, por favor, proteja Liona e Toby de Lucky, a Raposa, e de tudo o que ele fez, por favor. Permita que eu viva para servir Malchiah; permita que eu viva para Liona e meu filho.

Fiz muitas outras orações. Rezei por minha família; rezei para cada uma das almas que enviara precocemente para a eternidade; rezei por Lodovico; rezei pelo Homem Certo; rezei pelos anônimos e pelas inúmeras pessoas cujas vidas haviam sido despedaçadas pelas maldades que eu fizera. E então dei vazão à Oração da Quietude, apenas ouvindo a voz de Deus.

A missa terminara havia mais de meia hora. Saí do banco, genuflexionando como nos velhos tempos, e percorri o corredor, sentindo uma maravilhosa sensação de paz e pura felicidade.

Assim que alcancei os fundos da igreja, notei que a porta da lateral esquerda estava aberta, mas não as portas principais, de modo que me dirigi à rua por esse caminho.

Havia um homem em pé ao lado da porta com as costas voltadas para a luz, e algo nele me chamou a atenção, o que fez com que eu olhasse diretamente para ele.

Era o jovem do Mission Inn. Usava o mesmo paletó marrom de veludo cotelê com uma camisa branca aberta no colarinho debaixo de um colete. Ele olhou fixamente para mim. Parecia estar emocionado, como se estivesse prestes a falar. Mas não falou nada.

Meu coração retumbava nos ouvidos. O que diabo ele estava fazendo aqui? Passei por ele, saí da igreja e pus-me a caminhar na direção oposta à de meu hotel. Eu estava trêmulo. Tentei vasculhar todas as possibilidades que pudessem talvez explicar essa estranha visão, mas, na verdade, não havia muitas. Ou isso era uma coincidência ou ele estava me seguindo. E, se ele estivesse me seguindo, então talvez tivesse me visto ir até as garagens em Los Angeles e Nova York! Isso era absolutamente insuportável.

Nunca, em todos os meus anos como Lucky, a Raposa, eu senti a presença de alguém me seguindo. Mais uma vez, amaldiçoei o dia em que

dissera o meu verdadeiro nome ao Homem Certo. Mas eu não estava conseguindo encaixar esse jovem de aparência estranhamente vulnerável em qualquer cenário que envolvesse o Homem Certo. Então quem era ele?

Quanto mais eu subia a Quinta Avenida, mais certo ficava de que esse cara estava bem atrás de mim. Eu podia sentir isso. Nós estávamos nos aproximando do Central Park. O tráfego em direção ao centro estava pesado e barulhento, o som irritante das buzinas acabando com os meus nervos, a fumaça dos motores deixando os meus olhos úmidos. No entanto, eu estava agradecido por nós estarmos aqui, em Nova York, em meio às primeiras multidões da noite, com pessoas de todos os lados.

Mas o que diabo eu iria fazer com aquele cara? O que poderia fazer? E ocorreu-me, com um peremptório senso de finalidade, que eu não podia, em hipótese alguma, fazer o que talvez Lucky, a Raposa, tivesse feito. Eu não podia cometer nenhum ato de violência com ele. Independentemente do que ele soubesse, essa opção não me era mais viável. Fiquei subitamente enlouquecido pelo fato. Senti-me preso numa armadilha.

Eu queria olhar para trás para ver se conseguia avistá-lo e, assim que tirei o pé do meio-fio para atravessar a rua, olhei de relance por cima do ombro com muita inquietude.

De repente, duas mãos firmes agarraram os meus braços e me puxaram com força. Meu tornozelo ficou preso no meio-fio. Eu tropecei, mas para trás. Um táxi passou voando por mim, avançando o sinal para atravessar a Quinta, o que incitou gritos de todos os lados. O táxi quase me atropelara.

Eu estava bastante abalado.

É claro que pensei que fosse Malchiah ou Shmarya quem me salvara. Mas, quando me virei para ver quem era, lá estava o jovem em pé a centímetros de mim.

– Aquele carro podia ter te matado – disse ele. O rapaz se afastou. Sua voz era a voz de uma pessoa educada, em nada familiar a mim.

O táxi bateu em alguma coisa ou em alguém no outro lado da Quinta. O barulho foi horrível.

Agora havia pessoas à nossa volta, deixando bastante claro que nós estávamos bloqueando a calçada.

Mas eu queria dar uma boa olhada nessa pessoa, portanto não me mexi, e ele estava apenas a poucos passos de mim, olhando-me bem nos olhos da mesma maneira como fizera na catedral.

Ele era realmente jovem, pouco mais de vinte anos, no máximo. De algum modo, parecia estar implorando algo de mim.

Virei-me e caminhei até o muro mais próximo e fiquei lá parado. Ele veio comigo. Foi exatamente o que eu esperava. Eu estava fervendo de hostilidade. Estava com raiva, com raiva por ele ter me seguido, com raiva por ter-me salvado daquele táxi. Eu estava com raiva por ele não estar mais com medo de mim, por ter ousado chegar tão perto de mim, por ter se mostrado tão pouco temeroso.

Eu estava totalmente furioso.

– Há quanto tempo você está me seguindo? – quis saber. Eu não estava tentando esconder os dentes cerrados, estava com muita raiva.

Ele não respondeu. Ele próprio estava bastante abalado. Eu podia ver todos os pequenos sinais em seu rosto, a maneira com que seus lábios se moviam sem formar palavras, a maneira com que as pupilas dançavam enquanto olhava para mim.

– O que você quer de mim? – perguntei.

– Lucky, a Raposa – falou em voz baixa e íntima. – Eu quero que você fale comigo. Quero que me conte quem mandou você matar o meu pai.

FIM

29 de janeiro de 2010

NOTA DA AUTORA

AS CANÇÕES DO SERAFIM SÃO OBRAS DE FICÇÃO. Entretanto, eventos reais e pessoas reais inspiram um pouco do que se passa nesses livros. E todos os esforços foram feitos para apresentar o ambiente histórico dos romances com toda a acuidade.

O trágico incidente da mão decepada e subsequente mutilação de um rapaz judeu em Florença, em 1493, é descrito em detalhes em *Public Life in Renaissance Florence*, de Richard G. Trexler, publicado pela Cornell University Press. Entretanto, não há nenhum registro nas fontes que consultei acerca da identidade do jovem, seus parentes nem seu destino. Eu usei essas fontes para criar uma versão fictícia do incidente nesse romance.

A flor chamada “Morte Púrpura” é fictícia. Por motivos óbvios, eu não quis incluir detalhes relacionados a venenos reais nesse livro.

Minhas principais fontes para o romance foram dois livros de Cecil Roth, um livro bem grande intitulado *The History of the Jews of Italy*, e um trabalho mais curto, porém não menos informativo, chamado *The Jews of the Renaissance*, ambos publicados pela Jewish Publication Society of America. Também de tremenda ajuda foi parte da Jewish Community Series e traduzida por Moses Hadas e também publicada pela Jewish Publication Society of America. Também fui ajudada por *Jewish Life in Renaissance Italy*, de Robert Bonfil, traduzido por Anthony Oldcorn e publicado pela University of Chicago Press. *The Renaissance Popes*, de Gerad Noel, também foi de grande ajuda, e tenho uma dívida para com Noel pelo fato de o papa Julio II jantar caviar todos os dias.

Consultei muitos outros livros sobre Roma, sobre a Itália, sobre os judeus pelo mundo durante esse período da história, e esses livros são numerosos

demais para ser nomeados aqui. Qualquer estudante interessado em aprofundar seus estudos encontrará recursos abundantes nas pontas de seus dedos.

Mais uma vez, quero agradecer a Wikipedia, a enciclopédia online.

No que diz respeito ao alaúde renascentista, ouvi uma boa quantidade de música enquanto escrevia esse livro, mas fui singularmente inspirada por um CD chamado *The Renaissance Lute*, de Ronn McFarlane. Eu gostaria de recomendar ao ouvinte a faixa Número 7, intitulada apenas “Pessemeze”. Essa peça musical provou-se particularmente obsedante, e eu imagino Toby, meu herói, tocando-a durante suas últimas horas na Itália renascentista.

Mais uma vez, gostaria de agradecer pela existência e a beleza do Mission Inn em Riverside, Califórnia, e a bela Missão de San Juan Capistrano.

E gostaria também de agradecer novamente, e com fervor e gratidão especiais, a Jewish Publication Society of America por tudo o que eles fizeram pela pesquisa de campo da história judaica.



ANNE RICE é autora de 30 livros. Ela vive em Rancho Mirage, Califórnia. *Tempo dos anjos* e *De amor e maldade* fazem parte da série As Canções do Serafim. Dela, a Rocco publicou: *Cântico de sangue*, *Chore para o céu*, *Cristo Senhor – A saída do Egito* (Livro 1), *Cristo Senhor – O caminho para Caná* (Livro 2), *Entrevista com o vampiro*, *A fazenda Blackwood*, *A história do ladrão de corpos*, *A hora das bruxas* – vols. I e II, *Lasher*, *Memnoch*, *Merrick*, *A múmia*, *Pandora*, *A rainha dos condenados*, *Sangue e ouro*, *O servo dos ossos*, *Taltos*, *O vampiro Armand*, *O vampiro Lestat*, *Violino*, *Vittorio*, *o vampiro*.